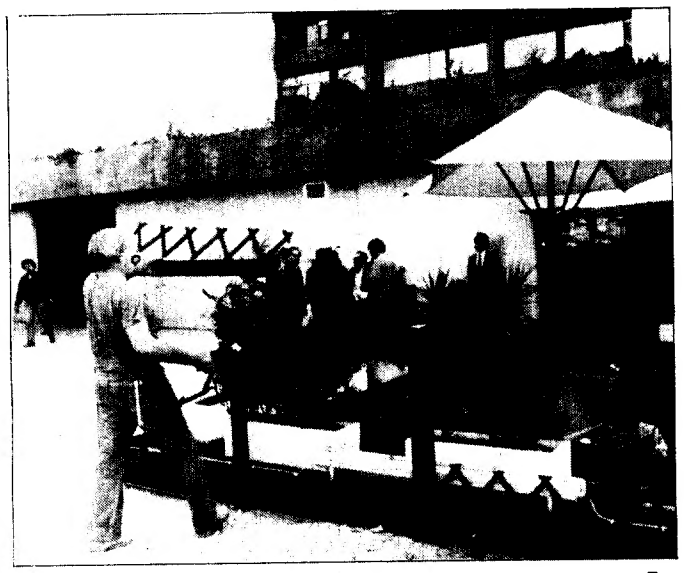
Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 339 Terça-feira, 14 de Abril de 1987 Preço 40$00



Esta manhã foi uma esplanada

Lisboa avança nas demolições de clandestinos

A Câmara de Lisboa voltou esta manhã ao ataque no seu combate às construções clandestinas na capital. Mas o primeiro caso aprazado não chegou a ser atingido pelo camartelo municipal: a vedação de uma esplanada num centro comercial foi pacificamente retirada por quem a tinha instalado.

Pag. 9

Aprovado plano municipal de defesa do Bairro Alto

Duas propostas ontem aprovadas na Câmara pugnam pela defesa do Bairro Alto, uma das zonas históricas de Lisboa mais degradadas.

Pág. 7

GOVERNO PERDE "BANDEIRA"

INFLAÇÃO ACELEROU EM MARÇO

E agora, Miguel Cadilhe?

A bandeira da inflação, que o Governo hasteara no mastro nais alto da sua propaganda, está em riscos de ser arreada, perdendo-se assim o principal trunfo continuamente esgrimido contra a oposição. Isto porque, no mês de Março, segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística ontem divulgados, a inflação inflectiu a sua marcha decrescente acelerando, pela primeira vez nos últimos meses. Os preços subiram 1,4 no mês de Janeiro, quando em Fevereiro tinham subido, apenas, 1 por cento, em Janeiro 1,2 e em Dezembro 1,7 por cento. A média anual da inflação fixou-se, assim, em finais de Março, nos 10,9 por cento.

Pág. 15

Um homem satisfeito

PSD e CDS dão forma à AD nº 2

Uma nova AD parece tomar forma depois do encontro de ontem entre Adriano Moreira e Eurico de Melo. Os sociais-democratas deram aos centristas garantias escritas quanto à continuação do diálogo entre as duas formações com vista a uma solução maioritária, a estabelecer pós eventuais eleições. Ficaram definidos os princípios pelos quais se regerão as relações entre o CDS e o PSD no caso de eleições, com os centristas «promovidos» à posição de «parceiro e interlocutor privilegiado». O remate deste princípio de acordo está agora dependente da decisão que o Presidente da República vier a tomar. Indigitação de um partido para formar Governo ou eleições antecipadas?

Pág. 4

O velho Ritz reanima-se (mas cabaré como dantes já não é)

Muitos se lembram do velho «Ritz Club» ninguém volatrá a vê-lo como antes. Reabriu agora as suas portas ... mas é outra coisa, necessariamente.

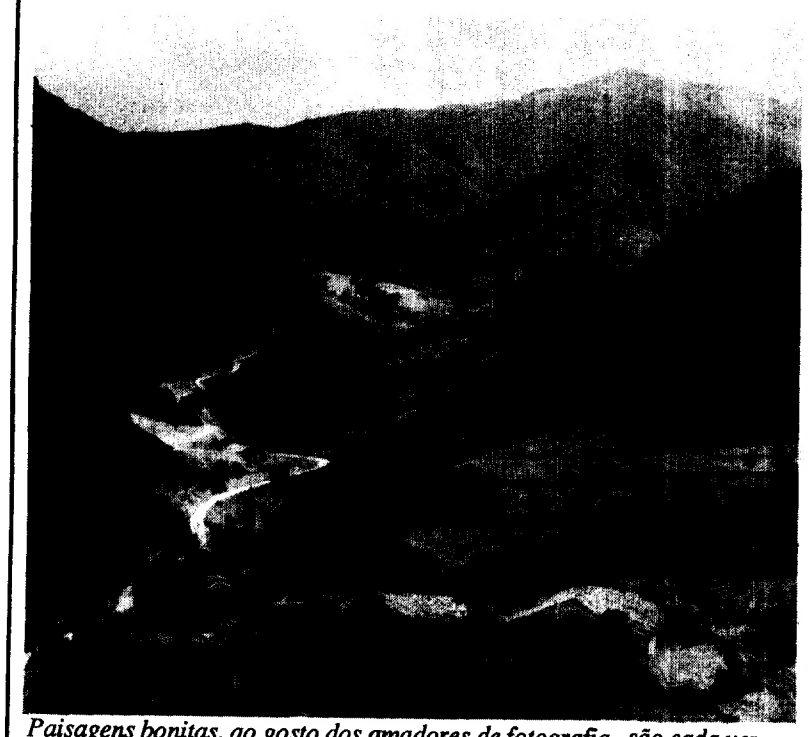
Págs. 10 e 11

Ecologia: uma alternativa para o século XXI-1

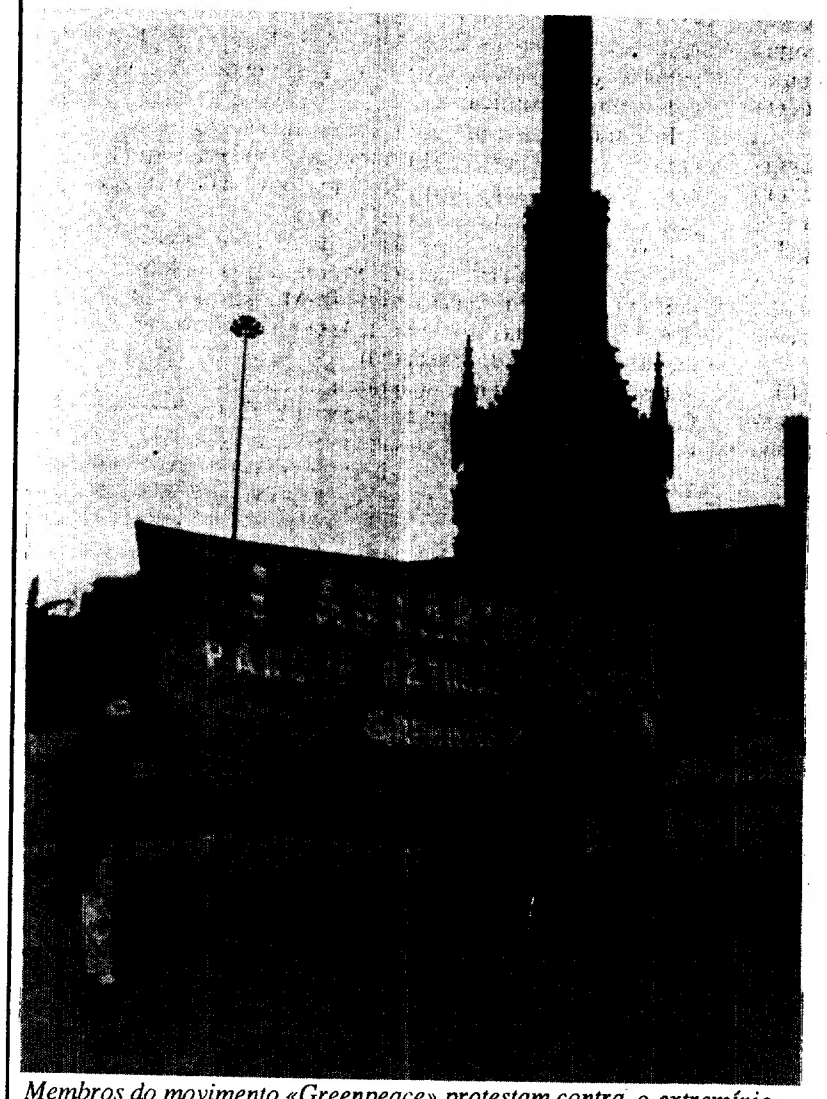
Um movimento popular

Manuel Maria

«Cada época — escreveu um ecologista militante — enfrenta problemas específicos, e a actual coloca à Humanidade o problema da sua própria sobrevivência». Dois perigos principais ameaçam o curso da História contemporânea: o holocausto nuclear e a catástrofe ecológica. Foi no intuito de evitar ambos que se desenvolveu uma consciência social, fortalecida com o passar dos anos e conhecida em todo o mundo por ecologia ou movimento ecológico.



Paisagens bonitas, ao gosto dos amadores de fotografia, são cada vez mais difíceis de encontrar



Membros do movimento «Greenpeace» protestam contra o extermínio dos pinguins

Esta é, pois, a alternativa que se nos oferece: livrar o mundo e a Humanidade de uma morte certa, através da aplicação dos princípios da ecologia, uma ciência nascida no século passado e baptizada pelo biólogo alemão Haeckel — o seu nome deriva do grego oikos = casa e logos = discurso ou ciência. A ecologia é um dos ramos da biologia e estuda a relação dos seres vivos entre si e com o meio físico onde se desenvolvem.

Porém, a ecologia é já mais do que uma ciência, embora ainda não se possa considerar como uma ideologia política. Partilha do movimento cultural e dos problemas sociais, embora surja por vezes como uma moda. Em todo caso, a ecologia está a transformar-se numa espécie de consciência colectiva, a qual se estende cada vez mais a um número maior de indivíduos.

É possível afirmar que, neste último quartel do século XX, todos nós somos um pouco ecologistas, apesar de apenas alguns milhares em todo o mMundo serem verdadeiros militantes. Segundo um estudo da Federação de Amigos da Terra, 47% da população espanhola simpatizava com o movimento ecológico no final de 1984. Contudo, este movimento está muito desenvolvido e divulgado no Centro e Norte da Europa, bem como nos EUA, Canadá e Austrália, ou seja, nos países desenvolvidos.

Uma forma de cultura

É em França que reside a origem do movimento ecológico. Em 1854 foi criada no referido país a Sociedade Imperial Ecológica de Aclimatação, mas seria a partir do famoso Maio de 68 que o movimento ecológico deflagraria como uma bomba e se expandiria pelo Planeta como símbolo de uma juventude que aspirava a um mundo diferente. O movimento «hippie» também contribuiria para a divulgação e popularização da ecologia, a qual se tornou num tema debatido não só pelos ecologistas mas também pelos agrónomos, sociólogos, psicólogos e até pelos economistas.

Mais do que uma ciência, a ecologia transformou-se num movimento cultural ou numa forma de cultura, prevendo-se que, no século XXI, todo o mundo será ecologista — ou então já não existirá um mundo. Eis a alternativa oferecida pela ecologia: ou alteramos definitivamente a nossa maneira de viver, ou pereceremos todos a curto prazo; desde logo, esta tomada de posição vai contra os ideais de consumo das nossas sociedades burguesas ocidentais.

O ocologista Laurent Samuel, autor de **Le Guide Practique de l'Ecologiste**, escreveu: «A industrialização do pós-guerra acelerou a destruição dos meios naturais e acarretou um aumento das contaminações, bem como originou a extinção de espécies vegetais e animais, a desertificação, a fome, o esgotamento de determinados recursos naturais, os riscos nucleares e químicos, o excesso de população, etc...».

David J. Bellamy, professor de Botânica e autor de várias séries televisivas de divulgação científica, bem como de catorze livros dedicados à mesma temática, afirmou recentemente a um jornal de Barcelona: «Em cada minuto que passa desaparece uma espécie animal ou vegetal, perdem-se 42 hectares de vegetação natural e 28 crianças de idade inferior a 5 anos morrem devido a subalimentação e pobreza».

Somos uma geração de inconscientes

Somos uma geração de inconscientes. Enquanto tudo isto ocorre, a sociedade coloca no desemprego milhares de agrónomos, biólogos, químicos, botânicos e outros profissionais de tantas ciências da Natureza, os quais se poderiam dedicar a evitar a grande catástrofe que se avizinha. Dos cinco milhões de espécies animais e vegetais existentes na Natureza, um milhão e meio está em risco de extinção.

A 9 de Setembro do ano transacto, reuniram-se em Génova (Itália) na Convenção para a Protecção do Mar Mediterrâneo contra a Contaminação, os representantes de 15 países banhados pelo Mare Nostrum — exceptuando o Líbano e a Líbia — os quais chamaram a atenção dos 350 milhões de habitantes dos Estados do Mediterrâneo, bem como dos 100 milhões de turistas que visitam anualmente esta região, para que respeitem os excepcionais valores naturais, económicos e culturais da zona e se comprometam, individual e colectivamente, a protegê-la.

A reunião e os acordos feitos entre estes senhores apenas levam a prever que, um dia, os próprios poderes políticos farão alguma coisa para salvar a ecologia. Por enquanto, as suas palavras e decisões não vão muito longe, mas há já várias instituições de carácter diverso que lutam pela salvação do Mediterrâneo e de muitas outras zonas em perigo.

Uma prova da situação do Mare Nostrum está no facto de a citada convenção ter sido forçada a instaurar medidas de urgência, as quais, infelizmente, levarão anos até serem postas em prática, como seja «o estabelecimento de estações de controlo para resíduos petrolíferos nas águas e nos portos, bem como a criação de sistemas de tratamento de águas residuais em todas as povoações do Mediterrâneo com mais de dez mil habitantes, e também a construção de plantas de tratamento destes resíduos em cidades cujo número de habitantes ultrapasse os cem mil».

Na realidade, as águas do Mediterrâneo recebem uma concentração de hidrocarboretos três vezes superior à média de todos os mares, e bolas de alcatrão cinco vezes superiores à média. Isso deve-se ao derramamento de combustível de tantos motores que circulam pelo Mediterrâneo, bem como à limpeza criminosa dos petroleiros, aos resíduos das refinarias, etc.

É possível que as medidas a tomar (ainda decorrerá bastante tempo até ao pleno funcionamento das plantas de tratamento de resíduos) não sejam suficientes. Nenhum poder político actual suprimirá as refinarias para evitar que estas poluam os mares como têm feito até aqui. As refinarias esguicham, actualmente, muito dinheiro, mas amanhã poderão significar a morte.

Um descontaminante que descontamine

A esperança dos principais ecologistas parece residir nos movimentos militantes existentes, os quais se poderão desenvolver no futuro; os movimentos dos «verdes» têm vindo a alastrar pelo mundo.

Uns surtem como partidos políticos, outros afirmam a pés juntos que não fazem parte de ideologias políticas. Enquanto que alguns querem resolver a questão a partir de uma posição governamental, outros afirmam que qualquer tipo de Governo é contrário aos princípios ecologistas. Embora a situação pareça confusa, uma coisa está bem clara: se algum Governo do Mundo pode resolver os principais problemas da ecologia, esse Governo será maioritariamente regido por princípios ecológicos.

Os «verdes» conseguiram já ocupar lugares na maioria dos parlamentos europeus e, por vezes, têm feito aprovar leis de acordo com os seus princípios. Na Suíça, para citar o caso mais recente, conseguiram agitar a opinião pública com uma controvérsia sobre o uso de animais como cobaias de laboratório. Embora tenham perdido, deixaram bem vincada a sua imagem e posição.

O movimento de origem inglesa Greenpeace (Paz Verde) divulgado em todo o mundo, merece uma menção honrosa pois há já quinze anos que tem vindo a lutar contra a caça das baleias e das crias de foca, contra os resíduos nucleares e contra as experiências atómicas. Os esforços desenvolvidos na fossa atlântica e a actividade processada em Mururoa tornaram-se francamente populares. Neste último caso, pondo em risco as suas próprias vidas, os militantes da Greenpeace conseguiram que a França caísse em contradição perante a opinião pública mundial.

Nos países de língua espanhola podem citar-se associações tão importantes como Adena-WWF, a qual tem vindo a desenvolver, desde 1961, actividades de defesa das espécies em vias de extinção, não só em Espanha, mas também em zonas como Galápagos através do Centro de Investigações Charles Darwin ou do Serviço Florestal do Equador. Graças à acção da WWF (**Wolrd Wildlife Fund**), uma reserva criada no bosque Monteverde da Costa Rica protege mais de 1000 espécies de plantas, 300 espécies de aves e 100 espécies de mamíferos. Nesta zona ainda sobrevive o quetzal, o pássaro sagrado dos astecas.

Tudo indica que poderemos ter esperança no futuro: a Humanidade deseja salvar-se e parece estar a tentar fazê-lo. Há um século atrás, falar de ecologia ou da necessidade de salvar a Natureza seria perfeitamente inútil. Há cinquenta anos, o homem lutava como um animal contra si próprio numa guerra que trouxe graves perigos para a sobrevivência das espécies, inclusivamente da humana. Hoje em dia, os movimentos ecológicos são compostos, na sua maioria, por jovens. Dentro de quinze anos, todo o mundo será ecologista.

Copyright Agência EFE/C&C

II — COMER «VERDE» É COMER SAÚDE

Notas sobre a Coreia e a visita adiada

1

NO dia 1 de Abril, como os jornais noticiaram, por decisão da conferência dos líderes dos grupos parlamentares, a visita de uma delegação parlamentar portuguesa à República Popular Democrática da Coreia foi adiada. Na circunstância invocou-se «a conjuntura política interna decorrente da apresentação na Assembleia da República de uma moção de censura», mas sabe-se que o Primeiro-Ministro se pronunciou desfavoravelmente em relação à viagem dos parlamentares portugueses e que o secretário de Estado para os Assuntos Parlamentares, Correia de Jesus, teria revelado argumentos que levaram o Governo a contrariar, pelo menos na data fixada, a visita à Coreia do Norte: a visita recente do Primeiro-Ministro da Coreia do Sul, a possibilidade de atrair investimentos sul-coreanos para o nosso país, a questão da realização dos Jogos Olímpicos em Seul.

Ao dr. Fernando Amaral, presidente da Assembleia da República, o Primeiro-Ministro, professor Aníbal Cavaco Silva, escreveu uma carta que, estranhamente, encontramos publicada num semanário, na qual se diz:

«Através do ofício número 362/GAB/87, enviado em 17 de Março corrente pelo Chefe de Gabinete de Vossa Excelência ao Chefe de Gabinete do Senhor Secretário de Estado para os Assuntos Parlamentares, foi o Governo informado da aceitação do convite efectuado pela Assembleia Popular Suprema da República Popular Democrática da Coreia para uma delegação parlamentar visitar aquele país.

«Gostaria de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que as visitas oficiais, a alto nível, à República Popular Democrática da Coreia não correspondem às actuais prioridades da política externa portuguesa.

«Desejo também informar Vossa Excelência que Sua Excelência o Presidente da República, antes de aceitar qualquer convite para visitar oficialmente um país estrangeiro, ou antes de formular convites a um Chefe de Estado para visitar oficialmente Portugal, consulta previamente o Governo acerca do interesse e a oportunidade das referidas visitas para a política externa portuguesa, cuja definição e condução, como é do conhecimento de Vossa Excelência, cabe ao Governo.

«Gostaria ainda de acrescentar, relativamente à projectada visita à República Popular Democrática da Coreia de uma delegação parlamentar, que a passagem por Pequim no dia 13 de Abril próximo, a caminho de Pyongyong, tal como consta do plano de viagem anexo ao referido ofício número 362/GAB/87, colide com uma iniciativa de política externa do Governo que reporto do mais alto interesse nacional.»

Catorze meses depois do ministro Pires de Miranda ter opinado que nada havia a opor à visita da delegação parlamentar à Coreia do Norte («Semanário», 4/04/87) a carta de Cavaco Silva representa um verdadeiro veto. Não era só a passagem por Pequim que colidia «com uma iniciativa de política externa», a presença do Primeiro-Ministro em Pequim para assinar o documento histórico da integração de Macau na soberania da República Popular da China, era a visita que não correspondia «às actuais prioridades da política externa portuguesa». O secretário de Estado, Correia de Jesus, ter-se-ia referido às «prioridades» das relações com a Coreia do Sul (confira «Diário de Notícias», 2/04/87).

A Assembleia da República, por decisão da conferência dos líderes dos grupos parlamentares, vergou-se à recomendação de Cavaco Silva e o Gabinete do Presidente da Assembleia da República emitiu, para a Imprensa, a seguinte nota:

«1 — A anunciada visita à República Popular Democrática da Coreia foi participada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros por ofício de 7-1-86 (n.º 21/GAB/86) e, também, por ofício n.º 200/GAB/87, em que se solicitava um 'dossier' que integrasse os aspectos essenciais das relações bilaterais.

«2 — O Ex.mo Senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros manifestou-se no sentido de nada opor — ofício de 20-1-86, n.º 117 GMNE.

«A conferência dos representantes dos grupos parlamentares aprovou por unanimidade a visita à República Popular Democrática da Coreia na sua reunião de 7-1-87 e já tinha aprovado a referida visita em reunião de 9-7-86.

«3 — O Gabinete da Presidência da Assembleia da República sempre tem informado o MNE, das deslocações que as delegações parlamentares fazem a convite de outros Parlamentos.

«4 — São os serviços do MNE, através das respectivas embaixadas, que participam na elaboração dos programas das correspondentes visitas e deles dão posterior conhecimento à Assembleia da República.

«5 — A conferência reunirá hoje (1 de Abril) para decidir sobre a oportunidade da referida deslocação atendendo à actual crise política.»

A «conferência» atendeu os reparos do Primeiro-Ministro e teve em consideração «a actual crise política». Evitou-se, nos aspectos delicados e públicos um segundo caso da Estónia. Mas que os parlamentares se não iludam: o caso da viagem adiada à República Popular Democrática da Coreia é a repetição do caso da visita à Estónia. O Governo Cavaco Silva não gosta das relações com os Países Socialistas. Vai longe nessa via: Berlim, Estónia, Coreia do Norte. Amanhã, será a visita à URSS do Presidente da República que não será considerada como correspondendo «às actuais prioridades da política externa portuguesa».

2

PELO plano da viagem, se esta não tivesse sido adiada, a delegação parlamentar portuguesa assistiria, em Pyongyong, às comemorações do 75.º aniversário do presidente Kim Il Sung.

O povo da República Popular Democrática da Coreia, considera o presidente Kim Il Sung como um herói nacional, como o verdadeiro construtor da Coreia libertada e independente. Oprimida e destruída pelos japoneses, invadida e arrasada pelos norte-americanos actuando sob a bandeira das Nações Unidas, a Coreia é hoje um país dividido. A reunificação pacífica da Coreia é uma prioridade política para Kim Il Sung.

Chefe militar, dirigente político, pensador social e filosófico, Kim Il Sung é uma personalidade forte e fascinante. Entre a URSS e a China soube traçar um caminho descomprometido, autónomo. «Construir uma economia nacional independente — afirmou Kim Il Sung — significa formar um sistema económico global em que todos os componentes se inter-relacionem de maneira orgânica através do desenvolvimento diversificado da economia, do seu moderno apetrechamento técnico e da criação das suas próprias e firmes bases de matérias-primas, para poder produzir e fornecer os produtos da indústria pesada e ligeira e da agricultura necessários para o enriquecimento e fornecimento do país e para melhorar a vida do povo». A sua preocupação tem sido dar ao socialismo coreano uma base material independente que — transcrevemos — se «desenvolva em múltiplos aspectos, esteja equipada com técnicas modernas, e seja manejada pelos seus próprios quadros nacionais...» No dizer de Kim Il Sung: «A nossa experiência demonstra que para construir com êxito uma economia nacional independente e criar a prosperidade e o desenvolvimento do país, o único caminho é estabelecer efectivamente o «Zuche» e apoiar-se principalmente nas próprias forças.»

O «Zuche» significa assumir a autonomia, adquirir a consciência de que o homem é o senhor, o agente histórico da transformação da natureza e da sociedade, o dono do seu próprio destino.

3

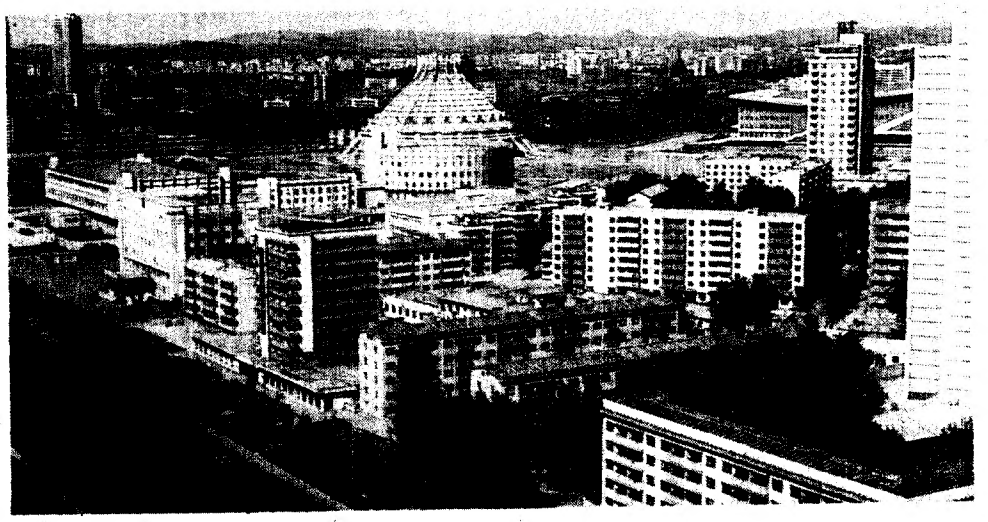
A personalidade de Kim Il Sung domina a realidade política e cultural da República Popular Democrática da Coreia. Dir-se-ia que é alvo de um generalizado culto. Todavia, a posição doutrinal do líder coreano é clara: «Na luta revolucionária o mais importante é a organização e a unidade. Uma revolução não pode ser feita só por um homem. Para triunfar na luta revolucionária é indispensável contar com uma organização revolucionária forte, formada por partidários de uma mesma ideia, e é necessário que os homens que nela militam tenham unidade e coesão ideológicas e de vontade.»

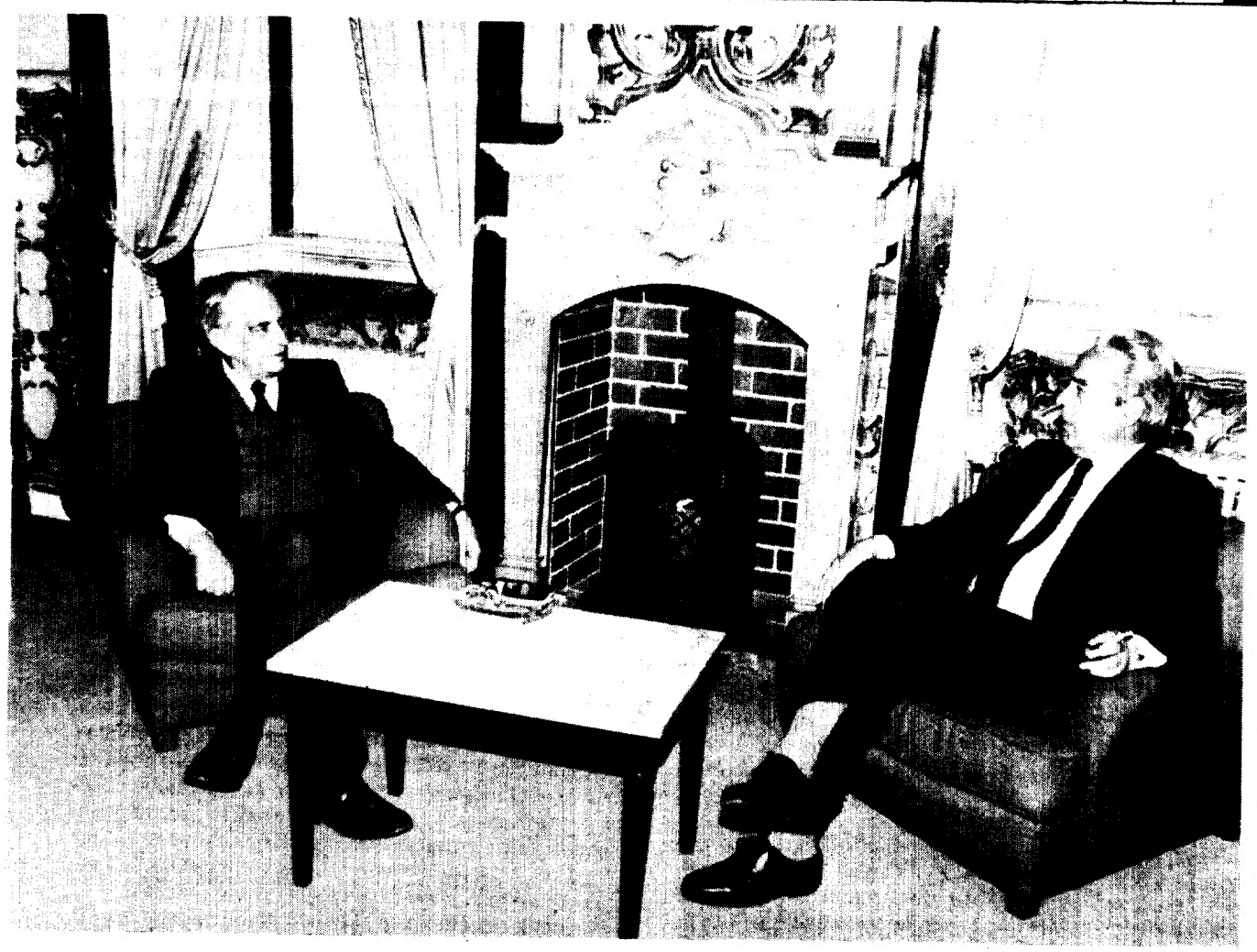
Unidade e coesão que, segundo Kim Il Sung, exigem que os «homens identificados por uma ideia comum, professem mútua confiança e afecto sincero. Quer dizer, se forjem na base do companheirismo entre os militantes da organização revolucionária». O presidente da Coreia criou essa unidade de companheiros e utiliza métodos de direcção que o levam a partilhar a vida do povo. Dirige directamente, percorre o território, visita os campos, inspecciona fábricas e estaleiros. Pela vontade dos dirigentes, e do herói nacional em que se reconhece, a República Popular Democrática da Coreia é, à sua escala territorial e demográfica, uma potência industrial, um exemplo de economia independente e em desenvolvimento, numa Ásia onde se deparam situações críticas. É um exemplo de trabalho, de capacidade construtiva, de vontade nacional e de vontade política.

Exemplo de que devíamos retirar lições. A visita de uma delegação parlamentar portuguesa poderia inspirar-nos a decisão de trabalharmos como o povo da Coreia, de sermos independentes como a Coreia.

Ao contrário da fabulosa Tailândia, a laboriosa Coreia não está incluída nas relações prioritárias da diplomacia portuguesa. Assim pensa o Primeiro-Ministro; enleada na «crise», recordada da Estónia, a Assembleia da República atendeu o recado do Executivo.

Resta saber até onde poderão ir as recomendações do Governo a outros órgãos de soberania. E, também, até onde um Governo de passagem poderá condicionar o espírito constitucional de cultivar boas relações com todos os povos independentemente, claro, dos seus sistemas sociais e dos seus regimes políticos.





CDS E PSD PRONTOS PARA ACORDO PÓS-ELEITORAL

O CDS parece estar definitivamente afastado do bloco de partidos que preconizam uma solução para a crise sem recurso a eleições. Garantias dadas pelo PSD — «por escrito, para constar» — abrem aos centristas perspectivas animadores pós-eleitorais. Adriano Moreira comunicá-las-à hoje à Comissão Permanente do seu partido. Resta esperar pelo regresso de Cavaco Silva para concluir um acordo CDS--PSD.

No seu encontro, ontem ao fim da tarde, com Eurico de Melo, Adriano Moreira recebeu uma «declaração de intenções» subscrita pelo PSD na qual o seu partido é considerado «parceiro e interlocutor privilegiado» e, no âmbito deste princípio, é garantido que, «num quadro de eleições», os sociais-democratas voltarão «ao diálogo com o CDS, e só com o CDS, na procura do melhor caminho para uma solução maioritária».

Na «declaração» o PSD compromete-se ainda a não tentar «roubar» eleitores ao CDS, através do «apelo ao voto útil», e a não atacar aquele partido em «discursos contundentes».

Uma vitória para Adriano Moreira

Promovido a parceiro de uma «maioria governativa estável», Adriano Moreira registou ontem a «grande vitória» do seu mandato à frente dos centristas, o que deverá fazer com que a sua posição se consolide, apesar da crescente contestação de que vinha sendo alvo.

Para isso contribuiu decisamente a posição de «charneira» em que conseguiu colocar o CDS desde o início da crise desencadeada pelo PRD, obrigando finalmente Cavaco Silva ao diálogo, o que sucede pelo primeira vez desde que foi guindado à posição de líder dos sociais-democratas e a chefe de Governo.

A posição a assumir pelo PSD e pelo CDS no caso da opção do Presidente da República não vir a contemplar as eleições antecipadas foi também alvo de uma abordagem por Adriano Moreira e Eurico de Melo, que se comprometeram a continuar a dialogar mas recusaram, publicamente, referir-se ao assunto por considerarem que «outros cenários são prematuros, porque não pretendemos pressionar a decisão do Presidente da República».

Listas conjuntas não são prováveis

Vínculado às decisões do Congresso da Figueira da Foz, que exclui quaisquer alianças pré-eleitorais, é pouco provável que o PSD aceite a apresentação de listas conjuntas com o CDS. O próprio Eurico de Melo o admitiu quando, no final do encontro de ontem, foi confrontado com as questões levantadas pelos jornalistas.

Adriano Moreira, na mesma ocasião, disse que não levara «qualquer proposta de formação de listas conjuntas pré-leitorais» e acrescentou que «há outras formas de forças políticas obterem maioria governamental estável».

A saída para que se encaminham os dois partidos é, nas palavras de Eurico de Melo, a de «uma solução maioritária, no quadro parlamentar» pós-eleições.

Os contornos desta solução não terão ficado ontem definidos — Eurico de Melo diria que «apenas (se) ficou pelos princípios» — mas os dois partidos irão continuar o diálogo depois do Presidente da República anunciar a sua decisão.

Isto mesmo foi confirmado por Adriano Moreira que anunciou aos jornalistas que, no caso de haver eleições, os dois partidos conjugarão esforços para encontrarem uma solução governativa maioritária.

Com tudo isto está de acordo Cavaco Silva, segundo garantiu Eurico de Melo que não se esqueceu de elogiar a posição dos centristas na votação da moção de censura — o único partido da oposição a votar ao lado do Governo.

PR com a CIP e a CGTP-IN

O Presidente da República continua entretanto a receber partidos políticos e parceiros sociais.

Ontem esteve em Belém com delegações da Confederação da Industria Portuguesa (CIP) e da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP).

Carvalho da Silva, coordenador da CGTP, defendeu que o actual Governo deve ser substituído por uma «alternativa democrática, duradoura e estável», admitindo como «hipótese aceitável» a formação de um Governo socialista. «Está incluído no lote das hipóteses apoiáveis», disse.

«Vivemos um momento histórico, que exige grande empenho de todos, designadamente dos trabalhadores, para que se altere a caminhada que Portugal tem trilhado», acrescentou.

A CGTP manifestou ainda a sua disponibilidade para debater as medidas concretas que pretende ver contempladas pelo próximo Governo.

A delegação da CGTP incluia, além de Carvalho da Silva, José Luís Judas e Emídio Martins.

Ferraz da Costa, à frente de uma delegação da CIP, esteve também ontem com Mário Soares.

À saída da audiência mostrou-se convicto de que a solução para esta crise só poderá ser a convocação de eleições: «Não temos dúvidas de que vai haver eleições», afirmou.

Adiantou ter transmitido ao Presidente da República a necessidade de uma decisão rápida para que esta situação não gere perda de confiança por partes dos empresários e considerou que as eleições poderão gerar uma maioria de Governo e uma maioria parlamentar que possa realizar a revisão constitucional. Nesta maioria englobou o PSD, o PS e o CDS, excluindo o PRD por o seu actual líder, Ramalho Eanes, «sempre ter enaltecido as virtudes desta Constituição».

PCP insiste em novo Governo

O Comité Central do Partido Comunista esteve reunido ontem para apreciar a situação política. No intervalo dos trabalhos, o secretário-geral daquele partido, Álvaro Cunhal, daria uma conferência de Imprensa na qual defenderia a exoneração «o mais rapidamente possível» do actual Governo e a formação, sem eleições, de um executivo oriundo da maioria parlamentar que votou a moção de censura.

Cunhal reafirmou a intenção do seu partido de viabilizar uma alternativa a este Governo, seja ela liderada pelo PS, pelo PRD ou formada à margem dos «contornos partidários».

«Perante a gravidade da situação e a urgência de substituir o Governo de Cavaco Silva, o PCP não insiste em integrar um Governo de alternativa, mas ao mesmo tempo afirma que a sua participação é necessária», repetiu.

No caso de se ir para eleições, Cunhal defendeu a formação de um Governo de gestão e mostrou-se «inclinado para uma acção unitária» no acto eleitoral.

Agenda do PR

O Conselho de Estado, convocado ontem pelo Presidente da República, reune no próximo dia 22 às 16 horas. A reunião foi convocada para efeitos da alínea F) do artigo 148º da Constituição da República: «Aconselhar o Presidente da Repúblicas no exercício das suas funções, quando este lho solicitar». A esta reunião assistirá já o novo membro daquele órgão, Eurico de Melo, que tomará posse meia hora antes do início dos trabalhos. Eurico de Melo substitui Amândio de Azevedo, nomeado chefe da missão da CEE em Brasília.

Hoje e amanhã, o Presidente Mário Soares terá diversas audiências relacionadas com a crise política. Esta manhã recebeu delegações da Confederação do Comércio Português e da União Geral dos Trabalhadores e, à tarde, avistar-se-à com uma delegação da Confederação dos Agricultores de Portugal e iniciará consultas formais com as direcções dos partidos políticos representados no Parlamento, recebendo uma delegação dos Partido Social-Democrata.

Amanhã, recebe delegações do Partido Socialista, do Partido Renovador Democrático, do Partido Comunista, do Centro Democrático Social e do Movimento Democrático Português.

Na quinta-feira realizará uma série de consultas a personalidades, recebendo Alfredo Nobre da Costa, Francisco Pinto Balsemão, Diogo Freitas do Amaral e Francisco Salgado Zenha. Mário Soares pretende ainda ouvir Maria de Lourdes Pintasilgo, a qual, por se encontrar no estrangeiro, não poderá deslocar-se esta semana a Belém.

Hoje ainda, no intervalo das audiências, o Presidente, acompanhado pelo chefe da sua Casa Militar, general Conceição Silva, almoçará com o chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, e com os chefes dos Estados Maiores da Armada, Exército e Força Aérea, almirante Sousa Leitão e generais Firmino Miguel e Brochado Miranda, respectivamente.

Bispo de Coimbra defende relações com África

O Bispo de Coimbra, D. João Alves, defendeu que Portugal deve «privilegiar a ajuda aos novos Estados africanos de expressão linguística portuguesa». Falando no encerramento das I Jornadas de Universitários Católicos, defendeu a colaboração das Igrejas de Portugal e daqueles países «como uma exigência do nosso próprio desenvolvimento, em autêntica solidariedade».

«Quando chegaremos ao tempo em que os cidadãos desses novos países se sintam sempre acolhidos em Portugal, com visível fraternidade cristã, e os portugueses se sintam motivados à colabração, mesmo que temporária, nessas novas nações?», questinou o prelado.

AAPA evoca raide contra a Líbia

A Associação dos Amigos dos Países Árabes (AAPA evocou o «raid» norte–americano contra a Líbia, condernando o recurso a qualquer tipo de terrorismo para a solução de conflitos políticos.

Em comunicado, a AAPA recorda o bombardeamento realizado a 15 de Abril de 1986 pela aviação norte–americana contra as cidades líbias de Bengazi e tripoli, que causou cerca de uma centena de vítimas.

No comunicado, a AAPA, organismo criado em 1974, condena abertamente qualquer tipo de terrorismo, quer seja o de Estado (como ataque às cidades líbias), quer seja praticado por grupos extremistas(como atentado num clube nocturno de Berlim Ocidental).

Membro da JCP denuncia colaboração com a Renamo e UNITA

O delegado da Juventude Comunista Portuguesa (JCP) ao segundo Congresso da Juventude do MPLA denunciou as actividades anti–angolanas em Portugal.

Carlos Duarte, membro executivo da direcção nacional da JCP, disse que as actividades subversivas contra Angola decorrem com a cumplicidade de círculos governamentais de Portugal.

Ao intervir na sessão da JMPLA, o rpresentante da JCP acusou o Governo de Lisboa de permitir que a UNITA e a Renamo desenvolvam livremente as suas actividades hostis com os Governos e povos de Angola e de Moçambique.

Retratos de um prazer inconfessado*

A JANELA

"Sento-me na cadeira em frente à janela e deixo o olhar à solta.
À distância de um gesto, a mesa onde reúno os meus pequenos prazeres: um livro, mil vezes folheado, uma pequena chávena inglesa onde bebo o meu café da tarde, um cinzeiro cromado, meu companheiro de aventuras e de noites de trabalho, o precioso isqueiro lacado que herdei do meu pai, ainda a funcionar com a mesma exactidão do primeiro dia...
Nunca repàro verdadeiramente nestes detalhes. Basta-me saber que eles ali estão, à distância de um gesto, prontos a partilhar comigo mais uma viagem através da janela."

* *"RETRATOS DE UM PRAZER INCONFESSADO" é uma recolha de alguns momentos únicos de sensibilidade, que todos nós experimentámos, pelo menos uma vez na vida.*
É pelo respeito que esses momentos especiais nos merecem que a TABAQUEIRA — empresa portuguesa solidamente implantada no mercado, presente em múltiplos ramos de actividade e com reconhecido prestígio internacional — decidiu prestar-lhes esta homenagem.

CIESA/ACK

TABAQUEIRA
EMPRESA INDUSTRIAL DE TABACOS – E. P.

Em Pequim, "visivelmente bem disposto"

TURISMO E COMÉRCIO NA AGENDA DE CAVACO

«Tenho um telefone vermelho e se quiser perguntar ou dizer alguma coisa posso levantar o auscultador e fazê-lo. Mas não há razões para inquietação e estou perfeitamente tranquilo», afirmou Cavaco Silva, em conversa com os jornalistas que o acompanham na visita à China, a propósito da crise política em Lisboa. O Primeiro-Ministro, que esta manhã visitou a Grande Muralha e os túmulos de jesuítas portugueses num cemitério de Pequim, admitíu, porém, ter feito ontem um contacto com Lisboa e reafirmou a sua posição de defesa de eleições antecipadas.

«Visívelmente bem disposto», conforme relata o enviado da Lusa, Cavaco nada adiantou sobre o contacto com Lisboa nem sobre a situação política, por considerar não haver justificação para para quaisquer comentários.

Interrogado sobre os contactos mantidos com os dirigentes chineses, Cavaco mostrou-se impressionado, designadamente com o grande conhecimento revelado pelos seus interlocutores dos dossiers sobre Portugal e Macau.

Admitíu, entretanto, que foi o encontro com o líder chinês, Deng Xiaoping, que mais o emocionou dada a «personalidade» e «firmeza» do seu diálogo. Lamentou ainda a intensidade do programa da visita, que o impede de se deslocar incógnito a diversos pontos de Pequim. Confessou, a propósito, ter ido semi-incógnito à missa no passado domingo.

Na muralha e no cemitério de jesuítas

O Primeiro-Ministro, que visitará ainda as cidades de Xian, Xangai e Cantão, antes da partida na sexta-feira para Macau, esteve hoje na Grande Muralha, acompanhado pela mulher, por Pires Miranda e pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros chinês, Zhou Nan. Este e Maria Cavaco Silva não acompanharam, devido ao calor e ao cansaço, a subida do Primeiro-Ministro de Lisboa até a uma torre situada a 780 metros de altitude. Trata-se de um dos mais elevados pontos da muralha, construída no século II AC(e reconstruída e reforçada nos séculos XIV e XVII) e com uma extensão total de seis mil quilómetros. Pires Miranda acompanhou Cavaco de perto, justificando-se com a sua qualidade de antigo basquetebolista. Dois dos jornalistas que foram até ao cimo da muralha sentiram dificuldades e foram assistidos por um médico...Coisas de uma profissão que as estatísticas internacionais colocam, em termos de desgaste, em segundo lugar, depois dos mineiros?

No regresso, Cavaco deslocou-se a um cemitério onde repousam os restos mortais de 30 jesuítas portugueses e colocou uma coroa de flores no túmulo do missionário Félix Rocha, o primeiro emissário enviado a Lisboa por um imperador chinês.

Pequim e a crise

Entretanto, as autoridades chinesas manifestaram alguma apreensão pela crise governativa em Lisboa, receando atrasos no processo de ratificação do acordo e da entrada em funções do grupo de ligação luso-chinês que velará pela execução dos documentos assinados. Tanto Soares, pela carta enviada a Li Xiannian, como Cavaco tranquilizaram os responsáveis de Pequim, invocando o consenso existente em Lisboa sobre a questão de Macau.

A Comissão Permanente da Assembleia Nacional Popular da China ratificará o acordo na segunda quinzena de Maio e o Parlamento português poderá fazê-lo provavelmente na mesma altura, a não ser que Mário Soares se decida por eleições antecipadas.

Ligação aérea e relações comerciais

A delegação chefiada por Cavaco tem insistido junto dos seus interlocutores chineses no reforço do intercâmbio económico, matéria que terá sido tratada com algum pormenor. Fontes da delegação referiram mesmo a existência de missões comerciais a fazerem já a prospecção do mercado chinês e de planos para a exportação para a China de equipamentos industriais.

Está a ser feito ainda o estudo da viabilidade de uma ligação aérea entre Lisboa e Pequim pelas companhías dos dois países. Vítor Veres, funcionário da Direcção-Geral da Aviação Civil está em Pequim para encontros com responsáveis chineses. Para a TAP, a ligação com Pequim teria a vantagem de encontrar uma solução alternativa no Extremo-Oriente enquanto não fica concluído o projectado aeroporto de Macau, além de que seria dado um importante contributo para o desejado incremento das relações económicas e comerciais de Portugal com a China e com toda a região do Pacífico.

Leonor Beleza "recuou"

Médicos assistentes podem candidatar-se a chefes de serviço

Os assistentes hospitalares poderão também candidatar-se ao concurso para chefes de serviço desde que reúnam as condições legais para o fazer — revela o Sindicato dos Medicos da Zona Sul.

Aquela estrutura sindical alerta para a publicação, no «Diário da República» de ontem, de um despacho da ministra da Saúde, a qual ordena a retoma, na fase em que estava, do anterior concurso de habilitação para chefes de serviço hospitalar.

Recorda-se que esse concurso de habilitação havia sido anulado por despacho de Maldonado Gonelha. Os representantes sindicais dos médicos recorreram dessa decisão para o Supremo Tribunal Administrativo depois de pedirem a impugnação do acto. Como não foi, entretanto, aberto outro concurso para o mesmo serviço e funções, a situação manteve-se.

No entanto, a iniciativa oportunamente tomada por Leonor Beleza fazia tábua rasa de um acórdão do STA com a gravidade que facilmente se constata. Daí que o Sindicato dos Médicos da Zona Sul tenha assumido uma posição firme em defesa dos direitos dos seus associados com possibilidades de chegarem a chefes de serviço hospitalar e que o despacho da ministra da Saúde marginalizava por não virem da carreira docente.

A II Série da folha oficial de ontem admite a candidatura de todos os assistentres hospitalares a um novo concurso — ontem mesmo aberto, segundo o mesmo «Diário da República» — e anula o anterior, reservado unicamente a docentes.

Bastonário dos Médicos recebido por Soares

Críticas podem trazer votos mas fazem muito mal à saúde

resposta de Machado Macedo a Beleza

O Bastonário da Ordem dos Médicos afirmou ontem em Belém que as recentes críticas do Ministério da Saúde aos médicos «poderão trazer votos», mas prejudicam — segundo ele — a saúde dos portugueses. «Essas críticas — acrescentou — foram exageradas de uma maneira prejudicial para a classe médica».

Machado Macedo deslocou-se ontem a Belém para apresentar, por parte da nova direcção da Ordem dos Médicos, cumprimentos ao Presidente da República. À saída do Palácio de Belém, o Bastonário da Ordem fez aquela afirmação e outras mais, contestando do mesmo passo o recente desvinculamento de milhar e meio de policlínicos. Machado Macedo desmentiu, noutro passo das suas declarações, uma informação de Leonor Beleza a respeito dos médicos policlínicos dispensados do serviço.

Quanto à questão de haver ou não excesso de médicos em Portugal, Machado Macedo considerou que «o que seguramente se verifica é assistência a menos».

Sobre os médicos recentemente desvinculados, Machado Macedo lembrou que o problema vai voltar a pôr-se dentro de alguns meses, com os médicos que se apresentarem ao concurso deste ano.

«Não proponho que o Estado tenha de dar emprego a todos, nem creio que seja esse o segredo do progresso da medicina em Portugal», disse o Bastonário da Ordem.

Para Machado Macedo, a saída profissional para os que ficarem excluídos nos concursos será a criação de pós-graduações de três a quatro anos e o alargamento de vagas de algumas especialidades.

«Por esta forma o Estado não garantirá o emprego a todos os médicos, mas deixará aqueles que não couberem nas suas estruturas mais aptos a encontrar outros lugares», acrescentou.

«É mentira que os médicos que foram desvinculados tenham **chumbado** no concurso para internato da especialidade. Não houve vaga para eles, mas têm carta da Ordem e têm todo o direito a exercer medicina», afirmou.

Machado Macedo disse ter encontrado junto de Mário Soares bom acolhimento para as preocupações que manifestou: «O Presidente da República não está de acordo em que, a pretexto de críticas a algumas situações pontuais, se marginalize uma classe que merece respeito».

Levantamento do estado dos prédios vai começar

CÂMARA DE LISBOA APROVOU DEFESA DO BAIRRO ALTO

Na sua reunião de ontem, a Câmara Municipal de Lisboa aprovou, por unanimidade, duas propostas que visam a defesa do Bairro Alto. À iniciativa da Aliança Povo Unido, cujo primeiro ponto sobre o estabelecimento das medidas de salvaguarda e reabilitação urbana que permitam a recuperação e a fixação da população recebeu apoio unânime de todas as bancadas, juntou-se uma proposta do PS para o levantamento do estado de conservação dos 900 prédios, igualmente aprovada por unanimidade.

O primeiro ponto da proposta apresentada em 29 de Outubro de 1986 pelos vereadores da Aliança Povo Unido sobre o «estabelecimento para o Bairro Alto de medidas de salvaguarda e reabilitação urbana e arquitectónica que permitam a sua recuperação e fixação da sua população» foi aprovado por unanimidade. «Na próxima sessão do executivo camarário será debatido o segundo ponto da nossa proposta, relativo à delimitação da área crítica de intervenção e às medidas cautelares a serem tomadas nessa zona», explicitou esta manhã ao «DL» o vereador Rui Godinho.

Recorda-se, a propósito, que a definição de uma área crítica implica o estabelecimento de comprimissos de grande vulto por parte da Câmara Municipal de Lisboa, através da co-responsabilização da Administração Central e da edilidade na obtenção das linhas de crédito bonificadas necessárias à intervenção no terreno.

Levantamento concluído dentro de seis meses

Também por unanimidade, o Município lisboeta propõe-se efectuar, através de uma empresa especializada, o levantamento geral e sistemàtico dos prédios do Bairro Alto, num total de 900 edifícios, para efeitos da caracterização do seu estado de conservação e estabilidade e, simultâneamente, das suas características interiores e condições de habitabilidade.

A proposta apresentada pelos vereadores socialistas determina os custos, cerca de 4 mil contos, e estipula o prazo da operação que deverá estar terminada dentro de seis meses. Nos fundamentos, o proponentes sublinham a existência de imperativos de ordem habitacional, cultural, histórica e turística que apontam para a necessidade de preservação das caracterís-ticas arquitectónicas e urbanísticas dos bairros tradicionais da cidade, onde alguns edifícios carecem de obras urgentes de conservação e beneficiação.

Por outro lado, e como o vereador Vasco Franco tinha anunciado em entrevista ao «DL», o pelouro do serviço de Obras vai intervir nos casos dos prédios em precárias condições, com as obras, calculadas em cerca de 80 mil contos, a terem início em finais de Maio, depois de indênticas intervenções já agendadas para Alfama e Mouraria. Após a conclusão do levantamento, a edilidade decidirá qual o tipo de intervenção de fundo a ser realizada no Bairro Alto.

Exposição internacional de arquitectura

Igualmente por unanimidade, e por proposta do vereador do PPM, Gonçalo Ribeiro Teles, a Câmara Municipal de Lisboa deliberou empenhar-se na realização, em 1990, e pelo periodo de seis meses, de uma exposição internacional de arquitectura paisagística, escultura de ar livre, jardinagem e horticultura, na área compreendida entre a Avenida Calouste Gulbenkian e a Avenida Marquês da Fonteira.

A proposta do vereador popular-monárquico será agora presente aos serviços do Município para, no prazo de 90 dias, apresentarem ao executivo uma proposta de regulamento da exposição, a realizar no âmbito das comemorações da epopeia dos Descobrimentos.

A concepção da exposição, bem como do novo Parque Urbano a edificar no espaço compreendido entre a Avenida Marquês da Fronteira e a Avenida Calouste Gulbenkian e de eventuais modificações no Parque Eduardo VII, será objecto de um concurso público de ideias.

APU quer Abecasis fora da EPUL

Na reunião de ontem, os vereadores da Aliança Povo Unido solicitaram ao presidente da edilidade que abandonasse o cargo de presidente do Conselho de Administração da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa.

De acordo com um comunicado de Imprensa, os eleitos da APU sublinham que em Abril do ano passado «o engenheiro Abecasis foi eleito para presidente do Conselho de Administração da EPUL, com os votos favoráveis do CDS, PSD e parte do PS, e a abstenção do vereador do PPM».

A APU, que votou contra, solicitou «ao representante do Ministèrio Público junto do Tribunal Administrativo do círculo de Lisboa, a impugnação daquela eleição dada a sua ilegalidade». No fundamento desta posição, os vereadores da Aliança Povo Unido consideram que, face à Lei em vigor, é ilegal a acumulação de cargos, bem como a participação do presidente da Câmara Municipl de Lisboa na sua própria eleição como presidente do Conselho de Administração da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa.

Como o «DL» revelou na edição de 31 de Março, o Ministério Público terá interposto recurso contencioso da deliberação, e Nuno Abecasis terá sido já citado para contestar o recurso, embora o presidente da edilidade tenha negado este desenvolvimento.

No entanto, face a estas informações, os eleitos da APU consideram «politicamente ilegítima, moralmente condenável e inadmissível a continuação da acumulação dos cargos de presidente da Câmara Municipal de Lisboa e da EPUL por parte do engenheiro Nuno Abecasis».

Extinto o incêndio no centro do Funchal

Como ontem noticiámos, um incêndio numa lixeira perto do centro do Funchal alarmou a capital madeirense, mas os bombeiros conseguiram controlar as chamas antes de atingirem os depósitos de álcool do Instituto do Vinho da Madeira.

O sinistro, segundo fontes dos Bombeiros Municipais, começou na ribeira de Santa Luzia, num amontoado de lixo e de arvoredo, tendo ameaçado um quarteirão antigo, nomeadamente o edifício onde se localiza o Instituto do Vinho da Madeira, além da sede do Partido Social Democrata e uma farmácia.

O fogo propagou-se velozmente, devido à intensidade do vento que tem atingido a capital madeirense, facto que dificultou o trabalho dos bombeiros madeirenses.

Grande número de pessoas concentraram-se na zona, alertadas pela sirene de alarme dos Bombeiros Municipais.

Às 11.00 horas a situação era considerada sob controlo, não se tendo registado estragos significativos. A sede do PSD, bem como a farmácia e o Instituto do Vinho da Madeira, não foram atingidos pelas chamas.

A existência no local dos depósitos de álcool pertencentes ao Instituto do Vinho da Madeira constituiu, segundo disse um dos rersponsáveis pelos Bombeiros Municipais, a «principal preocupação, tendo sido tomadas precauções visando impedir o alastramento do fogo à área».

Armazém de madeiras ardeu em Sacavém

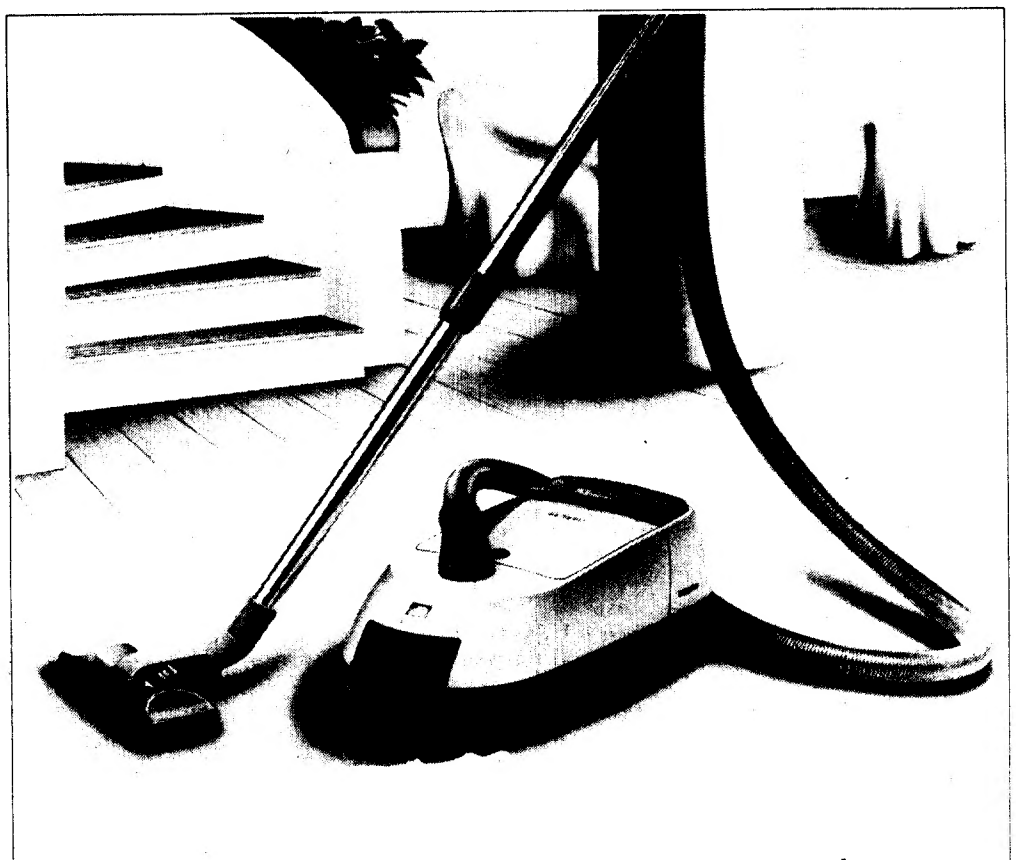
O rescaldo do incêndio de ontem à noite num armazém da zona de Sacavém terminou pelas 01.45 de hoje — comunicou o comando dos bombeiros daquela localidade, situada às portas de Lisboa.

A origem do sinistro foi um curto-circuito — explicou o segundo comandante dos bombeiros de Sacavém, José Luís Gouveia, que dirigiu as operações de combate ao sinistro, cujos estragos são da ordem dos milhares de contos.

O sinistro destruiu a parte administrativa dos armazéns Jomar, de Marques Pinto Limitada, incluindo um computador no valor de 10 000 contos — disse aquele comandante dos bombeiros de Sacavém, que no combate ao fogo foram auxiliados por colegas de Camarate e de Moscavide, num total de cem homens e 30 viaturas.

O alerta foi dado pelas 22.30 h e uma hora depois já se estava na fase do rescaldo.

A avaliação exacta dos prejuízos sofridos pela empresa só mais tarde poderá concluir-se, disse um informador que representava o proprietário das instalações que com cerca de 70 por 40 metros estavam completamente lotadas com rimas de madeira prensada de cinco a seis metros de altura.



A Grande Limpeza da Primavera voltou... com um Aspirador Míele

Antigamente, mal raiava o primeiro sol em céu limpo, as casas eram viradas do avesso para começar a grande Limpeza da Primavera.
E eram semanas de janelas abertas, carpetes penduradas em varandas, sofas cobertos por lençóis.
Hoje, Você não dispõe de tempo e vai limpando dia a dia. Mas a Grande Limpeza da Primavera não deixou de ser uma necessidade: passou só a ser muito mais fácil e a levar menos tempo.
Com produtos adequados e... o seu aspirador Míele. Os aspiradores Míele têm uma enorme mobilidade em todos os sentidos, um filtro «air clean» para uma circulação de ar livre de impurezas, acessórios integrados sempre à mão, selecção da potência para cada tipo de sujidade, feita apenas com a ponta do pé e ainda um transporte e uma forma de arrumação práticos, fáceis. Retome a tradição da Grande Limpeza com a modernidade do seu aspirador Miele. Ele é ainda melhor do que Você pensa. Mas é também mais acessível do que Você supõe.

Míele
Uma decisão para toda a vida

R. Reinaldo Ferreira, 31-A-C 1799 LISBOA CODEX • R. do Campo Alegre 636 4100 PORTO • R. Aboim Ascenção, 66 8000 FARO

A partir de notícias divulgadas em Portugal

INTERROGADO O POLÍCIA ESPANHOL SUSPEITO DE LIGAR OS GAL À DINFO

O sub–comissário da polícia espanhola José Amedo Fouce foi interrogado na sexta–feira sobre as informações publicadas pelo semanário português «Expresso» e reproduzidas por diversos órgãos de comunicação em Espanha, o que de resto motivou uma denúncia contra dois jornais do país basco por parte do visado, segundo declarações do seu advogado, José Argote reproduzidas pela Lusa.

Formalmente, o sub–comissário da polícia espanhola foi chamado a prestar declarações num processo relacionado com a morte do dirigente do Partido Basco Herri Batasuna, Santiago Brouard, mas, segundo o seu advogado, a maioria das pergunatas que lhe fizeram não tem nada a ver com essa causa.

Segundo o defensor de José Amedo Fouce, as perguntas que lhe foram dirigidas pelo advogado Txema Montero iam ao encontro das dúvidas suscitadas pelas inforações divulgadas em Portugal pelo «Expresso» mas o sub–comissário não respondeu à maior parte das perguntas escudando–se em razões profissionais.

Ao terminar a sua declaração, o advogado Txema Montero, quer defende o processo de Santiago Brouard, afirmou em nome da organização Harri Batasuna e da família do assassinado, que estava totalmente convencido de que toda a informação sobre a actividade de Amedo Fouce terá êxito se for enviada cópia do processo Brouard ao tribunal de Baiona, em França, bem como tudo o que for alvo de diligências sobre o assunto em Portugal.

No tribunal de Baiona estão a decorrer numerosos processos levantados contra persumíveis membros dos Grupos Anti–terrotistas de Libertação (GAL), de nacionalidades francesa, portuguesa, italiana, marroquina e argelina, que alegadamente atentaram contra militantes separatistas bascos da ETA, durante mais de dois anos.

Em meios oficiais espanhóis não tem havido comentários sobre as acusações contra Amedo Fouce divulgadas em Portugal e não se confirma que a polícia ou tribunais portugueses tenham realizado em Espanha, até agora, qualquer diligência sobre o caso.

As acusações contra Fouce

As acusações contra o sub–comissário da polícia espanhola respeitam sobretudo ao seu papel no aliciamento de dois portugueses que foram contratados em Portugal para assassinaram dirigentes bascos. Um dos dois portugueses foi mais tarde ligado à Dinfo, uma repartição dos serviços secretos militares portugueses.

Amedo Fouce, segundo os factos apurados pelo «Expresso», teria vindo a Lisboa, alojando–se no Hotel Ritz com o nome falso de Genaro Gallego Galindo, e dando–se como nascido em Burgos, a 3 de Janeiro de 1946, sendo portador do passaporte 50459218, de Madrid, e dizendo ter morada em Madrid, na Rua General Pardinas, 20.

Mas, o semanário português viria a apurar que esta morada era falsa, só se tendo chegado à verdadeira identidade do hóspede do Hotel Ritz porque «Genaro» pagou duas contas em Portugal com um cartão de crédito... que é de facto de Amedo Fouce.

Curiosamente, o hóspede do Ritz deu a data de nascimento de Fouce, embora o passaporte seja muito provavelmente falso.

Em Portugal, «Gallego Galindo» teve contactos com o português ligado à Dinfo, de seu nome Correia da Cunha, com vista a acertarem a contratação de homens para actuarem no país basco, com vista à eliminação física de nacionalistas bascos.

Mais fronteiras abertas na Páscoa

Oito postos fronteiriços reabrem a sua passagem, ou alargam o período de manutenção de abertura de fronteira, durante o período da Páscoa — disse à Agência Lusa fonte do Comando-Geral da Guarda Fiscal.

O coronel Lúcio, do serviço de Relações Públicas do Comando-Geral da Guarda Fiscal, indicou que «as previsões de entrada de estrangeiros e emigrantes se mantêm idênticas às de igual período do ano passado», mas que foi decidido superiormente abrir ou alargar o período de abertura de oito postos fronteiriços.

Aquele oficial indicou que esses oito postos são os de Moimenta, Barrancos, Madalena / Lindoso, Penamacor, Freixo de Espada à Cinta, Alcoutim, Retiro Louco e Aleijoeira, referindo, no entanto, que «o grosso das pessoas vindas de Espanha, por via terrestre, se deslocarão pelas fronteiras de Vilar Formoso, Caia e Valença do Minho».

«A principal fronteira, tanto no que se refere a passageiros de comboios como de veículos automóveis é a de Vilar Formoso», acrescentou.

O coronel Lúcio indicou que «esta semana é o período grande de afluxo, mas será para meados da mesma que se notará maior circulação com a chegada de comboios especiais e filas de automóveis».

Esta semana

Milhares de espanhóis visitam Portugal

O Centro de Turismo Português em Madrid estimou em cerca de 450 000 o número de espanhóis que visitarão Portugal durante o período de férias da Páscoa.

A maioria dos visitantes espanhóis tem como destino Lisboa e a Costa do Estoril, embora o Algarve, a Costa Verde e a Zona Centro estejam também entre as áreas mais procuradas, de acordo com o tipo de turismo que pretendam fazer.

Para este ano observa-se uma maior diversificação de destinos em virtude das dificuldades de infra-estruturas da capital portuguesa para receber todo o movimento que habitualmente se concentrava nesta época.

Na Madeira

Navio à deriva já a salvo

O navio mercante cipriota «Pico Ruivo» que andou três dias à deriva nas águas madeirenses encontra-se já esta manhã fundeado com duas amarrações ao largo da ilha do Porto Santo aguardando a chegada ao local do rebocador «Cabo Girão» para entrar no porto.

O navio «Pico Ruivo» fretado à Empresa de Navegação Madeirense transportava carga geral contentorizada de Leixões para o Funchal. Há três dias, quando se encontrava a 180 milhas a nordeste da Madeira, pediu socorro mas os rebocadores não saíram em seu auxílio devido ao estado do tempo. Foi então solicitada ajuda para as Canárias de onde ordenaram, via rádio, para que o rebocador holandês «Smith Barracuda» que se encontrava a 300 milhas do local avançasse para a zona onde se encontrava o «Pico Ruivo».

Ontem, cerca das 14 horas, a situação era alarmante pois o «Pico Ruivo» sempre à deriva encontrava-se já a seis milhas da costa nordeste de Porto Santo, em risco de encalhar. Foi então que o barco patrulha da Armada portuguesa «Quanza» conseguiu chegar ao local para proceder ao salvamento dos seis tripulantes do «Pico Ruivo», caso se tornasse necessário. O «Quanza» não tem condições para efectuar o reboque e teve dificuldade em sair mais cedo para dar assistência ao navio mercante. Só o fez após muitas diligências em virtude do porto do Funchal, onde se encontrava, estar bloqueado por batelões e navios areeiros. Por diligências do armador, ao serviço do qual se encontra o «Pico Ruivo», saiu para o local pelas 19 horas de ontem interrompendo a operação de descarga no porto do Funchal, o navio hondurenho «Pico do Castelo» que chegou junto do barco sinistrado pelas duas horas da madrugada, possibilitando o reboque e evitando o encalhe iminente no ilhéu das Cenouras, na costa Norte de Porto Santo.

Entretanto chegava também ao local o rebocador «Cabo Girão» que presta serviço no porto do Funchal que colaborou no salvamento.

Esta situação é um alerta para a carência de socorros marítimos na Madeira e o atrofiamento que por vezes se regista no porto do Funchal, como prova o facto de o navio-patrulha «Quanza» só muitas horas depois é que conseguiu sair para o mar, afirmam pessoas ligadas ao mar na Madeira.

O «Barracuda» deve proceder ainda esta manhã ao reboque do «Pico Ruivo» do porto de abrigo do Porto Santo para o Funchal.

O mau tempo foi também responsável por o navio grego «Oceanus», que chegou ontem ao Funchal pelas 17 horas com 350 turistas a bordo, desistisse de atracar e seguisse directamente para Casablanca.

Contrabando de gado na Beira

O director regional de Agricultura da Beira Interior disse ontem, na Guarda, que na zona fronteiriça «se faz contrabando de milhares de cabeças de gado, muitas vezes doente com brucelose e peripneumonia».

A Direcção Regional de Agricultura da Beira Interior tem cerca de 40 veterinários, mas apenas dois estão no quadro, afirmou João Maçãs, director daquela região de agricultura.

Este distrito caracteriza-se a nível agrícola pela existência de pequenas explorações e pela falta de meios para o desenvolvimento do sector, mas possui um equipamento técnico e humano razoável na área da agro-pecuária, disse João Maçãs.

O director regional salientou também já ter sido conseguida a quase totalidade de acções programadas para a zona, nomeadamente a demarcação da área de produção do queijo da serra da Estrela, 20 acções de ensaio através do programa «Procalfer» e cursos de formação profissional.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

***QUEREM** alguns maldizentes insinuar pelas mais diferentes vias que o nosso país se encontra em muito mau estado. Sucede, porém, que, dos argumentos investidos, se retira uma conclusão* **inversa** *da aduzida pelos detractores. Vejamos sucintamente alguns dos casos.*

Diz-se que Portugal é o País da Europa com maior área florestal destruída. Mas isso é para nós uma honra, caramba! Trata-se, pura e simplesmente, de um problema de melhor ocupação do espaço. Para que queremos mais verduras se já contamos com o maior índice da Europa em árvores genealógicas «per capita»?

Outra da estatística: somos o País em que os remédios da farmácia são mais caros. Mas repare-se bem: os **remédios da farmácia.** *O que se pretende é incentivar o consumo de antigas mezinhas caseiras. Em muitos aspectos já se está retornando ao antigo. Basta ver, por exemplo, o que se passa na televisão.*

Vejamos a electricidade. Somos, diz-se, o país da Europa com mais baixo índice eléctrico. Que o nosso consumo é reduzido, o mais reduzido. Aceitemos. Porquê isso? Porque de dia temos um sol resplandecente, e a noite passamo-la saudavelmente a dormir. Somos o país, isso sim, há mais tempo com os olhos fechados.

A estatística não se fica por aqui. Ela jura a pés juntos que somos o país que consome menos proteínas.

A ração média diária de leite, por habitante, julgo que é um decilitro ou nem tanto. A de carne anda aí por uns gramazitos ou, para dar mais cor local, por umas gramazitas. Está certo. Mas no carrascão ninguém nos bate. Por isso é que os outros povos criados a leitinho são uns franganotes e a gente, de varapau na mão, varre uma feira. Aí é que se vê.

Finalmente: somos o país que menos jornais consome.

E ainda bem! Reparem, só com o **Telejornal** *aumenta o medo, o* **stress,** *a instabilidade, a irritabilidade, as doenças cardíacas. Se fôssemos a consumir mais jornais, então é que ficávamos chaladinhos de todo. Livra!*

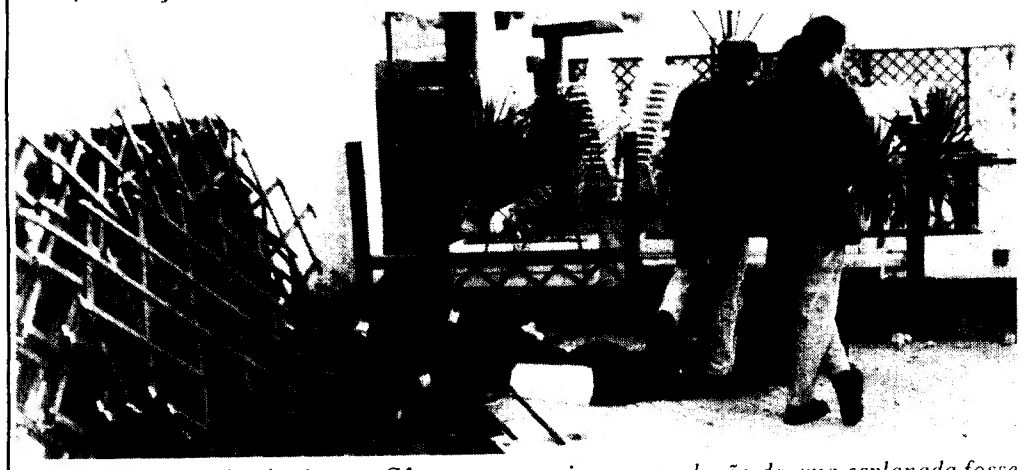
Continuam as demolições de clandestinos

CÂMARA DE LISBOA "ATACOU" ESPLANADA EM BENFICA

A luta contra os clandestinos na cidade de Lisboa continua e, esta manhã, uma vedação que delimitava o espaço da esplanada de um restaurante de Benfica foi demolida... pelo proprietário que, assim, se antecipou aos funcionários camarários.

Quando funcionários da edilidade, acompanhados por agentes da Polícia Municipal, chegaram ao restaurante do Centro Comercial Fonte Nova, a vedação de madeira já estava a ser derrubada por operários contratados pelo proprietário. «Esta é uma zona muito ventosa, o que faz com que diminua o número de clientes», declarou ao «DL» Luis Oliveira, justificando a montagem daquela estrutura.

Tendo pedido uma licença à Câmara para a instalação de uma esplanada na via pública, a 30 de Abril do ano passado, foi o vento que o levou a alterar o projecto original, aprovado pelos serviços da Câmara Municipal de Lisboa a 10 de Julho de 1986, e dado «à estampa» no «Diário Municipal» de 29 do mesmo mês.



Na luta contra os clandestinos, a Câmara conseguiu que a vedação de uma esplanada fosse espontaneamente retirada

No entanto, de acordo com o vereador Vasco Franco, se o projecto foi aceite, na mesma altura a Câmara indeferiu o encerramento da esplanada por uma vedação. Aliás, os serviços do Município vieram a constatar que no espaço delimitado pelas madeiras se encontrava uma boca de incêndio, o que dificultava, em caso de emergência, a sua utilização.

«A esplanada não estava herméticamente fechada, pelo que o acesso à boca de incêndio se podia fazer», contrapôs o proprietário, acrescentando que tinha na ideia «propôr à Câmara a deslocação da boca de incêndio mais para longe, às nossas custas».

No entanto, como observou o vereador da Câmara de Lisboa, «uma esplanada fechada deixa de ser esplanada, e o proprietário, como não existem taxas para estes casos, pagava a contribuição referente à ocupação de via pública por ter uma esplanada aberta, o que era imoral».

Esplanada legal, certo, como demonstra o empresário, mas a vedação...

Entretanto, face à demolição, Luis Oliveira adiantou ao «DL» que irá dentro em breve apresentar um novo projecto à Câmara, «e logo eles dirão como querem que se faça».

Barracões de Sete Rios vão ser demolidos

Segundo apurámos, o vereador Carlos Robalo está neste momento a estudar centenas de casos semelhantes ao que até hoje existia no Centro Comercial Fonte Nova, de modo a determinar quais as medidas que devem ser tomadas para repôr a legalidade.

«São largas dezenas de esplanadas as que irão ser demolidas, nomeadamente as que foram fechadas com zinco e alumínio», comentou o vereador Vasco Franco, acrescentando que tais acções «serão tomadas muito próximamente».

Por outro lado, como já tinha revelado em entrevista concedida ao «DL» no início do corrente mês, nos próximos dias serão desocupados os barracões que estão à saída do Metropolitano de Sete Rios. «Inclusivamente, registam-se aí alguns casos de insalubridade, o que é perfeitamente inadmissível quando o que se comercializa são comidas e bebidas», concluiu o vereador do pelouro do Serviço de Obras.

O velho "cabaret" reanima-se

O RITZ REABRE AS PORTAS, IGUAL E DIFERENTE

Rui Eduardo Paes

Foi a festa, ontem, até altas horas da madrugada Barulho, gente, entusiasmo e muita curiosidade mereceu a inauguração de uma nova fase para o famoso (mesmo quando à boca calada) e desafiador Ritz Club. «Há vinte anos que eu não punha cá os pés», dizia um quadro de 45 anos. «Até nem era má ideia se continuassem com o strip-tease, **porque não?», lançava no ar uma voz feminina, que nunca ali havia estado.**

O passado do Ritz Club estava ali presente, na atmosfera e nas memórias. E não foi por acaso que em nada se mudou o traçado do edifício, ou a sua decoração. É o mesmo Ritz de sempre, embora com outros usos. Ou melhor: a boémia que a partir de agora proporcionará aos vocacionados do género continua com o mesmo nome, a sua prática é que é diferente. Exigências dos anos 80.

À frente desta nova fase do Ritz estão dois nomes conhecidos do espectáculo português, Vitorino e Maria do Céu Guerra, que lhe dão o tom acrescentado. De facto, o Ritz é, desde a noite passada, um espaço de café-concerto, onde pode acontecer de tudo: teatro e música, bailado, ilusionismo e concursos. O que a imaginação achar por bem, e para lá de duas condições básicas: poder-se beber, conversar e dançar.

Ontem houve dose reforçada: Maria do Céu Guerra representou Calamity Jane, Vitorino e Janita Salomé cantaram, as Meninas de Lisboa lá estiveram. E tocou-se Bach ao piano, por João Lucas, e também Debussy, pelas mãos de José Manuel Marreiros. Lello esteve na guitarra, e presente lá estava Maria Eduarda. Depois espectáculo de travesti, Pedro Sayna e Fathi, e baile, com a orquestra «Os Demónios da Rua da Glória».

Propõem-se o cantor e a actriz «recuperar o espírito de alegria um pouco ingénuo que marcava este espaço como ponto de referência e de encontro», mas sem repetir: «nem o mais feroz conservador revivalista será capaz de propor tal coisa». Digamos que é antes a noção de que o espírito de um lugar nunca o abandona verdadeiramente, e há é que alimentá-lo. Porque, como é sabido, existem espíritos bons. Este era português até perceber perfeitamente isso mesmo.

Vitorino, cantor, e agora empresário

Noites da Glória

Estão em preparação, para já, alguns espectáculos especiais para o clube da Rua da Glória, encontrando-se a trabalhar nisso Mário Viegas, Maria do Céu Guerra, Lia Gama, Zita Duarte, Fernando Pereira, a dupla Mónica Lapa/Janita, As Meninas de Lisboa, Victorino de Almeida e Margarida Carpinteiro. Um clube nocturno atravessa rapidamente o tempo, e é preciso variar noite a noite.

Já anunciada a realização de um concurso dedicado aos «reis do rock and roll». As inscrições estão abertas, as eliminatórias far-se-ão gradualmente e em Maio será a final. Para os saudosos do estilo, e até está na moda.

O Ritz apresentará aos fins-de-semana um cabaré satírico, que será como que o semanário teatral dos acontecimentos que animaram durante seis dias a actualidade nacional e internacional. Nome: «O Grilo».

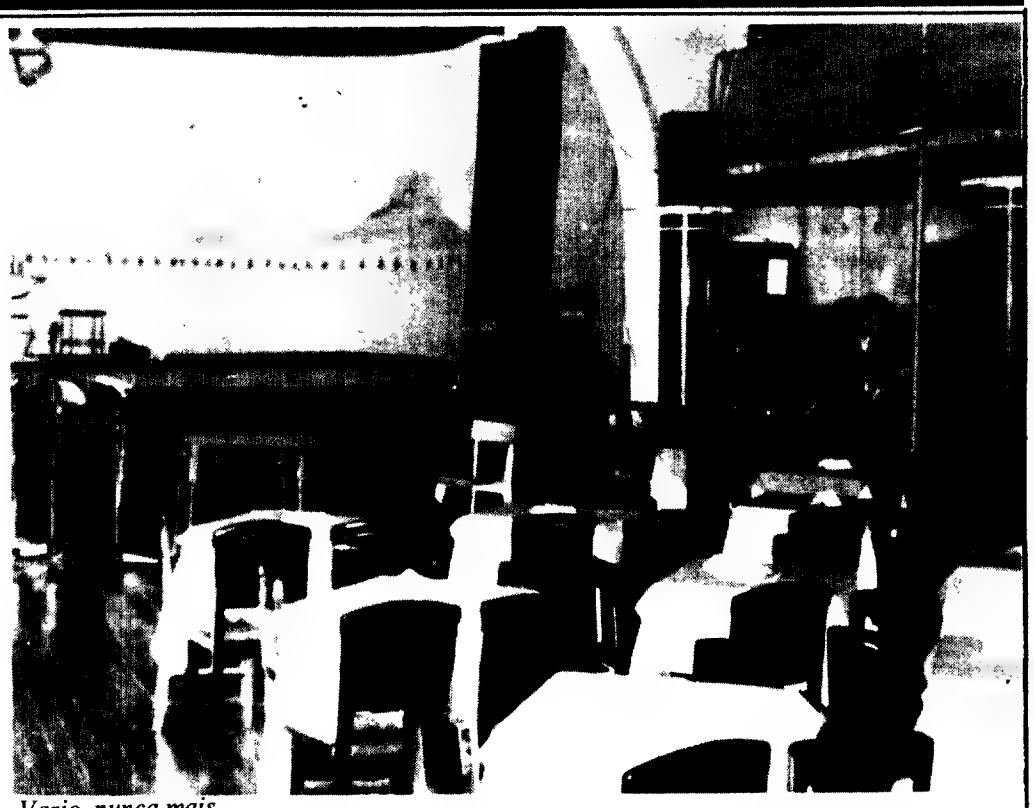
Noite a noite é este o programa: as segundas-feiras incluirão «sketches» teatrais, poesia, mímica e dança jazz. São «as folgas do teatro». À terça tudo dorme, e depois as quartas-feiras querem-se «trágicas», com jazz, filmes e vídeos. As quintas serão as noites de gala da orquestra «Os Demónios da Rua da Glória. Motivação: a Gafieira Afro-Brasileira. Sextas, sábados e domingos canta-se, baila-se e surpreende-se.

Suceder-se-ão exposições de pintura, escultura, desenho ou fotografia. Ontem lá estavam quadros de Rui Flunser Pimentel, versando a mitologia do Ritz, precisamente.

E pode-se jantar, ouvindo fado. O novo Ritz Club será a mostra mais definitiva de que a nossa esquerda é romântica e gosta da noite. Ontem já aconteciam os reencontros das grandes ocasiões, entre abraços: «Então já não estás no partido? O que fazes agora?». A esquerda tem finalmente o seu poiso.

Maria do Céu Guerra representando Calamity Jane num velho palco onde noutros tempos se via «streap tease»

Ritz Club: a esquerda tem finalmente a sua noite.



Vazio, nunca mais

Consumo obrigatório: 12 e 500

Neves de Sousa

Ao lado, uma «casa de meninas», ao dispor de qualquer utente que dispendesse uma «papla» de vinte, a dita «ventoinha». Na porta, larga, batida por um guarda–vento a puxar o pardo, o letreiro: «consumo mínimo: 12$50». O porteiro, latagão que tinha sempre polícia à ilharga, esclarecia: «tem direito a uma cerveja».

E a malta entrava no «sempre em festa». Escadaria ampla, dois ramos no primeiro andar: barbearia ou restaurante. Tosquia e bigode aperaltado pelo Silva, que mais tarde tomaria conta de estaminé semelhante no «Cantinho dos Artistas», à canhota do Parque Mayer, no reino do Aníbal, onde Lia Gama deu os primeiros passos para sobressair. Mas, voltando à loja de mestre Araújo (que tinha no rosto cicatriz - «recuerdo» de leve desaguisado com cliente mais recalcitrante) a loja de comes e bebes só funcionava depois das três da matina. E tinha direito a fado, do bom: foi ali que conquistou asas Fernanda Maria, agora voluntariamente votada a um ostracismo que não ultrapassa a fronteira do «Lisboa à noite». Fado que o Manuel de Almeida garantia já com o tique especial no olhar e muita «rainha do trotoir» à espera de embalar a trouxa e zarpar com ele: custava 30 escudos o «bacalhau à Braz», mas por vezes tinha prenda.

Subia–se mais: e era o vasto salão de animação. Ao fundo um palco alto, não fosse o Diabo tecê–las e haver invasão de campo antes do termo regulamentar do exercício de dar à perna por Juanita Madrid e outras «coupletistas» mais ou menos amestradas. E dançava–se: um «cocktail» feito de mistura que só o patrão conhecia servia–se às convidadas para a mesa: que, mal o cliente virava o olhar, ia direitinho para o «frapée» e que logo avançasse taça de reserva.

No controlo, ao lado, na esquerda, uma figura que ficaria conhecida nos meios desportivos: Bruno Santos comandava dali as operações de recolha de fundos, com o mano de António Araújo superintendendo sobre os pares mais ou menos emaranhados em sonhos de próxima delícia. Saia–se e entrava–se: mas, para a galeria, na classe superior, só se aceitavam os mais endinheirados. Vinte «dele»: a mesma cerveja mas o direito a mirar, «sob el tendido», a arena que suava em bica. De repente, apagavam–se as luzes e era o Antoine Martin (pobre dele que acabaria por voltar a ser António Martins) ou o Helder Martins (que está agora tocando lá pelas cortes celestes ou aquele incrível duo de velhotes que vinha, de trouxa e avental, barrete e botas cardadas, justificar um «cachet» que nunca passou dos 200/300 escudos diários, rol de cantorias sempre ao dispor para intervalar quando as «artistas» do cartaz tinha afazeres em duetos com provincianos, com «alentejanos» que inté pagavam «champanhe», directamente saido da mais barata das caves da Bairrada.

Era noite de estúrdia valente: ninguém saía dali a perder tudo, ou apanhava pifo ou arranjava namorada. Os mais ousados, carteira de pele encadernando notas graúdas, ainda se batiam com o fado e, para desfeita do prato da casa, exigiam carne de porco à alentejana, que tinha oito amêijoas por dose. À saída, passado o muro dos guarda–costas, havia sempre leves discrepâncias, prontamente sanadas pelos punhos convincentesdo Mateus ou do Barrigana, do Armando Pons ou do Belarmino que, entre uma discussão e caldo verde, ainda tinha tempo para dar um pulo ao «Globo» e rebocar meia dúzia de fotografias para colorir com aguarelas sem tom acompanhadas por cuspo na ponta do pincel.

Então, a gente saía feliz. Amandava–se o pagode até à Avenida, ao quios que que fechava às duas mas tinha sempre uma freguesia do escafandro, o sôr Zé a aviar sandes e garrafinhas do tinto com larga percentagem de borlas para os dedicados cívicos da Praça da Alegria que, cumprida a missão no Ferreira do «Fontória» ou no «Maxime» do Carlos Cabeleira ou já do Carlos Santos, fechada a porta do honesto «Hot Clube» onde Vilas Boas implantava o «jazz» ou trancada a loja onde Márcia Condessa servia um fado à boa moda do Porto, fechadas para obras as fronteiras do prazer, em todas as pensões limítrofes o letreiro de «lotação esgotada» e luzes da escada bem cerradas, começava Lisboa a viver. O luxo do cacau da Ribeira era só para milionários ou para quem tinha arraiais no mercado. Alfama e Mouraria começavam a despejar gente do trabalho por essas vias fora. Junto à Pomarense o famigerado agente Casimiro, moto encostada à parede, fazia a última cobrança entre os «anjos da rua» que já estavam despachadas e iam rápidas acordar o menino para entregar na creche. Na esquina da Ribadouro, Carlos José Teixeira discutia touros, sempre de cravo na lapela. A «travessa do Garcia», que levava da porta do Café Lisboa à entrada da nossa Broadway, encerrava para balanço. Lisboa, mal adormecia, logo acordava: só que os extremos nunca chegavam a encontrar–se . E jamais chegarão a tocar–se.

Política fundiária e cooperativas agrícolas

Fundação Luso-Americana financia dois projectos de gabinete da UTL

O intercâmbio de experiências e a cooperação entre instituições prestigiadas, quer nos Estados Unidos da América quer em Portugal, pontificam nos dois projectos ontem apresentados em Lisboa pelo Gabinete de Apoio da Universidade Técnica (GAPTEC) com vista à valorização da agricultura portuguesa no quadro da CEE e que a Fundação Luso-Americana financiou em 66 mil contos.

Quer o projecto sobre a estrutura fundiária do Noroeste quer o projecto sobre o impacto das cooperativas agrícolas enquanto unidades empresariais, lidam com questões cuja equação e propostas de solução constituirão dados fundamentais para a adopção de políticas futuras naquelas áreas — afirmou o presidente do Conselho Executivo da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).

Donald Finberg realçou que se trata de duas propostas de trabalho multidisciplinares em que o tema do desenvolvimento surge como o último objectivo a alcançar numa fase em que a agricultura portuguesa procura soluções no âmbito do processo de adesão do País à CEE.

O presidente da FLAD sublinhou o facto do GAPTEC ser uma das poucas instituições a ter dois projectos aprovados pela Fundação neste seu primeiro ano e meio de actividade, o que significa o seu empenho de servir de elo de ligação entre a instituição académica e a comunidade.

A Fundação Luso-americana para o Desenvolvimento (FLAD) foi criada em 20 de Maio de 1985 pelo Decreto-Lei 168/85 e tem por objectivo contribuir para o desenvolvimento económico e social português através da promoção da cooperação entre Portugal e os Estados Unidos da América nos domínios científico, técnico, cultural, educativo, comercial e empresarial. O seu capital inicial é de 38 milhões de dólares (cerca de seis milhões de contos), atribuídos em dotação pelo Governo português em resultado da cooperação com o Governo dos EUA.

A Fundação dará prioridade a projectos que promovam a rápida modernização da economia portuguesa, dando particular importância ao papel a ser desempenhado pelo sector privado. Em princípio, a Fundação dará preferência a iniciativas propostas ou a realizar por outras entidades e não fará a administração directa de projectos.

O Gabinete de Apoio da Universidade Técnica (GAPTEC) foi criado com a finalidade de constituir uma interface global e privilegiada entre a Universidade Técnica de Lisboa e o meio exterior. Fundado em Março de 1982, o GAPTEC é uma associação de direito privado, sem fins lucrativos, com autonomia administrativa e financeira em busca de «uma ligação funcional e estreita entre as Escolas, da UTL, as empresas e os organismos públicos, destinada a apoiar institucionalmente o desenvolvimento científico necessário para responder ao desafio tecnológico que actualmente se depara ao nosso País» — lê-se nos seus estatutos.

Aos dois projectos — «Política Fundiária e Transformação da Agricultura do Noroeste de Portugal» e «Viabilidade Económica e Inserção no Meio Rural das Cooperativas Agrícolas» — a FLAD concedeu um apoio global de 66 mil contos.

Com o último projecto pretende-se estudar e reunir um conjunto de informação sobre as cooperativas agrícolas e caixas de crédito que permita o estabelecimento de propostas para novas orientações de política para o sector.

O primeiro projecto, «Política Fundiária e Transformação da Agricultura do Noroeste de Portugal», atende ao facto das explorações agrícolas da região terem maioritariamente entre um e quatro hectares e das perspectivas de evolução dos preços agrícolas, em consequência da aplicação progressiva em Portugal da Política Agrícola Comum (PAC), não ser de molde a criar expectativas favoráveis quanto à evolução da rendibilidade dos principais sistemas da agricultura regional.

José Vitorino preside à Região do Algarve

MRA já tem dirigentes

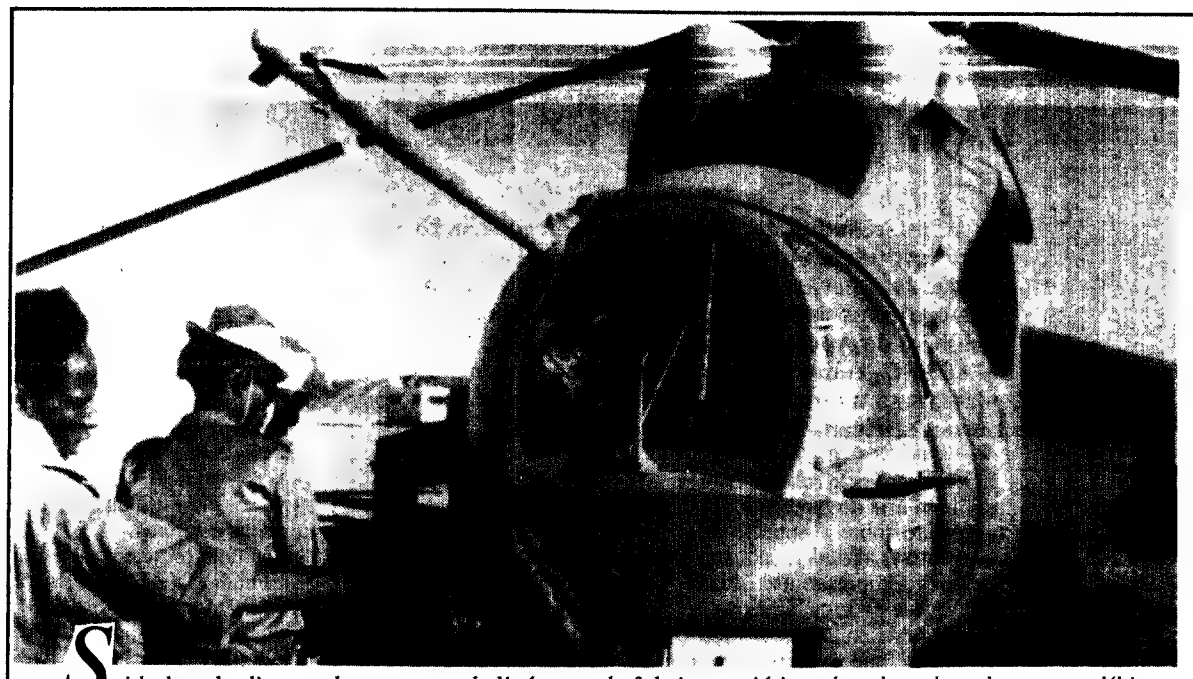
Os órgãos eleitos do Movimento da Região e Progresso do Algarve (MRA) foram no sábado empossados em cerimónia que coincidiu com a inauguração da sua sede em Faro.

O ex-dirigente e ex-deputado do PSD, José Vitorino, é o primeiro presidente do Movimento é nessas funções foi anteontem investido, perante inúmeras pessoas na capital algarvia. O antigo presidente da Câmara Municipal de Faro, José Marciano Nobre, é o secretário-coordenador.

No discurso de posse, o presidente do MRA disse que o movimento «»é filho do desencanto, das frustrações e das promessas adiadas e pai da esperança e do futuro». José Vitorino aludiu também à crise. Fê-lo nestes termos: «que ninguém nos tente pressionar ou sensibilizar, porque recusamos apodar, criticar ou tomar posições que signifiquem, de forma directa ou indirecta, favorecer ou prejudicar quaisquer forças ou entidades».

O primeiro presidente do MRA salientou o facto de integrar um conjunto de personalidades de todos os sectores da região e das mais diferentes sensibilidades, e considerou necessária a criação urgente da Região do Algarve, com «o fim imediato da dependência do Algarve em relação a serviços sediados em Évora».

O Movimento da Região do Algarve, tem neste momento cerca de quatro centenas de membros.



Soldados chadianos observam um helicóptero de fabrico soviético abandonado pelas tropas líbias, após a derrota militar de Tripoli no norte do Chade. A Líbia voltou, contudo, a reivindicar a soberania sobre a faixa de Aouzou, realçando que ela é uma «parte indivísivel» do seu território

O Ministério francês da Defesa iniciou uma campanha de distribuição gratuita de preservativos aos militares destacados em países onde existe um alto risco de contágio de Sida. A medida, comunicada através de uma circular aos membros dos três ramos das Forças Armadas francesas, era até agora reservada à Marinha «para evitar todo o tipo de doenças que se transmitem sexualmente». No âmbito da luta contra a Sida, os responsáveis dos quartéis metropolitanos foram autorizados a colocar distribuidores de preservativos a um preço muito económico. Entretanto, em Inglaterra, peritos consideram que o crescente uso de preservativos pode pôr em risco a fauna do país. Isto porque, segundo os peritos, os preservativos abandonados nos campos podem ser comidos por vacas, ovelhas e outros animnais.

O ex-senador norte-americano Gary Hart e a s parque das Rochas Vremelhas, onde anunciou à impre candidatar à nomeação dos democratas para as eleições

Problemas médicos da URSS

O novo ministro soviético da Saúde, Yevgeny Chazov, referiu-se aos problemas médicos na União Soviética, designadamente às doenças causadas pela poluição e contaminação da água em apartamentos nas comunas estatais. Chazov, que recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1985, juntamente com o norte-americano Bernard Lown, em nome da Associação Médicos Internacionais para a Prevenção da Guerra Nuclear, foi nomeado ministro da Saúde em Fevereiro deste ano. Numa entrevista ao jornal oficial do Partido Comunista Soviético, «Pravda», Chazov disse que o nível de saúde na URSS baixou porque durante 20 anos as autoridades não tomaram iniciativas. As suas críticas seguiram-se a uma série de duros ataques que a Imprensa soviética tem publicado ao sistema de saúde e medicina no país. A poluição em 104 povoações soviéticas é pelo menos dez vezes mais elevada do que os níveis permitidos. Uma em cada quatro casas nas comunas estatais e um em cada três escritórios ou gabinetes industriais têm água contaminada, o que aumenta o perigo de doenças como infecções intestinais graves — salientou Chazov.

Dívida moçambicana

A dívida externa de Moçambique ascende a 4500 milhões de dólares, disse o presidente moçambicano, Joaquim Chissano, no decorrer de um comício na Beira, que durou cerca de cinco horas. Chissano, que falou em termos simples e coloquiais convidou a população a dirigir-se aos microfoes para fazer perguntas, disse que os moçambicanos devem quase tudo, desde o que comem ao que vestem, e estão a viver de esmolas. «Como é possível comprar um vestido por oito contos, quando ganho apenas os mesmos oito contos?» e «Como é possível não ser desmobilizado das Forças Armadas, quando o serviço militar é obrigatório para todos?», foram duas das perguntas colocadas pelos populares, a que Chissano deu resposta no âmbito do plano de reabilitação económica em curso em Moçambique.

Crianças em extrema pobreza

Mais de 50 milhões de crianças da América Latina debatem-se, entre o seu nascimento e os cinco anos, em condições de extrema pobreza, afirmou Teresa Albanes, directora regional do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Em declarações à Imprensa da Cidade do México, Teresa Albanes afirmou que «ou os Governos latino-americanos defendem os índices mínimos de bem-estar das pessoas, particularmente das crianças e ulheres, que são as mais vulneráveis, ou se dedicam ao pagamento da dívida externa, ainda que a dívida social seja já irreparável». A directora regional da UNICEF assegurou que mesmo em épocas de escassez há coisas que podem e devem fazer-se, como a vainação e a distribuição e preparação do soro oral, «pois a maior assassina de crianças no México e na América Latina é a diarreia, que está na origem de 3000 mortes diárias de crianças na região.

Mandado de prisão contra Marcinkus

Um tribunal italiano deliberou que os mandados de captura contra o presidente do Banco do Vaticano, arcebispo Paul Marcinkus, e dois outros directores são válidos e rejeitou dois pedidos de revogação feitos pelos advogados de defesa. Marcinkus, de 65 anos, um norte-americano, e Luigi Mennini e Pellegrino de Strobel, dois italianos, foram acusados de cumplicidade na falência, em 1982, do Banco Ambrosiano, na altura a instituição bancária privada mais importante de Itália, que declarou bancarrota com dívidas no valor de mais de mil milhões de dólares.

GEORGE SHULTZ ENCONTRA-SE COM PRIMEIRO-MINISTRO SOVIÉTICO

O secretário norte-americano de Estado, George Shultz, que segunda-feira chegou a Moscovo, conferenciou hoje com o primeiro-ministro soviético, Nikolai Ryzhkov, e mais tarde deverá debater com o lider do Kremlin, Mikhail Gorbachev, questões relacionadas com armas nucleares e outros temas. O secretário de Estado esteve ontem reunido com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze.

Shultz, que ontem inicou três dias de conversações em Moscovo, deslocou-se hoje ao Kremlin para se encontrar comn Ryzhkov, que além de primeiro-ministro é responsável pela economia do país. Ao contrário do que ontem sucedeu com Shevardnadze, as conversações com Ryzhkov deverão centar-se em assuntos económicos. Shultz deverá ser recebido hoje por Gorbachev, a quem entregará uma carta pessoal de Ronald Reagan.

Fontes norte-americans e soviéticas têm manifestado diferentes opiniões sobre as prespectivas de êxito da visita de Shultz a Moscovo. O chefe de gabinete da Casa Branca, Howard Baker, comentou, segunda-feira, na Califórnia, que das conversações de Shultz poderá resultar a decisão de uma terceira cimeira entre Gorbachev e o presidente Ronald Reagan. No entanto, Viktor Karpov, responsável pelo directório do controle de armas do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, disse que os Estados Unidos colocaram novos obstáculos a um acordo sobre mísseis de médio alcance.

George Shultz e Eduard Shevardnadze realizaram ontem à noite uma terceira ronda não programada de conversações. A agência noticiosa soviética TASS informou, numa primeira versão, que os dois ministros analisaram as possibilidades de assinarem um acordo sobre redução de mísseis de médio alcance que as duas potências têm estacionados na Europa. Mais tarde, numa «versão corrigida», a TASS informou que foram discutidas as relações bilaterais, problemas humanitários e condições de trabalho das respectivas Embaixadas e representações diplomáticas.

As conversações entre Shevardnadze e Shultz, as de mais alto nível entre as duas superpotências desde a cimeira entre Gorbachev e Reagan, em Reiquejavique, ganharam mais interesse a partir das recentes propostas de desarmamento apresentadas pelo lider soviético. Em Praga, Gorbachev propôs um acordo sobre redução simultânea de mísseis de médio e

Espanha favorável à transferência dos F-16 norte-americanos para a Alemanha Federal

O Governo de Madrid considera lógica e positiva a transferência para a RFA dos F-16 norte-americanos actualmente estacionados na base de Torrejon de Ardoz, disse o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros.

A revista alemã «Der Spiegel» revela, na edição de ontem, que os Estados Unidos já decidiram transferir os 72 caças-bombardeiros F-16 da base de Torrejon, nos arredores de Madrid, para uma base norte-americana situada na República Federal da Alemanha, sem consultar previamente o Governo de Bona.

De acordo com os tratados assinados no fim da segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos não precisam de pedir autorização do Governo de Bona, que unicamente deve ser informado das decisões tomadas por Washington relativas às tropas norte-americanas estacionadas na RFA.

O desmantelamento da base área de Torrejon, situada a 16 quilómetros da capital espanhola, e a retirada dos 72 F-16 é uma das exigências formulada pelo Governo de Madrid e o ponto mais polémico das negociações hispano-norte-americanas sobre a redução das forças militares dos Estados Unidos em Espanha.

Comentando a notícia publicada pelo «Der Spiegel», o chefe da diplomacia espanhola, Francisco Fernandez Ordonez, disse que o Governo de Madrid não foi informado desta eventualidade, mas que considera «lógica e positiva» a transferência dos F-16.

Um porta-voz do Ministério espanhol comentou que Espanha não propôs nem negociou a transferência dos aviões.

Fernandez Ordonez disse que as negociações continuam e que notícias deste tipo são a consequência da firmeza demonstrada pelos negociadores espanhóis.

O porta-voz do MNE espanhol, Inocêncio Arias, frisou que o futuro destino dos F-16 de Torrejon «é uma questão que deve ser negociada pelos Estados Unidos com o terceiro país» disposto a receber os aviões.

Portugal, Itália, Turquiq e agora a RFA têm sido citados nos últimos meses como possível alternativa para a instalação dosF-16 estacionados em Espanha.

Dirigentes religioso proibição na África

Cerca de 1.400 sul-africanos, m cos, encheram uma catedral da cida dirigentes eclesiásticos de várias cc ram a proibição governamental de tenções sem julgamento.

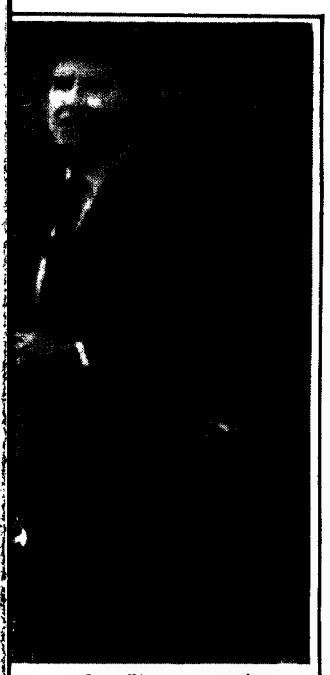
O embaixador norte-americano, parte do pequeno número de negros manifestação pública contra as polí ria.

Na sua primeira condenação públ que assumiu o seu posto há seis me uma declaração afirmando que o seu utilizar todos os meios ao seu alcan tra as detenções, sobretudo de crian

O arcebispo anglicano Desmond viço religioso, na catedral anglic coadjuvado pelo arcebispo católico reverendo Allan Boesak, presidente Reformadas (calvinistas) e por dir deus.

Em Pretória, o ministro sul-africa Adriaan Vlok, dise entretanto que a bava orações pelos detidos, desde incitassem as congregações a aderir libertação.

O decreto de emergência, publica encorajamento de actos públicos a f testos contra a sua detenção, apel manifestações de solidariedade com



a sua família, posando no
prensa a sua intenção de se
ões presidenciais dos EUA

curto alcance, dando desta forma satisfação aparente às preocupações manifestadas por lideres europeus quanto a um acordo entre os Estados Unidos e a União Soviética que, conduzindo a uma opção zero em matéria de mísseis de médio alcance, deixaria a Europa à mercê de uma superioridade militar do Pacto de Varsóvia.

A deslocação de Shultz a Moscovo foi emsombrada pelo último caso de espionagem em que está envolvido pessoal militar da segurança da Embaixada dos EUA em Mosvo. O Pentágono anunciou, segunda-feira, que os 28 «marines» norte-americanos da Embaixada de Mpsco-vo e do consulado de Leninegrado serão substituídos.

sos desafiam
ca do Sul

maioritariamente brandade do Cabo para ouvir s confissões que desafia-de campanhas contra de-

no, Edward Perkins, fazia ros que participaram nesta políticas racistas de Petró-

ública do apartheid desde meses, Perkins divulgou seu Governo continuará a cance para protestar con-rianças.

nd Tutu, promotor do ser-glicana de São Jorge, foi ico Stephen Naidoo, pelo nte da Aliança das Igrejas dirigentes religiosos ju-

ricano da Lei e da Ordem, e a proibição não englo-sde que os oficiantes não erir a campanhas pela sua

licado no sábado, proíbe o a favor dos presos, pro-pelos à sua libertação ou om eles.

A rica e angustiada terra angolana — 2

Uma economia desequilibrada pela guerra e pela política

Kelly McParland

A rotura política e militar que tem caracterizado a economia de Angola, durante mais de uma década, tende a fazer esquecer a promessa do que poderia ter acontecido. Mesmo pelos padrões de África, onde a lista de países que falharam de alguma forma a capitalização da sua potencial riqueza é deprimentemente longa, Angola sobressai como uma potência frustrada.

Antes da independência, em 1975, as possibilidades do país tinham sido suficientes para atrair cerca de 350 000 colonos estrangeiros, maioritariamente portugueses, para dirigirem as suas quintas, as suas minas e o seu comércio. Era um dos maiores produtores mundiais de café e diamantes, enquanto a produção petrolífera, especialmente nos ricos campos de Cabinda, parecia suficiente para assegurar um futuro de riqueza crescente.

A promessa permanece ainda, mas não parece mais próxima da realização hoje do que estava há uma década atrás. Efectivamente, em muitos sectores, os produtores ficariam mais que satisfeitos se atingissem os níveis de 1975.

Um estudo recente sobre a economia angolana levado a cabo pelo Economist Intelligence Unit (EIU) («Angola Anos 90: O Potencial por Descobrir» de Tony Hodges) conclui que, até que a guerra com os guerrilheiros da UNITA se resolva, Angola tem poucas esperanças de colher os benefícios dos seus ricos recursos naturais. Modestas recuperações poderão ser possíveis em alguns casos, mas com quase 40% do orçamento governamental canalizado para o exército, e com a maior parte do país intransitável devido à guerra, nenhuns progressos importantes poderão ser feitos.

A excepção é o petróleo, que está a prosperar. De acordo com o estudo, Angola tornou-se num dos mercados mais atractivos do mundo para os investidores no negócio do petróleo. Os lucros, fruto de uma oferta aumentada, deverão aparecer após a actual crise causada pela queda dos preços no ano passado.

Angola é um dos cinco países africanos identificados pela Organização de Agricultura e Alimentação das Nações Unidas como ainda se debatendo com «excepcionais carências de alimentos». Antes da independência era um exportador líquido de produtos agrícolas: os agricultores produziam café, algodão, cana-de-açúcar e bananas, além de mandioca e milho.

O país depende agora de alimentos importados, particularmente para abastecer Luanda, a capital, e outras cidades. A guerra só é parcialmente responsável pelo declínio: após a fuga em massa dos colonos portugueses aquando da independência, o governo tentou substituir a sua experiência, com empregados governamentais, quintas nacionalizadas, e controlo de preços, com uma notável falta de sucesso.

Diamantes e café

O declínio nas indústrias dos diamantes e do café tem sido quase tão notório como o anterior. Em dada altura Angola era o quarto maior produtor mundial de café, ganhando mais de 200 milhões de dólares por ano em exportações. A produção atinge actualmente apenas um vigésimo desse valor e os «stocks» deixados em melhores dias já se gastaram.

Apesar de a indústria de diamantes ser de pequena dimensão, pelos padrões da Namíbia ou da África do Sul, era altamente lucrativa. No entanto, após um máximo em 1980, a produção tem sido perturbada pelos ataques da UNITA, pelo contrabando em larga escala e pelos problemas de fornecimento de equipamentos. O valor médio dos diamantes angolanos caiu três quartos, aumentando a probabilidade de as melhores pedras terem já sido vendidas.

A extracção de minério de ferro, a um dado tempo a quarta maior exportação, parou. Os jazigos de outros minerais valiosos tais como o manganés, o ouro e o urânio não serão provavelmente explorados enquanto a UNITA continuar a ocupar o interior, tornando a circulação normal em estrada impossível e mesmo os comboios de transportes rodoviários uma aventura arriscada.

Somente as prospecções de petróleo atenuam a escuridão do cenário. O estudo afirma que a produção de petróleo aumentou quase 100 000 barris por dia, entre 1980 e 1985. Espera-se que a produção estimada de 280 000 barris/dia do ano passado cresça para 370 000 barris/dia em 1990.

O petróleo tornou-se numa parte crucial da economia angolana apenas pouco antes da independência. A produção teve início em 1968, mas só passou o café como maior produto exportador em 1973. Em 1985 fez entrar no país quase 2 biliões de dólares, 90% das exportações.

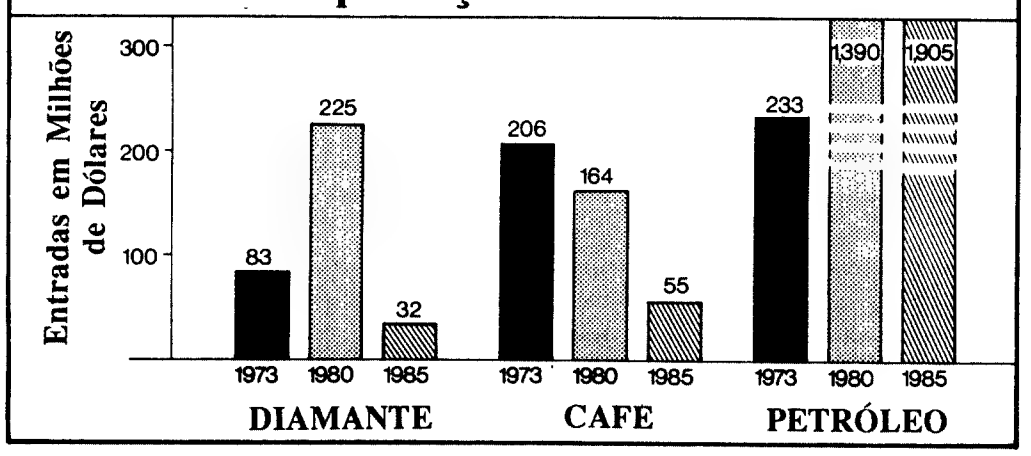
O negócio do petróleo salienta a natureza incongruente das relações comerciais de Angola com o Ocidente. O estudo refere que cerca de 150 empresas estrangeiras estão activamente envolvidas no apoio à indústria, no país. O gigante norte-americano Chevron, através da sua subsidiária Gulf, é o maior produtor estrangeiro. Mas há ainda a Texaco, dos Estados Unidos, a Petrofina, da Bélgica, e empresas francesas, britânicas e brasileiras.

Os interesses de Washington

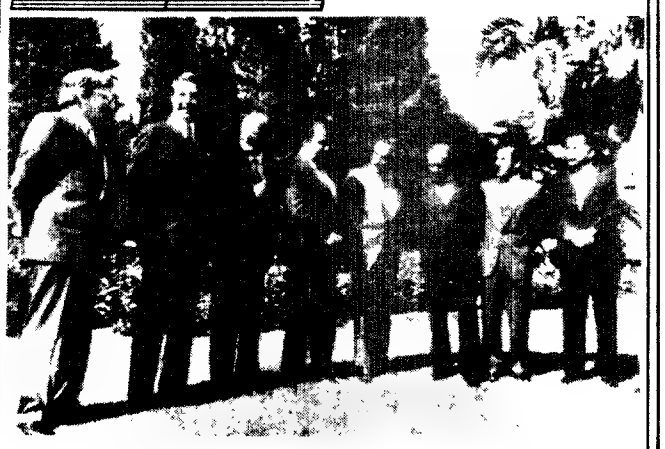
Apesar da retórica amarga de Washington, Angola é um dos seus principais clientes em África; em 1985 o comércio entre os dois países atingiu 1,5 biliões de dólares. Os empresários petrolíferos referiram a aproximação do governo como pragmática e impulsionadora do comércio; Luanda tem também

Continua na pag. 14

Tabela de Exportações



24 HORAS



Grupo de Contadora na Argentina

Os ministros dos Negócios Estrangeiros de oito países latino-americanos do Grupo de Contadora, ampliado por um grupo de apoio, iniciaram hoje na Argentina uma reunião de quatro dias destinada a tomar medidas a favor da paz na região centro-americana. O presidente argentino, Raul Alfonsin, recebeu os ministros dos Negócios Estrangeiros.

Honcker recusa convite da RFA

A República Democrática Alemã anunciou ontem que o seu lider, Erich Honecker, recusou um convite para assistir, em 30 de Abril, em Berlim Ocidental, à celebração dos 750 anos da fundação da cidade. Segundo fontes oficiais da RDA, a decisão deve-se, entre outras causas, a uma carta enviada pelo presidente da Câmara de Berlim Ocidental aos chefes de governo dos Estados da RFA. Na carta, o responsável berlinense pedia aos colegas qeu não aceitassem nenhum convite dos dirigentes de Berlim para assistir às comemorações organizadas pela RDA, que também festeja o mesmo aniversário.

Espanha: Polícia contra a droga

O governo espanhol vai criar uma polícia especial para a luta contra a droga no âmbito da reforma do Código Penal que prevê penas de prisão mais duras contra os traficantes. O ministro da Justiça, Fernando Ledesma, anunciou em Alicante o projecto da nova polícia como grupo de especialistas dedicado à investigação e combate ao tráfico de estupefacientes. Entretanto, a polícia anunciou que deteve cerca de 700 pessoas numa vasta operação anti-droga realizada no passado fim-de-semana em várias cidades espanholas.

Filipinas: fracassa nova tentativa de golpe

As Forças Armadas filipinas fizeram fracassar um plano de soldados rebeldes para raptar crianças estrangeiras em mais uma tentativa de golpe contra o governo da presidente Corazon Aquino, revelou ontem uma fonte militar em Manila. O general Alexander Aguirre, chefe da polícia de Manila, disse a jornalistas que as Forças Armadas controlam todas as instalações importantes para impedir qualquer tentativa de golpe.

Greve dos polícias em Dacar

O tráfego automóvel no centro de Dacar esteve segunda-feira paralisado devido a uma manifestação convocada pela polícia senegalesa, que protestava contra a condenação de sete agentes, acusados de terem torturado um preso. Declarando-se em greve, pela primeira vez na história do país, 600 polícias manifestaram-se nas artérias do centro daa capital sengalesa. Um Tribunal de Dacar condenou sete agentes da polícia a dois anos de prisão e a uma multa de 2.760 contos por terem torturado um homem, que morreu pouco depois de ser preso, em 1983.

PCI sugere governo com comunistas

O Partido Comunista Italiano sugeriu ontem a constituição de um novo governo de aliança, em que seria o principal parceiro, para evitar eleições antecipadas em Julho. Alessandro Natta, lider do PCI, prropôs a aliança, que colocaria os comunistas no poder pela primeira vez desde 1947, enquanto o primeiro-ministro indigitado Oscar Scalfaro, da Democracia-Cristã, completava três dias de esforços infrutíferos para reconstituir a coligação de cinco partidos que caiu a semana passada.

Uma economia desequilibrada

Continuação da pág 13

tido o cuidado de manter boas relações com os banqueiros ocidentais.

No entanto, por causa do seu proclamado marxismo, o governo tem tido de travar uma batalha constante para evitar que Washington mine os seus limitados sucessos económicos. A exemplo dos «contras» da Nicarágua, Washington empenhou-se publicamente em ajudar a UNITA a chegar ao poder.

Apesar de a UNITA reclamar o apoio da população, sem a ajuda militar dos Estados Unidos e da África do Sul, a sua força seria seriamente reduzida.

A determinação de Pretória de desequilibrar Luanda reflete os seus temores do potencial de Angola. O potencial petrolífero de Angola manteve-a como uma significativa potência regional, e uma Angola saudável ajudaria substancialmente ao objectivo da África Austral de se libertar do domínio da África do Sul. A linha de caminho-de-ferro de Benguela, fora de acção desde 1980 devido aos ataques da UNITA, forneceria os meios cruciais para deixar de utilizar os portos sul-africanos.

Washington pressionou as empresas petrolíferas norte-americanas para abandonar Angola, mas estas afirmam que a sua cotação na Bolsa é demasiado importante para desistir e no ano passado um novo consórcio foi formado, apesar da desaprovação oficial. Para impedir as vendas de equipamento por parte das empresas norte-americanas, Washington excluiu Angola do Banco Americano de Exportações e Importações, que tinha previamente concedido crédito para transacções no valor de 100 milhões de dólares.

Apesar do marxismo oficial, o governo de Angola mostrou uma surpreendente vontade de encarar estas realidades económicas. Em 1981, em vez de se debater com montantes de dívida com que se debateram governos menos prudentes no Brasil, México e Peru, escolheu a austeridade.

No ano passado, vendo-se em dificuldades financeiras por causa da súbita queda dos preços do petróleo, Angola adoptou voluntariamente o tipo de medidas de restrição que o Fundo Monetário Internacional impôs com um certo sucesso em outros países africanos.

O plano governamental de reforma inclui um aumento da liberdade para os comerciantes privados, encorajamento das exportações, atenuação do controlo de preços e desvalorização do kwanza — agora praticamente sem valor como divisa.

O estudo do Economist Intelligence Unit conclui que com esta aproximação, com o seu potencial petrolífero e com o apoio dos bancos ocidentais, Angola continuará provavelmente a evoluir economicamente. Entretanto, não existem indicações de mudança radical na guerra com a UNITA. As perspectivas apontam para um longo período de impasse num país que já gastou demasiado tempo a «olhar para a montra».

O conflito israelo-árabe

Tindemans no Médio Oriente por incumbência da CE

O ministro belga dos Negócios Estrangeiros inicia hoje uma viagem a três países do Médio Oriente para promover, em nome da Comunidade Europeia, a realização de uma conferência internacional sobre o conflito israelo-árabe.

Esta viagem de Leo Tindemans surge numa altura de intensa actividade diplomática destinada a fazer reviver o moribundo processo de paz do Médio Oriente e segue-se às visitas que o rei Hussein da Jordânia efectuou, na semana passada, à Bélgica, Holanda e Grã-Bretanha para debater a questão de uma conferência internacional.

Tindemans, cujo país detém actualmente a presidência rotativa da CE, visita primeiro a Jordânia e depois o Egipto e a Arábia Saudita. Em Maio, o ministro belga deslocar-se-á a Israel, mas não tem, por enquanto, planos para visitar a Síria, considerada por muitos comentadores uma das principais peças do longo conflito regional.

A viagem de Tindemans segue-se ao que se considerou uma resposta positiva dos 12 países membros da CEE, em Fevereiro, ao relançamento de velha ideia de uma conferência internacional sob os auspícios das Nações Unidas.

NOTARIADO PORTUGUÊS

Quarto Cartório Notarial de Lisboa

153-C-53

Certifico narrativamente que por escritura de um de Abril de mil novecentos e oitenta e sete, lavrada de folhas 53 a folhas 55 do livro de notas para escrituras diversas número 153-C do Quarto Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário licenciado JOSÉ MARIA MARTINS SOARES, foi constituída entre ROGÉRIO DE ALMEIDA XAVIER TAVARES e MARIA ODETE SILVA XAVIER TAVARES, uma sociedade por quotas que adopta a firma REBALVA – MADEIRAS, LIMITADA, que tem a sua sede na Rua do Sol ao Rato, número cento e dois-A, em Lisboa, freguesia de Santa Isabel, que vai reger-se pelos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma RIBALVA — MADEIRAS, LIMITADA.

SEGUNDO

Tem a sede na Rua do Sol ao Rato, número cento e dois-A em Lisboa, freguesia de Santa Isabel, podendo ser transferida dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe, por mera decisão da gerência.

TERCEIRO

O objecto social consiste no comércio a retalho de madeiras, ferragens e materiais de construção.

QUARTO

O capital social integralmente subscrito, é de um milhão de escudos encontrando-se dividido em duas quotas: uma, de novecentos mil escudos, do sócio Rogério de Almeida Xavier Tavares e, outra, de cem mil escudos, da sócia Maria Odete Silva Xavier Tavares, as quais foram já realizadas a dinheiro em cinquenta por cento do seu valor nominal, devendo a parte restante ser realizada, igualmente a dinheiro, no prazo de um ano a contar da data da escritura de constituição.

QUINTO

A gerência, remunerada ou não, conforme for deliberado em assembleia geral, é exercida, com dispensa de caução pelo sócio Rogério de Almeida Xavier Tavares, que fica nomeado gerente, bastando, a sua assinatura para obrigar e representar a sociedade em todos os seus actos e contratos.

SEXTO

A cessão de quotas a estranhos dependerá de prévio consentimento da sociedade gozando os restantes sócios, primeiro, e a sociedade, depois, do direito de preferência na respectiva transacção.

SÉTIMO

A sociedade poderá deliberar exigir aos sócios prestações suplementares no montante global máximo de quinhentos mil escudos.

OITAVO

Falecendo um sócio, os restantes podem deliberar por maioria simples, que a respectiva quota se não transmita para os sucessores do falecido.

NONO

A sociedade poderá amortizar quotas:

a) Quando houver mútuo acordo;

b) Por óbito de sócio falecido;

c) Se as quotas forem objecto de arrolamento, penhora, arresto ou inclusão em massas falidas ou insolventes;

d) Quando, por qualquer forma, correrem grave risco de apreensão judicial;

e) Por divórcio do titular, se a quota não lhe vier a ser adjudicada em partilha; e

f) Por violação grave dos deveres societários ou em face de actuação dolosa, prejudicial à sociedade.

DÉCIMO

A contrapartida das amortizações, na falta de concordância, repórtar-se-á ao momento da deliberação, através de um balanço especial nos termos da lei.

DÉCIMO PRIMEIRO

Salvo quando a lei exigir outras formalidades, as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, expedidas com quinze dias de antecedência.

DÉCIMO SEGUNDO

Em assembleia geral os sócios podem deliberar, por maioria simples, que os lucros do exercício, depois de se retirar o mínimo legalmente estabelecido para reserva legal, sejam, na sua totalidade, levados a reservas.

Está conforme com o original.

Lisboa, aos três de Abril de mil novecentos e oitenta e sete.

O Escriturário Superior

(assinatura ilegível)

«DL» — 14/4/1987

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

9.° JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio, citando os réus para no prazo de CINCO dias, findo o prazo dos éditos, deduzir oposição, pagar ao exequente a quantia de Esc. 133 931$00 e juros vincendos à taxa legal ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora

EXECUÇÃO SUMÁRIA n.° 2457/85, 2.ª Secção

EXEQUENTE: Companhia de Seguros Império, E.P. com sede na Rua Garrett, 56 — LISBOA.

EXECUTADA: APREST — Sociedade de Restaurantes SARL, com última sede conhecida na Avenida Almirante Gago Coutinho, 126 — LISBOA.

Lisboa, 2 de Abril de 1987

O Juiz de Direito

(assinatura ilegível)

Pel'O Escrivão de Direito

(assinatura ilegível)

«DL» 14/4/87 — 1.° Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

7.° JUÍZO

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 7.° Juízo Cível de Lisboa — execução sumária n.° 6234/86, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado. AIRES MANUEL RODRIGUES MARQUES, residente em Alto Cilhão Foros de Salvaterra de Magos — Benavente para no prazo de dez dias posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução sumária, movida pela exequente: Companhia de Seguros Império, E.P., com sede na Rua Garrett, 56 em Lisboa.

Lisboa, 6 de Abril de 1987

O Juiz de Direito

a) António Alberto C. Ramiro Coelho

O Esc. Adjunto

a) Henrique Manuel Bernardo

«DL» 14/4/87 — 1.° Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

11.° JUÍZO

P.° 4895 **ANÚNCIO** 1.ª Secção

FAZ SABER QUE, por este Tribunal e secção nos Autos de Acção Especial de Despejo, registados sob o n.° 4895, em que é AUTOR CARLOS ALBERTO CARREIRA DA CUNHA SOARES, residente na R. Amílcar Cabral, Lote 4-B 3.° Esq.° — LISBOA e RÉ TEJONAVE — Fornecimentos e Abastecimentos Ld.ª, com última sede conhecida na R Arco de Carvalhão, 144-1.° e 3.° em Lisboa, correm éditos de 30 dias citando a Ré, supra referenciada, para comparecer, representada na pessoa do seu gerente, Luís Manuel Costa Lourenço, com última residência conhecida na R Arco de Carvalhão, 144-3.°, em Lisboa, e actualmente ausente em parte incerta ou, ainda, fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir no próximo dia 30 de Abril, pelas 11 horas, a fim de se proceder a uma Tentativa de Conciliação, nos referidos autos. É CITADA AINDA, para no caso de se frustrar a Tentativa de Conciliação, contestar, querendo, no prazo de 10 DIAS, findo o prazo dos éditos de 30 dias, que se contam a partir da Tentativa de Conciliação, cujo prazo termina no próximo dia 30 de Junho/87, podendo deduzir em reconvenção, o pedido de indemnização e benfeitorias a que se julgue com direito.

Lisboa, 7 de Abril de 1987

O Juiz de Direito,
João Alfredo Dinis Nunes

A escriturária,
M.ª Manuela A. Sereno

«DL» 14/4/87 — 1.ª pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE 16.° JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução DE SENTENÇA n.° 3173/B 3.ª secção.

Exequentes — COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P.

Executado — ALBERTINA MARIA DAS NEVES PALMA, residente na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 26, Agualva — Cacém.

Lisboa, 2 de Abril de 1987

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)

Pel'O Escrivão de Direito

(assinatura ilegível)

«DL» 14/4/87 — 1.° Pub.

TRIBUNAL JUDUCIAL DA COMARCA DE ELVAS

ANÚNCIO

CARTA-PRECATÓRIA N. °31/87
1.ª SECÇÃO

EXEQUENTE: — ORMIS-EMBALAGEM DE PORTUGAL, SARL.
EXECUTADA: — CAIA — COMPANHIA ALENTEJANA DE INDÚSTRIAS ALIMENTARES, LDA., com sede na Herdade da Godinha — CAMPO MAIOR.

No dia 21 de Maio de 1987, pelas 10,30 horas, neste Tribunal de Elvas, será posto em praça, pela 1.ª vez, para ser arrematado ao maior lanço oferecido o seguinte bem apreendido à executada:

UM CONTÍNUO «SR 17», em bom estado de conservação devidamente equipado, a quem o louvado atribuiu o valor jurado de 6 000 000$00 (seis milhões de escudos).

É depositário do referido bem o Sr. JOÃO DE ALMEIDA TOMÉ, casado, com residência na Herdade da Godinha — Campo Maior, que o mostrará a quem pretenda examiná-lo.

Elvas, 8 de Abril de 1987.

O Escrit.° Judicial,
Maximiano Rebelo
A Juíz de Direito,
Maria da Luz Neto da Silva Baptista

D.L. 14/4/87 — **2.° Pub.**

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ÁGUEDA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que no dia 5 de Maio de 1987, pelas 10 horas, à porta deste Tribunal nos autos de Execução Sumária n.° 376/83, da Segunda Secção — Segundo Juízo, em que é **Exequente Portugal Previdente,** Companhia de Seguros, SARL, e executada Santos & Almeida, Lda, com sede em Travassou — Águeda, vão pela 3.° vez à praça, para serem arrematados, por qualquer preço os bens a seguir indicados: Terra a vinha, pinhal e centeio, sito no lugar de Abelheira, inscrito na matriz, predial rústica da freguesia de Segadães, sob o art.° 1377, a confrontar do norte com Euclides Pires da Conceição, do sul com caminhos do nascente com Arménio Neves Pinheiro e do poente com Salvador Rodrigues Lopes, com a área de 735 m2 e terra a vinha, pinhal e centeio sito no mesmo lugar inscrito sob o n.° 1378, a confrontar de norte com Euclides Pires da Conceição e Outro, do sul com caminho, do nascente com Aires Carvalho dos Santos e do poente com Francisco Henriques de Melo, com a área de 735 m2, dos quais é depositário José Augusto da Silva, solicitador nesta cidade.

Águeda, 6 de Abril de 1987

O Juíz de Direito

(assinatura ilegível)

A Escrivã Adjunta

(assinatura ilegível)

«DL» 14/4/87 — 1.° Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VIANA DO CASTELO

ANÚNCIO

Pela 1.ª secção do 3.° Juízo da Secretaria Judicial da Comarca de Viana do Castelo, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada ANTÓNIO CARVALHIDO LDA, com sede na Sra. da Ajuda, Meadela, desta comarca, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução ordinária n.° 55/86, movida pela Companhia de Seguros Portugal Previdente, com sede em Lisboa.

Viana do Castelo, 17 de Março de 1987

O Juíz de Direito

a) Antero Moura dos Santos Ribeiro

O Escrivão de Direito

a) Manuel Araújo Cerqueira

«DL» 14/4/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALENQUER

ANÚNCIO

No dia 22 de Abril, próximo, pelas 9.30 horas, no Tribunal Judicial de Alenquer, nos autos de Carta Precatória n.° 61 da 2.ª Secção, vindo do Tribunal Judicial de Lisboa e extraídos dos autos de Execução de Sentença n.° 4376-A da 2.ª Secção em que é exequente **Portugal Previdente — Comp.ª de Seguros SARL** e executado JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA RODRIGUES, residente na Rua Pinto Barreiro, n.°s 2-4 — Carregado, há-de ser posto em praça pela 1.ª vez para ser arrematado ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado nos autos, uma máquina de imprimir.

Alenquer, 19 de Março de 1987

O JUIZ DE DIREITO
António Manuel Clemente Lima

O ESCRIVÃO ADJUNTO
Maria Elisa Damião de Sá

«DL» — 14/4/87 — 1.ª Pub.

Desmentindo o ministro Álvaro Barreto

Comissão de Trabalhadores da EPAC nega sindicância à empresa

A Comissão de Trabalhadores da EPAC declarou ontem desconhecer a instauração de qualquer processo de sindicância à empresa por suspeitas de corrupção e reafirmou que a recente exoneração do seu presidente «carece de razões de facto».

O ministro da Agricultura, Álvaro Barreto, afirmou, a semana passada, ter sido instaurado um inquérito à empresa por alegados indícios de corrupção. A Comissão de Trabalhadores da Empresa Pública de Abastecimento de Cereais afirma que o Conselho de Gerência ou qualquer outro órgão da empresa desconhecem a existência da sindicância anunciada.

Para a CT, as afirmações do ministro da Agricultura e a exoneração de Montalvão Marques do cargo de presidente da EPAC, para que tinha sido noemado há apenas alguns meses, inserem-se, apenas, numa estratégia de «desestabilização» com o objectivo de acabar de retirar à empresa o papel que tem tido no abastecimento de cereais.

A CT desmentiu, também, a existência de responsabilidades, por parte da EPAC, no que respeita à recente ruptura no mercado do milho, uma das razões alegadas para a exoneração de Montalvão Marques.

A CT afirma que, actualmente, é a comissão do mercado de cereais, e não a EPAC, quem tem a responsabilidade de determinar os «stocks» existentes e abrir concursos, pelo que a empresa não tem qualquer responsabilidade no problema de abastecimento verificado em relação ao milho.

A CT sublinhou, ainda, que — ao contrário do que fora também afirmado pelos responsáveis do Ministério da Agricultura — a EPAC avisara com antecedência as entidades competentes sobre a possibilidade de ruptura que veio a acontecer.

A Comissão considera que o que ocorreu com o abastecimento do milho «só vem provar o risco de deixar o abastecimento do País nas mãos dos privados», afirmando que estes não colocaram este cereal no mercado na devida altura porque o retiveram na fronteira à espera que houvesse uma baixa na taxa alfandegária de sete ECU'S por tonelada.

Durante a conferência de Imprensa, a CT enumerou vários factos que considera provarem a alegada estratégia do Ministério da Agricultura para o «esvaziamento» da empresa.

Entre eles, a CT citou a tentativa de criação da Silopor e o problema da utilização dos silos portuários, o retirar à EPAC a possibilidade de concorrer, em pé de igualdade com os privados, nos concursos para abastecimento que têm sido abertos, a tentativa de retirar à empresa os seus laboratórios, e ainda os subsídios dados à lavoura

Era amanhã

Greve na EDP foi desconvocada

As organizações sindicais representativas dos trabalhadores da EDP, tanto filiadas na UGT como na CGTP, desconvocaram as suas greves programadas para amanhã, conforme disseram ao «DL» membros das suas estruturas.

As reuniões com a gerência decoreram até às três horas da madrugada de hoje e finalizaram com a aceitação por parte dos sindicatos nelas presentes de um aumento das tabelas salariais em 11,8 por cento e um subsídio de almoço de 485 escudos.

Fernando Morais da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas, filiada na CGTP, que propunha um aumento de 17 por cento, disse ao «DL» que a aceitação da proposta da gerência se deveu à «alteração da posição do Conselho de Gerência que há um mês se mantinha irredutível» na percentagem de 11 por cento e 462$50 para o subsídio de almoço.

Segundo o mesmo dirigente, o Conselho de Gerência teria recebido orientações da tutela para não subir além dos 9 por cento, o que os valores conseguidos, totalizando no acordo global um aumento de 12,3 por cento, apesar de «insuficiente», é o bastante para ser positivo.

Aquela federação decidiu igualmente retomar as negociações para o restante clausulado do acordo de empresa ainda não negociado.

Da parte dos sindicatos filiados na UGT, o secretário geral do Sindel, Pato Ribeiro, disse ao «DL» que a proposta adiantada pelos os sindicalistas não se encontrava muito longe da aprovada, situando-se entre os 12 e 12,5 por cento, com um subsídio de almoço de 500 escudos. A proposta da gerência foi aceite, depois do início das negociações com 19 por cento, tendo-se desconvocada a greve marcada.

Estão marcados plenários de delegados e dirigentes sindicais das duas centrais sindicais para auscultação de opinião dos trabalhadores.

Efectua-se pela primeira vez

Congresso dos Gestores é no mês de Maio

Portugal entrou pela mão dos políticos na CEE, mas só pode vencer o desafio da integração se os gestores forem agentes atentos e eficazes da mudança, disse ontem o presidente da Associação Portuguesa de Manegement.

José Ferraz falava na conferência de Imprensa de apresentação do I Congresso Nacional de Gestores, que se realizarfa de 6 a 8 de Maio, em Lisboa, tendo por tema central «Portugal: um desafio à gestão».

O Congresso inclui quatro sessões plenárias, dez especializadas e um «trade show» - onde expõe empresas de serviços - e, isto porque, segundo José Ferraz, o gestor é um consumidor de produtos empresariais por excelência.

Durante o Congresso está prevista a apresentação de 59 comunicações, (nacionais e estrangeiras), e a participação de 550 gestores.

O presidente da APM sustentou que os gestores portugueses devem-se preocupar com a criação da riqueza nacional e não com o modelo da sua distribuição, o qual, disse, compete à sociedade política defini-lo.

Considerou que os agentes dinamizadores da riqueza, os gestores, «estão perante um desafio muito sério», à integração na CEE, que implica que estes equacionem o seu papel na empresa atendendo à envolvente cultural e não apenas aos modelos de gestão tradicionais.

Em Portugal, salientou José Ferraz, a gestão tem sido estática, confinada apenas à empresa. A partir de agora tem de ser sobretudo dinâmica, em que a vertente cultural deve desempenhar um papel importante.

Um outro ponto de debate no I Congresso Nacional dos Gestores é o da criação de um Instituto Universitário de Empresa.

Comprar casa mais fácil para jovens

As alterações ao sistema de crédito à habitação para jovens encontram-se para publicação no «Diário da República» — revelou o secretário de Estado da Habitação, Elias da Costa.

A portaria que procede aos ajustamentos do regime de crédito bonificado à aquisição de habitação própria permanente procura «melhorar as condições de acesso aos jovens» e altera, nomeadamente, o acesso anteriormente estabelecido para os agregados familiares de uma pessoa e casal e coeficientes de localização.

Os agregados familiares constituídos por uma única pessoa terão não só acesso a valores de habitação idênticos ao casal como também o factor de correcção a utilizar para a determinação do seu rendimento anual bruto passa de 1.5 para 1.3, adiantou Elias da Costa.

Por exemplo, o agregado familiar de uma pessoa tem como valor máximo de habitação 4200 contos na zona I (áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e concelhos sedes de distrito), valor anteriormente atribuído ao casal.

NOTARIADO PORTUGUÊS
QUARTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

42-I-34v.º

Certifico narrativamente que por escritura de 2 de Abril de 1987, lavrada de folhas 34 verso a folhas 36 do livro de notas para escrituras diversas número 42-I do Quarto Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário licenciado JOSÉ MARIA MARTINS SOARES, foi constituída entre ODETTE ADOLF MARCELLA DE ROUS e MORGAN JOHN NAPOLEON CLICTEUR, uma sociedade por quotas que adopta a firma «MORGAN'S ENGENHARIA, LIMITADA», que tem a sua sede na Casa Branca, Rua Domingos Sequeira, São Pedro do Estoril, freguesia do Estoril, concelho de Cascais, que vai reger-se pelos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma «MORGAN'S ENGENHARIA, LIMITADA» tem sede na Casa Branca, Rua Domingos Sequeira, São Pedro do Estoril, freguesia do Estoril, concelho de Cascais; a gerência pode, todavia, deslocar a sede dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe;

SEGUNDO

O seu objecto é o exercício de actividades comerciais ou industriais ligadas à metalomecânica civil ou naval, nomeadamente montagem e manutenção de estruturas metálicas e tubagens ou a montagens eléctricas e a organização, coordenação e fiscalização de trabalhos de montagem nos campos civil e naval, podendo ainda nesses campos desenvolver actividades de importação e exportação;

TERCEIRO

UM — O capital social, de um milhão de escudos, está representado por duas quotas de quinhentos mil escudos, cada, uma da sócia Odette Adolf Marcella de Rous, e, outra, do sócio Morgan John Napoleon Clictar;
DOIS — Cada uma das duas quotas referidas no número anterior, encontra-se realizada em dinheiro em metade do seu valor nominal; a outra metade deverá ser realizada, também em dinheiro, no prazo de noventa dias, a contar da data da escritura de constituição;

QUARTO

A cessão total ou parcial de quotas entre os sócios é livre, mas a terceiros, carece do consentimento de quem mais for sócio, que poderá exercer o direito de preferência;

QUINTO

Todos os sócios são gerentes, sendo suficiente a intervenção ou assinatura de qualquer deles para obrigar a sociedade;

SEXTO

Os gerentes serão remunerados ou não conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, podendo a sua remuneração consistir, total ou parcialmente, em participação nos lucros da sociedade.

Lisboa, aos três de Abril de mil novecentos e oitenta e sete.

O Escriturário Superior

(assinatura ilegível)

D.L. 14/4/87

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$50	57$50
ALEMANHA FED. (marco)	70$50	77$70
ÁUSTRIA (xelim)	10$85	11$05
BÉLGICA (franco)	3$492	3$742
BRASIL (cruzado)	3$700	6$200
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106$15	108$65
(notas de 5 a 1000)	106$65	109$15
DINAMARCA (coroa)	20$30	20$70
ESPANHA (peseta)	1$058	1$178
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	138$40	141$90
(notas de 5 a 1000)	138$90	142$40
FINLÂNDIA (marka)	31$30	31$90
FRANÇA (franco)	23$00	23$70
HOLANDA (florim)	67$80	68$90
IRLANDA (libra)	205$35	209$35
ITÁLIA (lira)	$098	$113
JAPÃO (iene)	$928	$983
NORUEGA (coroa)	20$40	20$90
REINO UNIDO (libra)	225$85	230$35
SUÉCIA (coroa)	21$90	22$40
SUÍÇA (franco)	92$45	93$95
VENEZUELA (bolívar)	5$65	6$65

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Uma das maiores petroleiras

Texaco abriu falência

A multinacional petrolífera Texaco declarou-se em situação de falência depois de ser condenada por um tribunal do Texas a pagar 11 000 milhões de dólares a uma companhia rival.

A decisão, anunciada domingo à noite pelo presidente director-geral da Companhia, James Kinnear, visa colocar a Texaco sob protecção legal contra os seus credores.

Kinnear afirmou que a decisão foi «penosa e muito difícil de tomar», mas «não tínhamos escolha». No entanto, a medida não deverá afectar a rede de filiais da Texaco, «que constituem a maior parte» das actividades da sociedade.

Em 1985, um júri do Texas concluira que a Texaco tinha impedido um acordo entre a sociedade petrolífera Pennzoil e a Getty Oil para compra da totalidade desta última por 10 000 milhões de dólares.

A Texaco, que recorreu da sentença, foi então condenada a pagar 11 000 milhões de dólares de prejuízos e juros à Pennzoil.

CML APOIA MENINOS DIMINUÍDOS MENTAIS

A criação de uma relação permanente de colaboração, tendo em vista proporcionar às crianças diminuídas mentais do concelho de Lisboa a possibilidade de acesso á prática desportiva nas melhores condições é o objectivo que preside à assinatura de um protocolo de acordo, hoje, às 18 horas no Salão Nobre dos Paços do Concelho, entre a Câmara Municipal de Lisboa e à Associação Portuguesa dos Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais.

Ao abrigo do referido protocolo, que será assinado pelo presidente da CML (eng.º Krus Abecasis) e pelo presidente da Associação Portuguesa dos Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais (Luís Quintino), o Município compromete-se a ceder gratuitamente, todos os dias úteis, três corredores da piscina da Penha de França (das 10 ás 11 e 30) e igual espaço na piscina do Areeiro, dois dias por semana (no mesmo horário), para alé de apoiar técnica e materialmente, dentro das suas possibilidades, todas as iniciativas que a referida Associação leve a efeito na área do desporto, no concelho de Lisboa.

Outra preocupação da edilidade diz respeito á dotação de infra-estruturas de natureza desportiva que permitam á Associação Portuguesa dos Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais prosseguir os seus objectivos, no sentido de proporcionar o acesso à prática desportiva do maior número de deficientes mentais (factor importante para a sua integração social) e apostar no convívio, na animação e na melhoria das condições de vida dos menos privilegiados.

Triatlo: edição 3 em Junho, com plateia

A 3.ª edição do «Triatlo de Cascais», que integra o «Circuito Internacional Le Coq Sportif/Arena», disputa-se no dia 14 de Junho, numa organização do «Diário de Notícias». Vão estar presentes alguns dos melhores triatlistas do mundo.

Limitada a 400 inscrições, a prova dividir-se-á nos habituais três troços desta modalidade. A primeira parte (natação em mar) decorre frente ao Hotel Baía (Cascais), numa distância de mil metros. O segundo troço (em bicicleta) tem uma distância de 42 quilómetros, levando os concorrentes em direcção ao Guincho, Malveira da Serra e Cabo da Roca, com regresso ao ponto de partida. Na terceira parte, correr-se-ão dez quilómetros, pelo Estoril e Alcoitão.

Paulo Cavaleiro (presidente da jovem Federação Portuguesa de Triatlo) explica que, neste ano, a prova está **«a ser idealizada na perspectiva do espectador. Dentro daquilo a que podemos chamar uma filosofia de recinto, os espectadores ficarão sentados a ver passar o triatlo. Haverá sempre atletas em competição»** — adianta.

A par do «Triatlo Internacional», decorrerá um mini-triatlo de promoção para uma centena de entusiastas que tenham apenas condições para metade dos percursos.

Com somente dois anos de história em Portugal, o triatlo conhece um crescente interesse. O calendário da próxima época, que se inicia a 17 de Maio, integra onze provas em todo o País. A competição de Cascais é a mais importante, por fazer parte do circuito internacional que detém o orçamento mais elevado e que pode ser comparado a um «campeonato da Europa alargado». O circuito «Le Coq Sportif/Arena» «percorrerá» a Espanha, França, Bélgica, Alemanha Federal, Grã-Bretanha, Itália, Japão e Brasil, além de Portugal, nele estando inscritos os praticantes mais conhecidos.

No ano passado (em Cascais) o vencedor foi o então campeão da Europa, o alemão ocidental Jorg Hoffman, e a triunfadora foi a neozelandesa Erin Baker, actual campeã do mundo. Este ano, a equipa Le Coq Sportif fará alinhar alguns dos nomes mais sonantes da modalidade e, entre os triatlistas portugueses, Carlos Carmindo e Manuel Barroso.

Piquet: fuga a 300 à hora

Polícia quer Piquet

Nelson Piquet é procurado pela Polícia de Brasília, que emitiu ontem uma ordem de localização do piloto, acusado de agredir um operador de câmara da cadeia de televisão Globo. Piquet esteve ontem num Tribunal Superior de Justiça de Brasília, onde corre um processo relacionado com o seu divórcio, tendo sido filmado à saída por um operador de câmara da TV-Globo (Fernando Mendes de Sousa). Piquet agrediu então o operador com uma barra de ferro que foi buscar ao seu automóvel, provocando-lhe ferimentos, tendo-se posteriormente posto em fuga. Fernando de Sousa deu depois entrada num hospital, onde recebeu tratamento.

Nelson Piquet chegou a Brasília às primeiras horas de segunda-feira, depois de ter participado no domingo no Grande Prémio do Brasil de Fórmula 1, no Circuito de Jacarepaguá.

Sport-Society

Inatel apoia movimentos de solidariedade

Aquando da realização da corrida internacional de atletismo «Viva a Cidade», que se realizou em cerca de 30 cidades de todo o mundo e que teve lugar em Lisboa no passado dia 5, foi publicamente anunciado que a direcção do Inatel decidira destinar o valor total da importância correspondente às inscrições, a movimentos de solidariedade.

Aproveitando a quadra que vivemos e com o intuito de muito rapidamente concretizar a decisão tomada, a direcção daquele organismos decidiu proceder à entrega das respectivas importâncias ao Movimento de Apoio aos Desalojados Timorenses e CERCIS.

amanhã no Hotel Infante Santo (Lisboa), às 13 horas e no decorrer de um almoço em que estarão presentes representantes de cada uma daquelas instituições.

Consciente de que estes movimentos de solidariedade só atingiram uma dimensão nacional devido ao apoio da Comunicação Social, entendeu a direcção do Inatel que teria o maior prazer em poder contar com os jornalistas entre os seus convidados. Lá estaremos.

«Volta ao Algarve»

A Associação de Ciclismo de Faro e a Cerveja Cristal convidam a Comunicação Social para um almoço a realizar no próximo dia 17, pelas 13 horas, nas instalações do Centro Fabril da Unicer-Loulé, para apresentação da 13.ª «Volta ao Algarve», em bicicleta.

Ténis: "Copa Ibérica" acaba no Algarve

A Federação Internacional de Ténis marcou as datas das três jornadas da Copa Ibéria (veteranos), uma competição com profundas tradições do ténis peninsular. A 1.ª jornada será jogada de 30 do corrente a 3 de Maio (em Badajoz), a 2.ª jornada tem por cenário o Estoril e decorre de 23 a 26 de Junho. Finalmente será no Algarve (em local ainda por designar) de 8 a 11 de Outubro, que se joga a 3.ª e última ronda.

A Copa Ibérica, que se disputa pela 8.ª vez consecutiva, tem o patrocínio das Direcção-Geral do Turismo de Portugal, Direcção-Geral de Política Turtística de Espanha, Federação Portuguesa de Ténis e Real Federacion Espanhola de Ténis.

Patrícia Valadas em França

Patrícia Valadas (16 anos), campeã nacional de cadetes e uma das melhores tenistas portuguesas, está já em França para participar, até 18 deste mês, nos torneios internacionais juniores de Grasse e Nice, que constam do calendário da Federação Internacional de Ténis.

Patrícia Valadas, que este ano vai fazer uma aposta forte na competição internacional, viaja acompanhada pelo seu actual técnico (António Cabral) com o patrocínio da Portucel. A jogadora do Clube Escola de Ténis de Oeiras realizou em 1986 uma excelente época, com presença positiva (entre outras) no campeonato da Europa de cadetes.

Kelly: super sobre os pedais

O ciclista belga Eric Vanderaerden ascendeu ao 4.º lugar do «ranking» mundial ao vencer (domingo) a «clássica» Paris-Roubaix. O 1.º da tabela anual da Federação Internacional de Ciclismo continua a ser o irlandês Sean Kelly,

PONTA ESQUERDA

Elói: adeus, Antas

O brasileiro Elói, insatisfeito com as poucas chamadas à efectividade no «team» das Antas, pretende hoje rescindir o contrato que o liga aos «dragões», falando-se já que existem três clubes interessados no concurso do centro-campista» Belenenses, Salgueiros e Boavista.

Jaime: de Belém para o Benfica?

Em bastidores normalmente bem informados assegura-se:o futebolista «internacional» Jaime pode mudar-se, de Belém para a Luz, por acordo entre as direcções dos **azuis-brancos.**

Realista bem realista: dois anos em Barcelona

Sem contemplações pelo antigo amadorismo, em modalidades que eram consideradas «pobres»; Realista, o excelente hóquista do FC Porto, assinou contrato para, durante as próximas duas temporadas, representar o Barcelona (Espanha). Realista vai render o veterano Vila Puig e cobrar 10 mil contos por ano!

UEFA: calendário muda

O Comité Executivo da UEFA decidiu alterar as datas dos jogos da 1.ª e 2.ª eliminatórias das taças europeias de 1987/88, para que não coincidam com a fase final das Olimpíadas de Seul, de 17 de Setembro a 2 de Outubro.

Assim, os jogos da 1.ª «mão» da eliminatória de abertura terão lugar a 7 de Setembro em vez de 14 do mesmo mês, enquanto os da 2.ª «mão» serão disputados a 5 de Outubro e não a 28 de Setembro.

O sorteio da 2.ª eliminatória efectua-se a 7 de Outubro em vez de 3o de Setembro e os encontros da 1.ª «mão» a 26 de Outubro (em lugar de 19) e o da 2.ª «mão» a 2 de Novembro.

Quanto ao sorteio da 3.ª eliminatória da «Taça UEFA» ficou marcado para 11 de Novembro e não no dia 4, mas os jogos realizam-se nas datas inicialmente previstas: 23 de Novembro e 7 de Dezembro de 1987.

URSS: não à "vuelta"

A selecção soviética de ciclismo não participará na próxima «Volta à Espanha em bicicleta». Os soviéticos não apresentaram qualquer explicação para a sua ausência e limitaram-se a enviar um telex aos responsáveis pela prova, comunicando, sucintamente, que não estão interessados em participar na «Vuelta». A atitude da selecção soviética deixou desconcertados os organizadores, para os quais esta decisão de última hora impede de contratar uma das muitas equipas que antes se afirmaram interessadas em estar presentes na «Volta» ciclística à Espanha.

Birgit Dressel: morte por alergia

A morte da atleta alemã-federal Birgit Dressel deveu-se a um **«choque alérgico»** provocado por medicamentos incompatíveis — anunciou o delegado do ministério público de Magúncia (na RFA). O corpo de Birgit Dressel foi autopsiado, tendo o exame revelado que a morte da campeã alemã-federal do hepatlo resultou de uma reacção alérgica entre distintos medicamentos.

Birgit Dressel (26 anos) 9.ª classificada nas Olimpíadas de Los Angeles (84) e 4.ª no «europeu» de atletismo de Estugarda (86), sentiu dores musculares, após um treino, pelo que recorreu a um médido ortopedista que lhe deu uma injecção.

TRIBUNAL JUDICIAL DE COIMBRA
ANÚNCIO

Pelo 4.º Juízo, 2.ª Secção do Tribunal Judicial da comarca de Coimbra, na Acção Ordinária, n.º 2.493, movida pelo Autor BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, E.P., com sede em Lisboa, contra FERNANDO DOS REIS OLIVEIRA, solteiro, industrial, com última residência conhecida na Rua Marquês de Sá da Bandeira, 118-4.º em Lisboa, e outro, é aquele Réu citado para contestar; apresentando a sua defesa no prazo de vinte dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenado solidariamente com o outro réu a pagar ao autor a quantia de 38 479 242$00.

Coimbra, 87-04-06

a) Herculano Albino Valente de Matos Ramos

a) Carlos Manuel dos Santos Bento

«DL» 14/4/87 — 2.ª Pub.

LIGA PORTUGUESA DE HIGIENE MENTAL

Largo do Andaluz, 15-7.º Esq.º — LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os sócios da Liga Portuguesa de Higiene Mental para uma reunião ordinária da Assembleia Geral, a realizar na sua sede no próximo dia 23 de Abril de 1987. A Assembleia Geral funcionará em 1.ª convocação, com a maioria dos associados e às 21 horas, e, em 2.ª convocação, com qualquer número, às 22 horas. A ordem de trabalhos é a seguinte:

1. — Informações;
2. — Apreciação e votação do Relatório e Contas referentes ao ano de 1986;
3. — Votação da proposta da Direcção para que seja conferida a qualificação de Sócio Honorário ao sr. dr. João dos Santos.

Lisboa, 14 de Abril de 1987

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) Ana Sena Brito

CAVALEIRO ALEMÃO COMANDA RAIDE MADRID-LISBOA

Temperaturas elevadas provocaram no 2.º dia do Raide Hípico Madrid-Lisboa andamentos reduzidos, favorecendo a amazona Idalina Graça e o alemão-federal Holder Dietrich, respectivamente vencedores das 2.ª e 3.ª etapas da competição. Idalina Graça (montando o cavalo «Voador») isolou-se no início da 3.ª tirada, não permitindo, ao longo dos 38 quilómetros do percurso, que os seus perseguidores (Armando Moura e Holder Dietrich) se aproximassem, apesar do galope mais vigoroso nos cavalos «Turbo» e «Hop-Aus», respectivamente.

A etapa da manhã de ontem não proporcionou alterações significativas na classificação geral, pois os concorrentes aproveitaram o percurso praticamente plano e sem dificuldades para pouparem as suas montadas. O espanhol Luis Terron (montando o «Descarao») teve uma queda nesta etapa, tendo sofrido ferimentos no rosto, mas acabou por prosseguir em prova. A campeã portuguesa de cadetes, Luísa Maurício, foi forçada a desistir na etapa, depois de o seu cavalo «Remoinho» ter começado a coxear da pata direita.

O carro-vassoura, o último a fazer o percurso (após a passagem de todos os concorrentes), esteve particularmente activo com a assistência a algumas montadas, manifestamente desgastadas pela dureza do raide. Um veterinário, um ferrador e dois bombeiros são os elementos da equipa do carro-vassoura, que tem a seu cargo a recolha de todas as placas indicativas do percurso que depois serão utilizadas na etapa seguinte.

O jovem alemão-federal Holder Dietrich impôs-se na prova disputada entre a Calçada de Oropesa e Navalmoral de La Mata, esta última situada a 221 quilómetros de Badajoz, arrebatando o 1.º lugar ao cavaleiro português Armando Moura. Dietrich (14 anos) lidera o raide, com 11 horas e 34,34 minutos, contra 11,37 do espanhol Manolo Palacios. A 5.ª e 6.ª etapas disputam-se, hoje, sendo consideradas como as mais duras da competição, uma vez que forçam os concorrentes a atravessar zonas de montanha.

Classificação geral neste momento: 1.º, Holder Dietrich (RFA), em «Hop-Aus», 11.34,34 horas; 2.º, Manolo Palacios (Espanha), em «Polvorillo II», 11.37; 3.º, Adelina Graça (Portugal), em «Voador», 11.40,30; 4.º, Francisco Caldeira (Portugal), em «Xara II», 12.27,26; 5.º, Joaquim Cruz (Portugal), em «Visconde de Almeida», 12.50,09; 6.º, Graça Lupi (Portugal), em «Verba», 12.59,11; 7.º, Carlos Ferreira (Portugal), em «Charmoso», mesmo tempo; 8.º, Luís Terron (Espanha), em «Descarao», 13.02,07; 9.º, Augusto Senteno (Espanha), em «Cordobesa», 13.03,11; 10.º, Jorge Brás (Portugal), em «Rapid», 13.05,06.

A 4.ª etapa (39 quilómetros) tem um dos percursos mais belos do raide, pois decorre na «Calhada real»

Basquetebol: derrota

A Espanha venceu Portugal (107-59) e tornou-se vencedora do Grupo 1 eliminatório do 9.º Campeonato da Europa de Basquetebol masculino, da categoria de cadetes. O encontro teve lugar em Messina (no Sul de Itália) e ao intervalo a selecção espanhoa ganhava já por 49-22.

Com este êxito os cdetes espanhóis garantiram a sua presença na fase final do «europeu» da categoria, que se realiza na Hungria, de 8 a 15 de Agosto do ano em curso.

Sob arbitragem dos juízes Bruno Duranti (Itália) e Asa Kaminer (Israel), alinharam e marcaram:

ESPANHA: Pedrera (9), Benitez (21), Medianero (10), Jofresa (10) e Hernandez (26) na formação inicial. Depois: Ruiz (4), Morella (3), Martinez (2), Hansen (12) e Frias (10).

PORTUGAL: Santos Rui (6), Resende (14), Pinheiro (10), Teixeira (5) e Rosado (2) no «cinco» de abertura. Alinharam também, Pires, Carlos Silva (1), Araújo (12), Miguel Silva (2) e Manso (7).

Râguebi: desaire

Portugal perdeu frente à Argentina (34-9) na 1.ª jornada do «Torneio da Fira» em Râguebi (juvenis) a decorrer em Berlim Oeste. Nos outros encontros da ronda, a Espanha venceu a Tunísia (12-0) enquanto a RFA bateu a Suíça (25-0).

Provas internacionais por estas bandas

Voleibol no Porto

Uma equipa turca e outra espanhola participam, entre os dias 16 e 18, no Torneio Internacional de Voleibol do Porto, que se disputa no Pavilhão dos Carvalhos. Na ronda de abertura, a selecção de esperanças do Porto defronta a turma espanhola do Alerta Laredo (Saragoça), enquanto os turcos do Ziraat Bankasi enfrentam a formação do Sporting.

Andebol feminino

A Escola de Castelo Branco venceu o Académico de Alcochete por 5-3, em encontro da 1.ª jornada do V Torneio de Andebol Feminino de Alcochete. No outro jogo da mesma prova, o União de Almeirim bateu o Centro Rodrigues Lobo, por 13-9.

Hóquistas por cá

Uma comitiva de hóquei em patins de Villejuif realiza um estágio no Futebol Clube de Alverca, de hoje a 24 do corrente. A comitiva, composta por jovens entre os 12 e os 15 anos, está alojada na Quinta Municipal de Subserra. Este estágio, que permite aos jovens desportistas um intercâmbio de experiências e técnicas desportivas, está integrado no programa de geminação existente entre as duas cidades: Vila Franca de Xira e Villejuif (França).

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	As 13 h.
Bragança	5	5	0,0	P. nub.
V. Castelo	11	11	0,0	P. nub.
Vila Real	9	9	0,0	Limpo
Porto	14	12	0,0	P. nub.
P.Dourad.	-	-	-	—
Coimbra	14	14	0,0	Limpo
C.Carvoeiro	16	-	0,0	Limpo
C. Branco	-	-	-	—
Portalegre	14	14	0,0	Limpo
Lisboa	14	14	0,0	Limpo
Evora	13	13	0,0	Limpo
Beja	12	12	0,0	Limpo
Faro	17	14	0,0	P. nub.
Sagres	7	6	0,0	P. nub.
P. Delgada	15	15	0,0	Encob.
Funchal	19	19	0,0	M. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 27, Porto 24, Faro 26, Ponta Delgada 18, Funchal 27.

Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	3	2	Pouco nub.
Londres	7	4	Neblina
Paris	8	8	Muito nub.
Bruxelas	7	7	Muito nub.
Amesterd.	7	7	Chuviscos
Genebra	4	2	Neblina
Roma	10	10	Pouco nub.
Oslo	1	4	Neblina
Copenhaga	1	-1	Nevoeiro
Estocolmo	1	0	Neblina
Berlim	6	4	Neblina
Viena	7	6	Bruma
Varsóvia	4	1	Neblina
Atenas	10	10	Muito nub.
Moscovo	6	-2	Muito nub.

Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	20	30	Limpo
Joanesburgo	13	22	Nublado
Los Angeles	22	29	Limpo
Montreal	6	18	Nublado
Nova Deli	19	32	Limpo
Nova Iorque	9	22	Chuva
R. de Janeiro	22	35	Nublado
S. Francisco	11	16	Limpo
São Paulo	18	30	Chuva
Tóquio	14	20	Nublado

Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ

TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco a moderado de leste. Subida da temperatura, em especial nas regiões do Sul.

Estado do mar:

Costa Ocidental: **Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação noroeste de dois metros.**

Costa Sul: **Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de sueste de um metro.**

Nos Açores:

Céu muito nublado. Vento bonançoso a moderado de sul, rodando para noroeste, no Grupo Ocidental. Aguaceiros.

Estado do Mar: **Mar de pequena vaga a cavado. Vaga de um a dois metros.**

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de leste. Aguaceiros.

Estado do mar: **Mar cavado. Ondulação de norte de três metros na costa norte, e sudoeste com cerca de um metro na costa Sul.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de leste, soprando por vezes forte nas regiões do Sul.

DEPOIS

Céu pouco nublado. Vento moderado de sueste, soprando por vezes forte nas regiões do Centro e do Sul.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
4.09	4,1 m	9.49	0,8 m
16.27	4,1 m	22.05	0,7 m

Amanhã

4.44	4,1 m	10.24	0.8 m
17.02	4,1 m	22.43	0,7 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

A EUROPA ÀS 6 HORAS

• Informação da agência Lusa

Flamengo quer Menotti

O presidente do Clube de Futebol Flamengo (Márcio Braga) anunciou que pretende contratar o treinador argentino César Menotti, que dirigiu a selecção do seu país que venceu o «mundial» de 1978 e actualmente ao serviço do Boca Juniors. Márcio Braga, um dos dirigentes desportivos mais prestigiados do Brasil, revelou que já seguiu para Buenos Aires um representante do Flamengo para **«examinar a situação no terreno»**, antes de ser formalizada uma proposta de contratação do conhecido técnico. **«Trata-se de um projecto ousado e de um investimento muito elevado. Menotti já é quase campeão pelo Boca Juniors, pois só faltam três jornadas para o fim do campeonato argentino e o Boca até pode vir a ser virtural campeão antes da última jornada»**, afirmou Márcio Braga aos jornalistas.

O p esidente do Flamengo (a equipa mais popular do Brasil) disse, também, que o seu único problema é o valor do salário que Menotti poderá exigir para trabalhar no Brasil, acrescendo que todas as equipas estão em dificuldades financeiras, mas se Menotti pedir 20 mil dólares por mês, **«poremos a cabeça a funcionar e encontraremos uma maneira de lhos pagar»**, sublinhou Márcio Braga.

Microscópio

Ginástica

Sónia Bernardes, do Algés, ganhou o torneio da Federação Portuguesa de Ginástica disputado na Escola Secundária Pedro Nunes, somando 3270 pontos, seguida de Sara Monteiro (Boavista) 3260 e de Catarina Trindade (ISEF) com 3197,5 pontos.

O torneio foi disputado na modalidade de ginástica rítmica-desportiva.

●

O Lisboa Ginásio conquistou o torneio nacional de ginástica rítmica desportiva em conjuntos ao somar 33,60 pontos.

No segundo lugar classificou-se o Boavista com 32,70 pontos e em 3.º ficou o Clube Recreativo Piedense com 29,75.

O torneio decorreu no pavilhão da Siderurgia, em Paio Pires.

●

Susana Fonseca, do Lisboa Ginásio, venceu o torneio regional de ginástica desportiva feminina em quintas categorias ao somar 31,80 pontos.

Marta Pereira, do Laranjeiro, classificou-se na segunda posição com 29,40 pontos, enquanto no 3.º lugar ficou Rita Ramos, do Sporting, com 25,45 pontos.

Por equipas, o Sporting foi primeiro, seguido do Ginásio Clube Português.

FUTEBOL: "TAÇA" EM DOIS FASCÍCULOS

A Taça de Portugal terá jornada repartida: Porto-Guimarães e Sporting-Chaves (ambos às 16 horas, na 6.ª-feira) e Boavista-Benfica e Portimonense-Farense (sábado, também pelas 16).

Entretanto, o Conselho de Disciplina da Federação reúne-se na 5.ª-feira para apreciar os incidentes ocorridos no jogo Boavista-Chaves: no caso de eventual interdição do Estádio do Bessa, o artigo 26 do Regulamento de Disciplina indica que o jogo entre axadrezados e benfiquistas passaria a ter lugar no Estádio da Luz. Todavia, é falha de consistência qualquer ideia a este respeito: tudo depende do relatório do árbitro Francisco Silva e da hipótese do Conselho de Disciplina desejar que um inquérito seja feito, o que demoraria o seu tempo, e assim, a equipa de Valentim Loureiro recebia no seu parque a turma de Mortimore.

UEFA castiga

Castigos uefeiros: um jogo de suspensão a Frasco e Quim (FC Porto) e aos vimaranenses Nascimento, Rui Vieira e Ademir.

Oriental: Chicotada

O Oriental muda novamente de treinador: esta época o cargo já esteve em tomé e António Medeiros, agora foi a vez de sair Artur Ferreira, falando-se que o sucessor poderá ser o prof. Rui Silva.

Toshack equacionado

Os jogadores do Real Sociedad (Espanha) tornaram público um comunicado em que criticam duramente a posição do seu treinador, o britânico Toshack, bem nosso conhecido.

Benfica no Canadá, Sporting em África

O Benfica vai deslocar-se ao Canadá a 10 de Junho, para defrontar o Toronto Blizzard em jogo particular de futebol. Os emigrantes portugueses pretendiam realizar depois, no estádio Giants de New Jersey, um Benfica - Sporting, mas os «leões» optaram por deslocar-se na mesma altura a dois países africanos.

Salvaterrense: Juniores

O 1.º Torneio de Juniores de Salvaterra será cartaz entre 17 e 19 do corrente. Abertura pelas 15 e 30: Vitória de Setúbal-União de Santarém, e pelas 17 e 30, o embate Benfica-Salvaterrense (Salvaterra de Magos).

Reservas lisboetas

Jogos de reservas na zona lisboeta: Atlético, 0 - Benfica, 0; Estoril, 2 - Sporting, 0 e Oriental, 2 - Sacavenense, 1; Torrense, 2 - Estrela da Amadora, 1. Folgou o Belenenses.

Taça guineense

O Sporting de Bissau, o Benfica, o Gabú e o Bula qualificaram-se para as meias-finais da Taça da Guiné-Bissau. O resultado mais desnivelado dos quartos-de-final pertenceu ao Sporting, que venceu na capital guineense o Ténis Clube, por 3-1. As restantes três partidas terminaram com resultados tangenciais, favoráveis também às equipas da casa: o Benfica de Bissau venceu o UDIB (2-1), o Gabú eliminou o Sporting de Bafatá (por idêntico resultado) e o Bula derrotou o Balantas (1-0).

Castigos drásticos

O futebolista José da Costa Bacelos, da Associação Desportiva Ninense, foi punido com seis anos de suspensão pelo Conselho de dsiciplina da Associação de Futebol de Braga. Foi castigado por ter **agredido o árbitro** do encontro Negreiros - Ninense, da Série «A» do Campeonato Distrital de Futebol da 2.ª Divisão. O encontro terminou antes de concluído o tempo regulamentar devido à agressão, e o Ninense foi punido com derrota e dois mil escudos de multa.

Outro jogador, António Augusto Coelho Silva (do Fornelos), foi também punido com três anos de suspensão por ter agredido o árbitro do encontro com o Cavez, da Série «C» da 2.ª Divisão Regional. O campo de jogos do Fornelos foi interdito por três jogos. O delegado d Cabenelas, o dirigente Domingos da Silva Machado, foi também suspenso por três anos, por ter agredido um árbitro.

Adidas de luto

Horst Dasseler (presidente da Adidas), morreu num hospital de Herzogenaurach, perto de Nuremberga. Dassler (51 anos), sofria de doença incurável e não participara ontem na habitual reunião de direcção da empresa.

Horst Dassler era presidente da «Adidas» desde Dezembro de 1984, quando da morte de sua mãe (Kaethe Dassler), que assumira o comando da empresa quando morreu o marido e fundador (Ad Dassler), em 1978. Adi começou a sua actividade em 1920, ao fabricar ténis desportivos, e fundou a sua empresa em 1948, para se começar a tornar mundialmente famosa no início da década de 50.

Horst Dassler e as suas quatro irmãs detêm o total do capital da «Adidas», que tem o seu quartel-general em Hersogenaurach, a 24 quilómetros de Nuremberga, na Baviera. Além de presidente da «Adidas», Horst dirigia também a sociedade suíça Sardan Holding SA (propreitária de outras marcas de material desportivo), «Le Coq Sportif», «Pony» e «Arena») e a Agência ISL, que irá comercializar todos s produtos relacionados com os Jogos Olímpicos de Seul, de 1988.

Évora vai ver rija pedalada

Tudo se conjuga para redundar em êxito o 1.º Circuito das Muralhas (Évora/Património Mundial) que tem lugar em Évora, pelas 15 e 30 do próximo dia 18, em organização da Rádio Meridional, com o apoio da Associação de Ciclismo do Sul e da Câmara Municipal de Évora. Já estão inscritas sete formações:

● **Sporting Club de Portugal (11):** Marco Chagas, Américo Silva, Luís Domingos, Vítor Rodrigues, Jacinto Paulino, Manuel Zeferino, Paulo Mota, Joaquim Gomes, Serafim Vieira, Adelino Teixeira e José Xavier.

● **Sporting Club Olhanense (9):** Luís Vargues, António Apolo, Jorge Evangelista, Niquetélio Cavaco, Luís Filipe, Sérgio Rodrigues, José Ferreira, Carlos Gago e Idalécio Jorge.

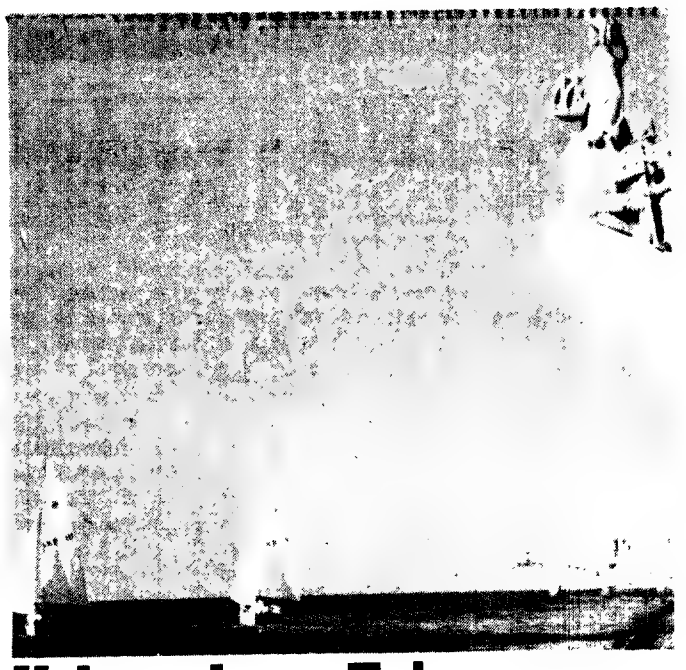
● **Torreense/Sicasal (9):** Manuel Cunha, António Pinto, António Fernandes, Carlos Santos, Carlos Nunes, José Poeira, João Santos, Fernando Fernandes e Jorge Silva.

● **Louletano (9):** Y. Smith, Constâncio Reis, Leonel Tomaz, Rui Duro, Luís Sequeira, Jorge Corvo, Paulo Silva, Alberto Leal, Benedito Ferreira.

● **Selecção de Seniores (7):** Daniel Assunção e José Campos (Boavista); Viriato Duarte (Ajacto); José Dias (Alguerra); Orlando Neves (Feirense); Fernando Aguiar e Diamantino Marques (Bombarralense).

● **Lousa (9):** Luís Rodrigues, João Paulo, Daniel Nicolau, Simplício Contente, José Agostinho Ribeiro, Paulo Santos, João Gameiro, Adriano Faustino, Francisco Aniceto e Luís Samarra.

● **Clube de Ciclismo Constrévora, Lda. (6):** Carlos Silva, Francisco Romão, Joaquim Farófia, Joaquim Colaço, José Martins e Luís Farófia.



Velas sobre o Tejo

Dando cumprimento ao calendário de regatas previsto para o corrente ano, e depois do êxito que constituiu o I Campeonato de Match-Racing do Centro, 46 embarcações das classes IOR, IOR B, APVC e ABCV animaram de novo o campo de regatas do Tejo, numa prova organizada pela Associação Naval de Lisboa.

CLASSE IOR 1.º Bic, de Pedro Mendonça; 2.º Contentious Spirit, de Mário Serrano; 3.º Vega, de CNOCA.

CLASSE IOR B: 1.º Chamyat, de José Camelo; 2.º Samba, de Gonçalo Vaz Pinto; 3.º Maerchris, de Jaime Roque.

CLASSE ABCV: 1.º Bonito, de Fernando Galveias; 2.º Harmony, de Augusto Silveira Roque; 3.º Sirli, de Domingos Roque de Pinho.

Classe APVC: 1.º Força do Mal, José Penaforte; 2.º Rive Gauche, de José Roquette Mendonça; 3.º Sindbad I, de Ruben Domingos.

Paulinho Cascavel, Rui Santos, João Alves: festa da Bairrada e prémio para o goleador de Guimarães como para a carreira jornalística de Vítor Santos

Vítor Santos: homenagem na entrega dos "Patrick"

Processou-se ontem, em Sangalhos, nas instalações das Caves Aliança, a entrega dos Prémios Patrick, conferidos pelos nossos colegas de «A Bola» aos futebolistas mais regulares das duas últimas temporadas, durante os respectivos campeonatos nacionais. Distinções que contemplam Paulo Futre (Porto) e Paulinho Cascavel (Vitória de Guimarães).

Durante um almoço que teve a presença de representantes da quase totalidade dos órgãos de Comunicação, a empresa Alves & Loureiro (constituída pelo «luvas negras» e pelo presidente boavisteiro major Valentim Loureiro) aproveitou o ensejo para, também, homenagear o nosso companheiro de lides Vítor Santos, chefe da Redacção de «A Bola»: por impossibilidade de comparência, foi o seu sobrinho (o também jornalista Rui Santos) quem recebeu uma lembrança daquela organização que trabalha em artigos desportivos. Grande animador, desde o primeiro instante, da distribuição dos Prémios Patrick, Vítor Santos foi muito justamente saudado em palavras que lhe serão transmitidas pelos companheiros.

Magnífica foi a recepção ofertada pelas Caves Aliança aos jornalistas: um almoço típico regional (claro: com leitão à Bairrada e belo espumante) e pena que o «menino de ouro» não pudesse ter comparecido, devido à necessidade de realizar um exame radiológico num hospital do Porto.

Recorda-se que o Prémio Patrick já tinha sido conferido a Norton de Matos (Portimonense), Oliveira (Marítimo) e Damas (Portimonense). Desta feita, Álvaro Braga ficou fiel depositário do troféu para Futre, enquanto Paulinho Cascavel recebia das mão do jornalista Bessa Tavares (RTP) a distinção que lhe foi outorgada.

Uma palavra (ainda) de muito obrigado para Manuel Calvo (director do mercado de vendas das Caves Aliança) e para a dr.ª Ana, inexcedíveis na recepção aos convidados da Alves & Loureiro.

NOVOS ÁLBUNS NO MERCADO DISCOGRÁFICO PORTUGUÊS

Novos álbuns de Chris Isaak, Whitesnake e Husker Du, o álbum de estreia de Nick Kamen e o primeiro trabalho a solo de Lou Gramm, foram editados a semana passada em Portugal.

Também foi reeditado o LP de Elvis Presley, «From Elvis From Memphis», importado o álbum de Billy Bragg, «Talking With The Taxman About Poetry» e publicada a banda sonora de «Round Midnight» com o saxofonista Dexter Gordon.

O álbum de Chris Isaak, um cantor norte-americano que se irrita quando se lhe apontam semelhanças com Elvis Presley, tem 11 temas entre os quais uma versão de «Heart Full of Soul», dos Yardbirds (1965).

Confessa que o seu modelo ideal são os Beatles e entre os seus fans contam-se os nomes de Madonna, John Fogerty e Rockie Lee Jones.

O álbum do grupo do rock pesado Whitesnake inclui uma nova versão da balada «Here I Go Again», um êxito de há três anos, e o actual single da banda «Still of The Night».

«Ready or Not» é o primeiro trabalho a solo de Lou Gramm, líder dos Foreigner («I Want To Know What Love Is»).

Neste seu álbum, Lou Gramm conta com a ajuda de dois irmãos, Ben e Richard, e ainda de Philip Ashley

Elvis Presley

(Ric Ocasek, Billy Idol e Deborah Harry) e Nils Lofgren (que toca agora na banda de Bruce Springsteen).

O oitavo álbum dos Husker Du é duplo e chama-se «Warehouse: Songs and Stories». Os 20 temas dominados pela guitarra de Bob Mould são já considerados o som dos anos 90.

A capa do disco é no estilo arte alucinogénica.

O álbum de estreia de Nick Kamen, um protegido de Madonna, é um conjunto de 10 temas, alguns dos quais versões de temas conhecidos como «Come Soflty To Me», dos Fleetwoods (1959), «Loving You Is Sweeter Than Ever», dos Four Tops (1966), e «Any Day Now», de Chuck Jackson (1962).

De Elvis Presley foi reeditado o álbum «From Elvis in Memphis», de 1969, que inclui o êxito «In The Ghetto».

Também a banda sonora de «Round Midnight», um filme sobre o jazz do realizador francês Bertrand Tavernier está já disponível no mercado discográfico português em edição nacional, depois de um lote importado se ter esgotado numa semana.

O álbum inclui os nomes de Dexter Gordon, Herbie Hancock, Bobby McFerrin, John McLaughlin, Ron Carter e Billy Higgins.

A nível de importações, destaque para o álbum «Talking With The Taxman About Poetry», do cantor de esquerda Billy Bragg.

Co-produzido por Kenny Jones, antigo baterista dos Small Faces e dos Who, o álbum é composto por 12 temas entre os quais «Levi Stubbs' Tears», «There Is Power In a Union» e «Help Save The Youth of America».

Mais discos de música portuguesa

Um álbum dos Delfins e um single dos Ena Pá 2000 foram publicados esta semana no âmbito da chamada nova música portuguesa.

O álbum dos Delfins, um grupo de Cascais, tem por título «Libertação» e é composto por 8 temas entre os quais «Estrelas do Rock 'n' Roll» e «Canção do Engate», de António Variações.

Produzido por Carlos Maria Trindade, dos Heróis do Mar, o álbum foi inicialmente gravado às custas do próprio grupo até surgir o contrato com uma editora.

Os Delfins formaram-se em 1982 tendo editado nesse ano o seu primeiro single que inclui uma versão de «O Vento Mudou» que Eduardo Nascimento defendeu no Festival da Eurovisão de 1969.

Em 1985, os Delfins participaram no Festival RTP da Canção com «A Casa da Praia» da autoria de Miguel Esteves Cardoso.

Os Delfins são formados por Miguel Ângelo (voz), Fernando Cunha (guitarra), Silvestre (sintetizador), Rui Fadigas (baixo) e Jorge Quadros (bateria).

«Procuramos oferecer sugestões de trabalho aos 'novos portugueses' usando como ponto de partida a auto-produção», dizem os Delfins a propósito do seu álbum de estreia.

O single dos Ena Pá 2000, um grupo de Braga, inclui «Telephone Call» e «Pão, Amor e Totobola», ambos cantados num português absurdo e irónico.

«Injustamente proibidas no tempo do fascismo, as canções dos Ena Pá 2000 surgem agora com todo o seu esplendor numa pátria lusa que não receia o desafio europeu», diz a editora do grupo.

«Continuamos essencialmente iguais a nós próprios mantendo-nos ao mesmo tempo fiéis a nós mesmos», afirma o grupo cujo single de estreia é posto à venda no dia 22.

Primeira prata do ano para os Xutos e Pontapés

O álbum dos Xutos e Pontapés, «Circo de Feras», foi galardoado com um disco de prata (dez mil exemplares) na que é a primeira atribuição de 1987 a artistas portugueses.

Devido à redução dos limites para a atribuição dos galardões, outros nomes portugueses foram também recompensados com os prémios de vendas pela União de Editoras de Vídeo e Áudio (UNEVA).

O álbum de Rui Veloso intitulado «Rui Veloso» passou a disco de ouro (20 mil exemplares) e o melhor de Frei Hermano passou a duplo de platina (80 mil exemplares).

Para além do disco dos Xutos e Pontapés, mais dois álbuns portugueses receberam idêntico galardão por terem ultrapassado os 10 mil exemplares vendidos.

O triplo álbum de José Afonso, «Agora e Sempre», é já disco de prata (10 mil exemplares).

O último trabalho dos GNR, «Psicopátria», foi também galardoado com um disco de prata (10 mil exemplares).

Os GNR vão apresentar o álbum no dia 24 no Coliseu dos Recreios em Lisboa no que é o seu primeiro concerto naquela sala de espectáculos.

Fim dos Beatles foi há 17 anos

Há 17 anos uma folha de papel escrita por Paul McCartney e introduzida nos exemplares de promoção do seu primeiro álbum a solo anunciava ao mundo a dissolução dos Beatles, cuja carreira sem paralelo se iniciara 8 anos antes.

O fim dos Beatles deveu-se a divergências entre Paul McCartney e John Lennon sobre a gestão do império financeiro que o grupo tinha construído.

Mais tarde, Paul McCartney viria a arrepender-se do seu gesto, que viria a revelar-se irrevogável.

Natália Correia fala de Yourcenar

Natália Correia defende "nova cultura feminina"

«Marguerite Yourcenar cumpre a missão da nova cultura feminina: o sacerdócio» — diz a escritora portuguesa Natália Correia num texto distribuído pela Companhia Teatral lisboeta Casa da Comédia.

«Este fulgor da palavra iluminada pelo serviço da nossa senhora das andorinhas, envergonha-nos, ó literatas, mulheres-a-dias dos carunchosos modos masculinos de escrever a vida» — afirma Natália, no dizer da qual Yourcenar «sobrevoa como uma águia real a literatura».

A Casa da Comédia distribui o texto a propósito do facto de em breve ir estrear «Electra ou a Queda das Máscaras», de Marguerite Yourcenar, numa encenação de Filipe La Féria, que nas temporadas anteriores se dedicara a peças de Marguerite Duras e de Agustina Bessa-Luís.

A protagonista está a cargo de Zita Duarte, que em tempos foi «Maria Stuart» e «Ivone, princesa da Borgonha».

TEATRO VASCO SANTANA
Tel. 768609
TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA
VEJA TEATRO ÀS 19 H
— A PREÇOS REDUZIDOS —
NOVO HORÁRIO: DE 3.ª a 5.ª às 19 h
6.ª e Sáb. às 21h30
Domingos às 16 h
SYLVIA PLATH - Quem a matou?
de BARRY KYLE
Trad. M.ª TERESA GUERREIRO
Dir. LUZIA MARIA MARTINS
Mont. FERNANDO FILIPE
INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)
CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *
MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE
O TEATRO ESTÁ AQUECIDO
Sub. SEC

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

O LUTADOR
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

A MANHÃ SEGUINTE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Auditório 1

O LUTADOR
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

Auditório 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Auditório 3

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
13.45, 16.45, 18.45, 21.15 e 24.00 h

Auditório 4

A DAMA E O VAGABUNDO
(m. 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.45 e 23.45 h

Auditório 5

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Auditório 6

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

A MANHÃ SEGUINTE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930

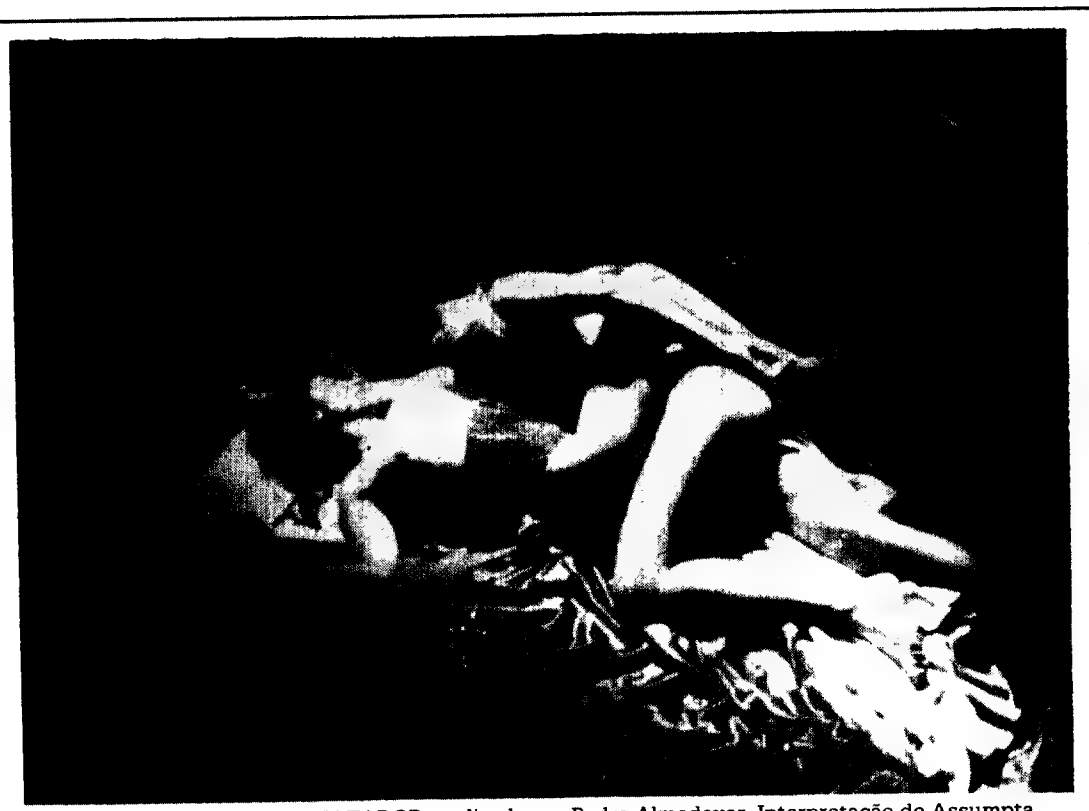
A DAMA E O VAGABUNDO
de Walt Disney
(Para Todos)
15, 17, 19.10 e 1.15 h

Avis
— T. 547163

OS MALUCOS DO ESTÁDIO
(m. 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

O LUTADOR
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme MATADOR, realizado por Pedro Almodovar. Interpretação de Assumpta Serna, Antonio Banderas e Julieta Serrano. Distinguido no FANTASPORTO 87 com os seguintes prémios: Melhor Realização, Melhor Actriz (Julieta Serrano. Menção Honrosa da Imprensa e Prémio Especial do Júri. Filme de qualidade, em exibição no Quarteto.

Capitolio
— T. 372358

A VÉNUS DO SEXO
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
15.30, 18.30, e 21.30 h

Cineblogo
— T. 556824

PERIGOSAMENTE JUNTOS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O CAMPEÃO
(int. men. 13 anos)
24.00 h

Cinebolso

CONSULTÓRIO SEXUAL
Porno
(int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194

NOVA IORQUE 1997
(Int. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

O SARGENTO DE FERRO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
CAÇADA AO HOMEM
(n/acons. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Amalia

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

KALIDOR — A LENDA DO TALISMÃ
(maiores 12 anos)
15.30, e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

PEGGY SUE CASOU-SE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

O LUTADOR
(m. 6 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255

JESUS DE NAZARÉ
(m. 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078

JOEY
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

A DAMA E O VAGABUNDO
(m. 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45, e 21.15 h

Forum Picoas

GATO EM TELHADO DE ZINCO QUENTE
(n/acons. m. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009

A DAMA E O VAGABUNDO
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Imperio
— T. 555134

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Londres
— T. 801313

CROCODILO DUNDEE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h

A MANHÃ SEGUINTE
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

COMANDOS EM FÚRIA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olympia
T. 325309

SEXO HAWAIANO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES
Reabre brevemente

Politeama
T. 326305

MULHERES EM FÚRIA
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

THÉRÈSE
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
ADEUS AMIGOS
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

O MATADOR
(int. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30
SCARNERS
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3

O LOCAL DO CRIME
(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
O JOGO DO FALCÃO
(m. 16 anos)
23.30 h

A MANHÃ SEGUINTE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
ALTA ANSIEDADE
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192

O LUTADOR
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

OS PUNHOS DE HONG KONG
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE
(m. 6 anos)
14.30, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

AS CHAVES DO PODER
(m. 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

A DAMA E O VAGABUNDO
Falado em português
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

COCOON
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 18.30 e 21.30 h

Voxmania
— T. 880808

INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon
T. 368480

OS PUNHOS DE HONG KONG
(m. 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «O Rei dos Gazeteiros», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «A Mosca», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

AMADORA — Babilónia — «Sem Perdão», às 14.30, 16.30,19.00 e 21.30 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Cobra — Braço Forte da Lei», às 15 e 21.30 h (m. 16 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «O Lutador», às 21.30 (m. 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Lutador», às 21.30 h (m. 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «Momento da Verdade», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «O Menino de Ouro», às 17.00 e 21,15 h (maiores 6 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «A Dama e o Vagabundo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Crocodilo Dundee», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Nove Semanas e Meia», às 15.30 e 21.45 h (m. 18 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «O Nome da Rosa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Pegy Sue — Casou-se», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Platoon — Os Bravos do Pelotão», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Sem Perdão», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Comandos de Elite», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 18 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «A Loucura do Ritmo», às 21.30 h

CLUBE PIEDENSE —«007 Aventura no Espaço», às 21.30 h

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Perigosamente Juntos», às 15.45 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Uma Equipa dos Diabos», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Rei dos Gazeteiros», às 15 e 21.15 (m. 16 anos)

CLUBE PIEDENSE — «Os 10 Mandamentos», às 21.30 h (m. 13 anos)

EXPOSIÇÃO EM PALMA DE BAIXO

Até ao próximo dia 28, pode ver na Palma-Galeria de Arte (na Calçada de Palma de Baixo, 6) uma exposição com pinturas de Salvado Pena e esculturas de Fernanda Andrade.

A propósito do primeiro (licenciado em Engenharia pelo IST, frequentou um curso de Pintura da A.R.C.O. em 84) , escreveu Rodrigues Vaz no catálogo que «A paisagem não existe como Natureza, dizem os grandes estetas, corroborados pelos exemplos que são de todos os dias e que estão à nossa vista. A Natureza é, neste momento, uma abstração, produzida a partir do que os sentidos traduzem e filtram sobre a realidade que nos rodeia, pelo que a paisagem, todas as paisagens, são como que uma invenção. Por isso mesmo é que, quando salvado Pena retrata a Feira da Ladra, descreve as vielas e as ruelas da Lisboa antiga, desde Alfama à Ajuda, ou representa de uma maneira nova a Estrela, a Basílica que uma rainha teimosa quis teimosamente legar à nossa posteridade, por isso mesmo, dizíamos, é que Salvado Pena não nos dá meras fotografias, que dessas estão os laboratórios cheios, mas, antes, nos dá uma outra imagem de Lisboa, onde a luz está omnipresente e se sente, sobretudo, um amor e carinho pelo nosso património cultural que não é só cheio de boas intenções, mas essencialmente uma profissão de fé que, para sua defesa, encontrou esta maneira de preservá–lo e eternizá–lo»

Algumas das obras de Salvado Pena estão em colecções particulares nos estados Unidos, França, Holanda e Irlanda, tendo participado em diversas exposições individuais e colectivas.

Quanto a Fernanda Andrade: natural de Moçambique onde viveu até aos 16 anos, esteve quatro anos na África do Sul antes de se fixar em Lisboa, em 1979. Desde que, em 1984, tirou um curso de Cerâmica num atelier particular, o seu entusiasmo levou-a a efectuar as suas primeiras exposições. Algumas das suas obras encontram–se em colecções particulares na África do Sul, Estados Unidos, França, Itália, Suécia e Portugal.

Pintura de Salvado Pena, na Palma-Galeria de Arte

Fotografia de Auzenda Coelho de Castro

EXPOSIÇÕES

• ESCADA-Centro de Arte (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): colectiva de Pintura com trabalhos de Artur Bual, Guilherme Parente, Rocha Pinto e Rogério Amaral, até 9 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20.

• PALÁCIO DAS GALVEIAS : Colectiva de Fotografia Artística promovida pela Associação Portuguesa de Arte Fotográfica. Trabalhos de 23 fotógrafos, patentes todos os dias úteis das 10 às 13 e das 15 às 19.

• ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): exposição retrospectiva da Pintura de Mário Botas, até 20 de Abril das 10 ás 19 de segunda a sexta e das 10 às 13 aos sábados.

• BIBLIOTECA NACIONAL: «A Inquisição em Portugal» - exposição biblio-iconográfica até 30 de Abril, de segunda a sábado das 10 às 17.

• ESPAÇO MARIA LAMAS (Av. Duque de Loulé, 111-4º): exposição de Pintura de Maria Antónia Santos, até dia 27.

• GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23-A): «Bar Atlântico - Pintura de Carlos Barroco», até final de Abril.

• CLUBE 50 (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): exposição de Fotografia de Auzenda Coelho de Castro, até 6 de Maio de terça a sexta das 17,30 às 20,30, sábados das 15 às 20.

• CLUBE 50: exposição de Pintura de Xavier de Sousa Tavares, até 6 de Maio de terça a sexta das 17,30 às 20,30, sábados das 15 às 20.

• ESTREMOZ (Pousada de Santa Isabel): «Grupo de Évora + 3» expõe escultura em pedra. Trabalhos de João Cutileiro, José Esteves, Margarida Lagarto, Pedro Fazenda, Sílvia Wesphalen, José Pedro Croft, Manuel Rosa e Nelson Cardoso.

• GALERIA EMI (R. da Cruz dos Poiais, 111): exposição de artistas da «Paula Cooper Gallery» até 24 de Abril. Encerrada nos dias 17, 18, 19 e 20.

• MERIDIEN DO PORTO: exposição colectiva da Páscoa, até 30 de Abril.

• ARTEFACTO 3 (Travessa Água da Flor, 37): peças de ourivesaria de autor - de Teresa Seabra, Cristina Filipe, Fausto Guilherme, Willie Levi, Alexandra Serpa Pimentel, Manuel Júlio, Thomas Gentille e Paula Crespo. De segunda a sexta das 15 às 20.

• PALMA-GALERIA DE ARTE (C. de Palma de Baixo, 6): até 28 de Abril, patente uma exposição com Pintura de Salvado Pena com o título «Lisboa-A Cidade da Luz» e Escultura de Fernanda Andrade. Todos os dias (excepto domingos e feriados) das 14 às 20.

• GULBENKIAN (Exposições Temporárias): exposição de Pintura do artista inglês Ben Ben Nicholson.

• GALERIA CHAGALL (C. C. D. Dinis, Leiria): exposição de Pintura de Moura Coutinho, até 26 de Abril de terça a domingo das 14 às 22.

• GALERIA DE CASINO ESTORIL: Pintura sobre Porcelana de Lourdes Abraços e mobiliário artístico da Modecora, até 26 de Abril, todos os dias das 15 às 24.

• MUSEU DE PENICHE: exposição de Fotografia Artística do professor Rolf Lederbogen sobre «Paisagens Tranquilas», «Naturezas Mortas», «Pessoas e Paisagens» e «Pessoas-Espaços». Patente até 19 de Abril.

• OLHARTE (Calçada do Cardeal, 18): exposição de 9 pinturas e de uma edição de 15 serigrafias sob o título «Preto Paraíso» da autoria de Nodi. Patente até 25 de Abril, de terça a domingo das 16 às 20.

• GALERIA NASONI (Porto): exposições de Darocha (pintura com o título «Songeur Exquis I») e na Sala Atlântica «Trabalhos Recentes » de João Penalva, patentes até 6 de Maio.

• TORRES NOVAS integrada nas comemorações do 50º aniversário da Biblioteca Municipal de Gustavo Pinto Lopes e Museu Municipal Carlos Reis, decorre até 25 de Abril uma exposição de «Instrumentos e Documentação Musicais». Alguns dos documentos e materiais datam do século XVIII e são exemplares que, pela sua raridade e beleza são motivo de grande interesse.

Pintura de Xavier de Sousa Tavares

• ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): exposição de Pintura de Maria Soares «Homenagem à Natureza» até 30 de Abril de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.

• ATELIER 2 (R. da Emenda, 66-3º): exposição de gouaches «Metamorfoses» de João Vieira. Patente até 30 de Abril, nos dias úteis das 10 às 13 e das 14,30 às 18.

• GALERIA CODILIVRO (Praceta Dr. Nuno Pinheiro Torres, 2-A): «No Silêncio da Tarde», exposição de Pintura e gravura de Marina, patente até 16 de Abril, de segunda a sábado das 15 às 20.

• GALERIA DA LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): Escultura e Joalharia de Gordillo, até 24 de Abril.

• GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): desenhos de Rui Sanches como título «Preto e Branco». Simultaneamente, na sala do 1º andar, a exposição «Quesares» da artista brasileira Carmela Gross. De terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

• MULTIFACE ARTE (R. Sousa Lopes, lote RS): exposição com trabalhos de Berrocal, Espiga Pinto, Emília Nadal, Francisco Simões e Manuel Cargaleiro.

• GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): exposição de Pintura de Dominguez Alvarez.

• IAM GALERIA (R. da Misericórdia, 92-1º): exposição de Manuel Gantes «pintura-formas pintadas-desenho», até 22 de Abril, de segunda a sábado das 15 às 20.

• INSTITUTO ALEMÃO (Campo dos Mártires da Pátria): «Ser ou Não Ser», uma exposição de Pintura de Ana Leonor, até 29 de Abril.

• SNBA (R. Barata salgueiro, 36): Escultura de Álvaro Carneiro, até 26 de Abril.

• MUSEU NACIONAL DO AZULEJO: exposição de Cerâmica de Mário Castanheira, patente durante o corrente mês.

• RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão): Pintura de Rui Cunha, até 30 de Abril todos os dias das 12 às 24.

• GALERIA TRIANGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): Pintura de Espiga Pinto até 27 de Abril, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e domingo dia 26 das 15 às 20.

• ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 20): aguarelas de José de Azevedo até 28 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 20.

• GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): trabalhos de António Araújo até 30 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALVALADE: Zil, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **BAIRRO ALTO: Azevedo Irmão e Veiga**, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540); **BAIRRO MONTE PEDRAL: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BENFICA - CEMITÉRIO: Simões**, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CALVÁRIO: Alcântara**, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES: Ourique, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CAMPOLIDE: Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **MARQUÊS DE POMBAL - PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C, R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **ANJOS - RUA MARIA ANDRADE: Renascença**, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (T. 831504); **AVENIDAS NOVAS: Figueira**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS: Capuchos**, L. Luciano Cordeiro, 2-A (T. 572076); **MERCADO DO CHILE: Alcalis**, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsarraz, 17-B (T. 842533); **RATO: Soares**, Av. Álvares Cabral, 1 (T. 684282); **RESTELO - AVENIDA VASCO DA GAMA - ALGÉS: Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **SANTOS: S. A. E. Silva Filhos**, R. de São João da Mata, 72-74 (T. 661010); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. doMar, 34-A (T. 2400060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 13 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, R. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Isabel**, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Permanente; **Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 4101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 1[illegible] horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa, 24-C (T. 280214). Permanente.**

Linha de Sintra — AMADORA: Nunes, E. da Serra de Mira, Falagueira (T. 4937543). Permanente; **Soares Correia**, E. das Águas Livres, Carenque (T. 965517). Permanente; **Solla**, loja D, lote 65 (T. 900724). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-B (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950905). Permanente; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **RINCHOA: Dumas Brousse**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058); **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVICE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025).

DL TEATROS

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)
De 3.ª a sáb., às 21.30, e domingos, às 17 h.
«VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER» de Roger Vitrac, Enc. de João Mota.

CAFÉ-TEATRO

Sextas e Sábados, às 24 h **«FARSA VOCÊ MESMO»** — um espectáculo de café-teatro — coordenação geral de Carlos Paulo e João Mota.

Oficina do Grotesco

R. da Palma, 268

5.ª, 6.ª e sábado, às 21.00; domingo, às 17.00

«MINHA MÃE E SUAS QUATRO FILHAS». Escrito e interpretado por Maria Morais.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«ESCRITA EM DIA». Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES», texto de César de Oliveira e Varela Silva.

Teatro Nacional D. Maria II

Pç. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10
De terça a sáb., às 21.30; domingos, às 16.00
«ANATOL», de Arthur Schnizler. Enc. Ricardo Pais. Cen./fig. de António Lagarto. Música de António Emiliano.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31
De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«O MOTIM», de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Setubal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 Tel. 29130
De 5.ª a domg., às 21.30

«ATÉ AMANHÃ», Sobre textos de Jaime Salazar Sampaio. Pelo TASS. Enc. de João Manuel.

Sociedade Guilherme Cossoul

Av. D. Carlos, 61, 1.º — Tel. 66 59 06

Sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«MORTE NO BAIRRO», de Alfonso Sastre. Encenação de Hermínio Fernandes. Cenários e figurinos de Henrique Haytte. Grupo de Teatro da Sociedade Guilherme Cousul.

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

4.ªs e 5.ªs, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30

«O JARDIM DAS CEREJEIRAS», de Tchekov. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cenografia de José Manuel Castanheira.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 18.30; domingo, às 17.00

«O PRANTO DE MARIA PARDA» e **«QUEM TEM FARELOS?»**, de Gil Vicente. Encenação de Blanco Xil. Cenários e figurinos de António Filipe.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 19.00; 6.ªs e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00

«SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?», de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe.

Teatro Maizum

R. Santiago, 19, Alfama — Tel. 86 55 03

Na sala do IFICT

2.ª, 3.ª e 4.ª, às 19.00; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30.
«UM JIPE EM SEGUNDA MÃO», de Fernando DaCosta. Encenação de Adolfo Gutkin. Cenografia de José M. Castanheira.

Porto — Tearto

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65

5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«MÉROPE — LIBERDADE OU MORTE». Pelo TEAR. Encenação de Castro Guedes.

Cascais — TEC — Espaço 2

Av. Marechal Carmona, 6-B — Tel. 286 79 33

De 2.ª a 4.ª, às 18.00; 5.ª e 6.ª, às 18.00 e 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«ATO DA ÍNDIA E D'OUTRAS ANDANÇAS», de Guilherme Filipe, com base em Gil Vicente.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

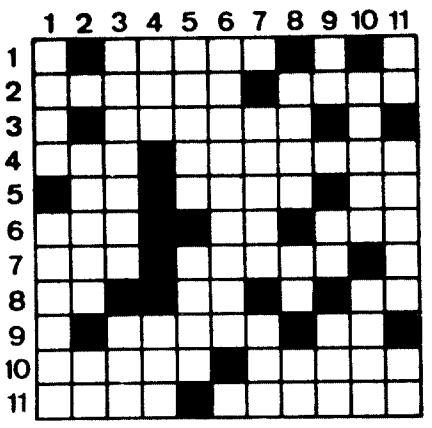
«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 008

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Jumento. Conjunção. Artigo definido.
2 Freguesia do concelho de Vila do Conde. Freguesia do concelho de Arcos de Valdevez.
3 Sagaz (Bras).
4 Monarca. Endireitar.
5 Nota musical. Vais para fora. Lê.
6 Ilha inglesa no mar da Irlanda. Medida japonesa igual a dois decilitros. Figura que simboliza o povo americano.
7 Boi selvagem. Conversão das almas.
8 Lantânio (s.q). Prefixo de privação. Quantum satis.
9 Estirada. Cobre (s.q).
10 Reúne em maços. Deusa dos rebanhos e dos pastores.
11 Taramela. Árvore anonácea cujo fruto é a fruta-do-conde.



VERTICAIS:

1 Vila e concelho do distrito de Aveiro. Esposa.
2 Artigo definido. Prendera com elos. Pronome pessoal.
3 Pequeno candeeiro de folha-de-flandres. Pronome demonstrativo.
4 Larva das feridas dos animais. Dá aviso de alguma coisa em voz alta.
5 Róis. Coisa excelente.
6 Conjunto de roupas (pl).
7 Grupos de três. Cidade francesa do departamento de Vaucluse.
8 Naipe das cartas de jogar. Pronome reflexo. Duas vogais desiguais.
9 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Catedral. cento e cinquenta e um em romano.
10 Engasta. Deseja.
11 Preposição e artigo. Moves os remos. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º **17 007**

HORIZONTAIS:

1 ASNO. MM. QUE.
2 Aa. Lá. VS.
3 Riscarão. CC.
4 Osca. Filtro.
5 Ir. Intuir.
6 Ardiam.
7 Iaci. Aram.
8 V.º. Aramaras.
9 Uso. Ena!
10 Asnático.
11 Perdão. Caãs.

VERTICAIS:

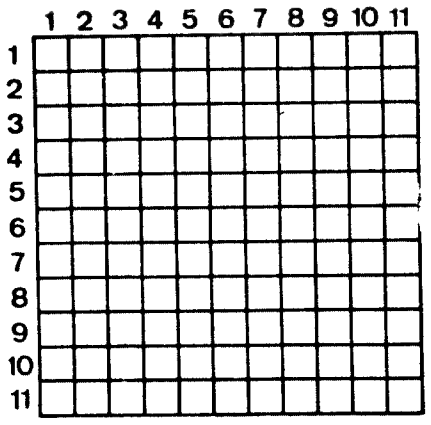
1 A. ROMA. VÁ.
2 Sais. Rio. DE.
3 Nascida.
4 Carica. Ad.
5 LÁ. Airosa.
6 Marfim. ASNO.
7 Ain. Amua.
8 VOLTARÁ. Tc.
9 QS. Tu. Areia.
10 Cri. Manca.
11 Escora. Sãos.

PROVÉRBIO: Asno que a Roma vá, de lá asno voltará.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 837

HORIZONTAIS:

1 Manto oriental de seda bordado a ouro. Ídolo principal dos japoneses.
2 Entre os filipinos, a divindade. Empregais.
3 Empregais. Mestiço chino, em Timor.
4 Na Argélia e em Marrocos, escola pública para crianças. Guarnecer de asas.
5 Uma das mulheres de Henrique VII. Espádua. Grego (abrev. e inv).
6 Senhora ou princesa muçulmana, no Oriente. Cruel.
7 Nome de letra. Induzir.
8 Espera resposta. A esmo. Negra.
9 Cume. Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943. Idem.
10 Autores. Devorarão.
11 Soluçais. Isolado.



VERTICAIS:

1 Província do Peru. Errai.
2 Alcançariam.
3 Chapa lisa de ferro para arredondar o vidro, nas fábricas.
4 Autores. Burla (fig).
5 Cidade de Espanha. Metal precioso de cor amarela. Zomba.
6 Aterradas.
7 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Prata (s.q).
8 Antiga dança peninsular. Carumas.
9 Pegas. Correio, Telégrafo e Telefones (abrev). Letra grega.
10 Untariam.
11 Angustiados.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º **15 836**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Ilórci. Iowa.	1 Iassy. Reata.
2 Airó. Os. Mac.	2 Lia. Borras.
3 Sade. Ras. KO.	3 Ordenado.
4 Er. Querem.	4 Roer. Ra. Adi.
5 Pulsa.	5 Prisões.
6 Barre. Sina.	6 Iorque.
7 Rodai. Cavan.	7 Saul. Crivo.
8 Ero. Seroa.	8 Sessão. Si.
9 Ar. Ao. Rua.	9 Om. Raivaras.
10 Ta! Desvia.	10 Wake. Na.
11 Assis. Ósseo.	11 Acompanhado.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário.Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.15: «Missa dee Requiem», em ré menor, de Mozart; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Cancioneiro popular português; **17.25**: Recital Chopin; **18.40**: Música coral religiosa, de Johannes Brahms; **19.00**: Integrais; **19.45**: 16.º episódio do folhetim «Avieiros», de Alves Redol; **20.05**: Música; **20.40**: Música, para clarinete; **21.00**: A ciência e a vida; **21.30**: Sinfonia, n.º 3, «Litúrgica», de Honegger; **22.00**: Estes sons, esta linguagem; **22.30**: Solos de piano; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.45**: «Capricho», de Ferberger; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.º hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; 222.00: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Vamos aos fados; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

TELEVISÃO

RTP

15.25 - Escola de Sereias

Um homem tenta inscrever-se numa escola de raparigas... Afinal, apenas um pretexto para a primeira das várias extravagâncias aquáticas protagonizadas por Esther Williams.

17.05 - Vamos Dançar
17.35 - Brinca Brincando
18.00 - Sumárioo
18.20 - Santa Teresa de Avila

7º Episódio

19.20 - Boletim Meteorológico para a Agricultura
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas

67º Episódio: - Oswaldo diz a Simão que é absolutamente necessário encontrar a jóia desaparecida. Simão sabe onde encontrá-la. Oswaldo está aborrecido por Helena não ter conseguido tomar conta da empresa Rebelo. João está a almoçar com Rosário quando aparece Helena, mas João não vê a mãe. Esta dirige-se ao telefone e liga para Margarida e, anonimamente, conta-lhe que João está a almoçar acompanhado de uma mulher. Margarida vai ao restaurante, vê João com Rosário, mas volta a sair sem dizer nada. Simão visita Lurdes e, logo que ela se dirige para a cozinha, começa a revistar todas as gavetas, sendo apanhado em flagrante por Lurdes que, apesar de tudo, disfarça.

20.55 -Chernobyl
21.45 - Dempsey e Makepeace

22º Episódio: Dempsey, disfarçado de Lupino, consegue integrar-se no bando dos criminosos, mas Makepeace, acaba por ser capturada por aqueles. Consegue escapar e descobre que Coltrane, o polícia de Nova Iorque, inimigo de Dempsey, e encobridor do tráfico de droga, está em Inglaterra. Coltrane, revela aos seus colaboradores que Lupino é, afinal, Dempsey, mas não parece preocupado com a presença dele, no grupo de assaltantes, pois quer que Dempsey seja morto a praticar actos criminosos.

Realização: Baz Taylor

22.50 - 24 Horas
23.20 - Remate

No 1º canal, às 18,20, o 7º episódio de Santa Teresa de Ávila

RTP 2

15.00 - Agora, Escolha
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.05 - 5ª Dimensão

128º Episódio: - Chester Dietrich e a sua mulher, Paula, estão a fazer um inventário de coisas sem valor que roubaram, quando descobrem uma câmara que pode adivinhar o futuro através das fotografias que tira. Chester decide utilizar a máquina nas corridas de cavalos,

«Dempsey e Makepeace» no 1º canal, às 21,45

tirando forografias do quadro dos vencedores, antes das corridas. Graças à tal foto, quando à noite chegam ao hotel, levam milhares de dólares numa pasta.

Contudo, a máquina só permite 10 fotografias. Que fazer coma as duas últimas fotografias que faltam?

Realização: John Rich

20.30 - Uma Família às Direitas

104º Episódio: - O baptizado de Joey, continua a ser motivo de discussão entre Archie e Mike, especialmente quando os Bunkers, são obrigados a passar uns dias em casa dos Stivics.

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros

21.35 - CinemaDois

«O Acontecimento mais Importante»: Marco Mazetti nunca pensou vir a ser protagonista do «acontecimento mais importante desde que chegou à lua»: sem saber como nem porquê... está grávido.

Perante a surpresa da família e a perplexidade dos médicos, Marco e sua mulher Trène decidem-se a fazer o mais sensato: preparar o melhor possível a chegada do novo bébé.

Interpretes: Catherine Deneuve, Marcello Mastroianni, Micheline Presle, Marisa Pavan, Claude Melki, Mireille Mathteu.

Realizador: Jacques Demy

AMANHÃ

RTP-1

15.00 - Trapézio
17.00 - Vamos Dançar
17.30 - Brinca, Brincando
18.00 - Sumário
18.05 - Santa Teresa de Avila
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Vamos Jogar no Totobola
20.20 - Palavras Cruzadas
21.00 - Lotação Esgotada
23.25 - 24 Horas
00.00 - Remate

RTP-2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.00 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Série Filmada
22.00 - Clube Português de Imprensa
22.40 - Música na América

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande e marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP1 Dempsey e Makepeace

RTP2 Cinemadois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

Palavras Cruzadas

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegrafico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

O Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos confirmou hoje que o subinspector Regadas da Polícia Judiciária «foi objecto de tratamento cirúrgico, a que se seguiram outras medidas terapêuticas». A Ordem elaborou o documento «no exercício da sua função de controlo da deontologia médica que lhe compete por lei e com base na documentação clínica a que teve acesso», procurando esclarecer dúvidas relacionadas com o internamento de Júlio Regadas numa altura em que contra ele havia uma ordem de prisão, que viria a ser anulada face à sua doença.

Março complicou a vida ao Governo

Bandeira da inflação pode ser arreada

A melhoria gradual dos indíces inflacionários, que foi muito nítida no ano passado a ponto de poder ser, repetidamente, invocada como a bandeira mais alta da eficácia governativa, parece comprometida, ameaçando até inverter a tendência de baixa aparentemente inamovível.

É, pelo menos, esta ideia que fica do índice de custo de vida no mês de Março, ontem divulgado pelo Instituto Nacional de Estatística, e segundo o qual, pela primeira vez nos últimos meses, a inflacão acelerou relativamente ao mês anterior.

Em Março, a variação de preços foi de 1,4 por cento colocando a inflação, medida a 12 meses (de Março de 86 a Março de 87) em 10,9 por cento. Comparativamente a idêntico mês do ano passado, em Janeiro a inflação fora de 9,8; em Fevereiro baixou para 9,5 e agora voltou a subir, regressando ao nível de Janeiro.

Aferida à média de doze meses, ela continua a ser bastante mais baixa do que no ano passado uma vez que a média anual era de 16,7 em Março (o ano fechou com 11,7) e agora se situa nos 10,9. Mas se a tendência de Março se confirmar nos meses subsequentes, ficam automáticamente comprometidas as metas apontadas pelo Governo para o ano corrente e que são de 8 a 9 por cento. Nesta base fecharam as negociações com a UGT, no Conselho de Concertação Social.

Segundo esse acordo, de que participaram também as associações patronais, a inflação não poderá ser superior a 7 por cento, no terceiro trimestre, e a 6 no quarto, sob pena de correcções futuras nos contratos colectivos a celebrar a partir daí.

O vestuário e calçado foi o factor mais forte a pesar no índice de preços (22,3); mas, curiosamente, o seu ritmo de subida diminuiu pois era de 23,2 em Janeiro e 23 em Fevereiro. Isto poderá significar que o puxão de orelhas aplicado pelo ministro Cadilhe aos industriais do sector, em reunião muito falada no Porto, em finais do ano passado, está a produzir efeitos.

A alimentação e bebidas foi a única que, em vez de revelar sintomas de baixa, viu os seus preços crescer apresentando, agora, como média dos últimos doze meses, 9,1 por cento quando, em Fevereiro, fora de 8,9. Março representou, aliás, a quebra do ciclo de baixa continuada da alimentação e bebibas: pela primeira vez nos últimos 30 meses o sector revelou sinais preocupantes de subida e de poder voltar à espiral inflacionista de há dois anos e meio.

Embora seja de tomar em consideracão o aumento dos preços do tabaco no mês passado, a nivel interno, e a tendência média dos paises da OCDE, que é de perda significativa das expectativas optimistas de meses recentes, não há dúvida que Cavaco Silva, no exato momento em que é derrubado, perde um dos seus trunfos principais com que tem esgrimido em vantagem com a oposicão.

LOTARIA POPULAR

1º—378722	1 000 000$00
2º—092383	250 000$00
3º—099251	150 000$00
4º—247612	100 000$00
Terminação em 722	50 000$00
Terminação em 383	10 000$00
Terminação em 251	2 500$00
Terminação em 612	1 000$00
Terminações em 27 e 67	500$00

Nota— Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.

D/E/C/A/R/A/S

YASSER ARAFAT, líder palestiniano, anunciou o cancelamento de um acordo de 1985 com a Jordânia, quando se iniciam conversações de preparação de uma sessão do parlamento-no-exílio da OLP — disse à agência noticiosa APS. A agência argelina adiantou que o cancelamento do acordo, suspenso pelo rei Hussein da Jordânia um ano após a sua assinatura, era uma condição prévia fixada por alguns grupos radicais palestinianos para participarem numa sessão do Conselho Nacional da Palestina.

OLIVER TAMBO, líder do Congresso Nacional Africano (ANC), que luta pelo reconhecimento do seu partido como oposição legitima na África do Sul, visitará a Noruega este mês para conversações sobre o fim do apartheid. Fontes oficiais de Oslo também anunciaram que a Noruega vai construir um terminal petrolífero no porto moçambicano da Beira, para favorecer a independência da África Austral relativamente aos portos da África do Sul. Oliver Tambo analisará com as autoridades norueguesas o boicote unilateral de Oslo ao comércio de Pretória, durante a sua visita de dois dias, a partir do dia 26.

D. MANUEL DA SILVA MARTINS, bispo de Setúbal, alude à crise política na sua mensagem de páscoa, ontem divulgada. Para o bispo de Setúbal, o Parlamento devia ser «o retrato da dignidade, da educação e do respeito. Devia ser uma escola pública de grandes valores». «Quantas vezes não somos chocados, e agora o digo com mais tristeza ainda, pela pouca vergonha que às vezes tudo aquilo é» — afirma o prelado. Falando de oportunismo, D. Manuel da Silva Martins afirma: «Temos para amostra bastante os acontecimentos políticos que levaram o País à presente crise, numa total indiferença e desprezo pela vontade e pela sorte do povo».

MIGUEL ARRAES, governador de Pernambuco visitará Portugal a convite do Presidente Mário Soares, segundo afirmou na sua edição de ontem o «Mundo Português». Soares e Arraes são amigos de longa data e ambos de formação socialista, embora o governador de Pernambuco se situe mais à esquerda no aspecto político. Portugal será assim o primeiro país estrangeiro que Arraes visitará desde que assumiu funções. Arraes tem muitos amigos no nosso País, onde esteve várias vezes durante o exílio depois de ter sido destituído do seu posto de governador pelos militares em 1964.

DOMINGOS CLAUDINO: um benfiquista de rija cêpa, possuidor das mais altas distinções clubistas, afasta-se agora do cargo de director das instalações do Estádio da Luz, onde foi figura admirada e respeitada pelos jornalistas a quem nunca negou as facilidades que a direcção de Fernando Martins autorizava a ter para com os homens da Informação. Uma rendição que (espera-se) esteja na mesma linha de respeito mútuo com a Comunicação Social.

D. TEODORO FARIA, bispo do Funchal, visitará as comunidades madeirenses residentes na Austrália em Outubro, anuncia o jornal quinzenário «O Mensageiro», de Vancouver. Segundo este jornal da comunidade portuguesa na Austrália, o prelado da diocese do Funchal poderá estar presente na Festa do Senhor dos Milagres, organizada pelos machiquenses residentes na cidade de Sidney.

Processo de burla alfandegária enviado ao TIC

A Polícia Judiciária remeteu já ao Tribunal de Instrução Criminal o processo respeitante à burla, com recurso a falsificação de documentos alfandegários, que terá sido cometida por sócios de uma firma de despachantes e defraudado o Estado em mais de 100 mil contos.

No âmbito dessa investigação foi apurado, segundo uma nota da PJ distribuída à Imprensa, que durante alguns anos e até finais de 1986 terão sido desviados dos cofres do Estado mais de 100 mil contos, através da utilização de bilhetes de importação completamente forjados os quais comprovavam, falsamente, pagamentos à Alfândega não efectuados na realidade e depois eram enviados aos importadores e os seus valores cobrados a favor dos burlões.

Noutros casos, o método usado pelos falsários terá sido o de pagar a Alfândega direitos inferiores aos devidos, recorrendo à falsificação de documentos aduaneiros autênticos e posterior recebimento da totalidade junto da firma, apoderando-se da diferença dessas quantias.

Um dos autores, o despachante Olavo Cruz, fugiu para o estrangeiro, presumindo-se que se encontra no Brasil, depois de ter estado em Israel, enquanto o filho se encontra detido nos calabouços da Judiciária

Cavaco anunciou libertação de português detido na Tailândia

Cavaco Silva anunciou esta manhã, em Pequim, a libertação nos próximos dias de um cidadão português preso na Tailândia por tráfico de droga. Trata-se de Júlio Oliveira que cumpre em Bangkok uma pena de 20 anos de prisão, juntamente com Flávia D'Eça Leal, cuja libertação o Governo português também está a diligenciar. Cavaco, que falava aos jornalistas que o acompanham, desloca-se à Tailândia na próxima semana, ocasião em que deverá abordar com os dirigentes tailandeses o caso da portuguesa, detida pelo mesmo motivo de Júlio Oliveira. O perdão concedido pelo rei tailandês, Bhumipol Adulyaej, seguíu-se a uma série de iniciativas diplomáticas de Lisboa junto do Governo de Bangkok.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

A caixa preta do avião de Samora Machel

■ A transcrição completa

Editado pela Ulmeiro, está já à venda em Portugal o livro de Álvaro Belo Marques «Quem Matou Samora Machel?». Trata-se de uma obra essencialmente documental, onde o autor procura, através de uma grelha informativa e de entrevistas, mostrar, a par e passo, o desenvolvimento factual e especulativo que rodeou o presidente Samora até à queda do avião, que o conduzia de Lusaka ao Maputo, em território sul-africano. Dada a sua importância histórica e documental, «Sete Ponto Sete» decidiu transcrever, em primeira mão, toda a gravação da «caixa negra» do Tupolev de Samora que resgista o diálogo da tripulação entre si e com o operador da torre de controlo do aeroporto de Maputo.

Transcreve-se ainda o resumo final do autor e a peça do jornalista moçambicano Machado da Graça, que abriu um bloco noticioso da Rádio Moçambique logo após a notícia da queda do aparelho e que reflecte, de algum modo, o pensamento comum na informação moçambicana de que o avião foi desviado por um falso rádio-farol.

TEXTO de Machado da Graça:

«Na história de muitos países com longa costa marítima e intenso tráfego de navios surgia, nos séculos passados, com frequência, a figura tenebrosa dos naufragadores.

Tratava-se de pessoas vivendo junto à costa que, em noites muito escuras de tempestade, acendiam grandes fogueiras nas rochas da praia, para que os navios julgassem que era o farol de um porto e, mudando de rota, se viessem esmagar nos rochedos. Os naufragadores, nesse momento, caíam sobre o despojos do navio, saqueando tudo quanto podiam, sem se preocuparem com as vidas dos tripulantes e dos passageiros do navio. A fogueira, cumprida a sua missão assassina, era apagada e disfarçada, de forma a que o naufrágio parecesse dever-se àquilo que hoje se chamaria de «erro humano».

As condições estranhas do despenhamento do avião presidencial trouxeram, ao nosso espantado conhecimento que, neste século de alta tecnologia, são de novo possíveis as práticas dos naufragadores. Lemos e ouvimos nos últimos dias que, por meios electrónicos, é possível criar um farol falso e desviar um avião, para que se esmague contra uma montanha, quando julga estar a aterrar normalmente em aeroporto seguo.

Não sabemos, ainda, se foi isto o que aconteceu ao avião em que morreu o Presidente Samora Machel e parte da sua delegação, mas sabemos já que isso é possível. Sabemos, inclusivamente, que os sul-africanos já usaram este tipo de tecnologia contra aviões angolanos.

Como dizia, à partida de Maputo, o Presidente Jerry Rowllings, um dos grandes problemas da nossas época é que a alta tecnologia está, frequentemente, em mãos sem moral.

Mas, se não sabemos ainda se o avião presidencial foi «naufragado» nos Montes Libombos, uma coisa é certa: os homens que chegaram ao local do desastre e, sem se preocuparem em socorrer os feridos, trataram apenas de recolher toda a documentação que conseguiram encontrar, esses são, sem sombra de dúvida, representantes actuais dos naufragadores dos séculos passados.»

Resumo final do autor

No final deste «processo», ficamos com alguns factos e várias perguntas; de modo algum com conclusões claras.

Resumidamente, referimos os factos:

1) A partir dos primeiros dias de Outubro, os militares sul-africanos parece esquecerem a Namíbia, Angola, o boicote económico internacional, a desestabilização interna e lançam-se, pelo seu porta-voz general Magnus Malan, ministro da Defesa, a um ataque cerrado a Samora Machel. Utilizando todos os meios ao dispor, chegam a afirmar que o presidente de Moçambique «estava pessoalmente envolvido» no planeamento de actos de terrorismo contra a África do Sul.

2) Segue-se uma série de boatos, alguns veiculados pela «Voz da América» e repetidos por estações francesas, de que o governo de Moçambique estava prestes a cair e que até já se tinha refugiado na Ilha de Inhaca. O «Citizen», na sua edição de 14 de Outubro, afirma o facto.

3) Poucos dias antes do acidente, corria em Paris o boato de que o presidente de Moçambique teria sido assassinado. Outros países ocidentais também receberam esta «informação».

4) Durante o mês de Outubro, concentração de tropas especiais sul-africanas na zona do acidente aéreo e estado de alerta total nos dias 19 e 20, segundo a AIM.

5) A questão da grande tenda de campanha, vista no local por um *veterinário sul-africano e desarmada no dia seguinte ao do acidente.*

e tenda era est? Mente o veterinário ou o comandante da Unidade de Komatipoort?

Quanto a perguntas, algumas há de imediato:

1) Porque razão a primeira comunicação sul-africana do acidente referia o despenhamento como tendo ocorrido na Província do Natal, quando os radares tinham acompanhado o voo presidencial?

2) Sendo o impacto registado às 19 e 21 (TUC), e tendo o voo sido seguido pelos radares sul-africanos, por que razão:

— Só às 23.00 apareceu no local a primeira pessoa (um oficial da Polícia)?

— Só às 00.15 se avisa o médico residente em Komatipoort (este chega ao local à 01.00).

— Só depois das 04.00 surgiu no local a equipa médica, seis horas e meia depois do acidente?

Continua na pág. 2

Espionagem em tempo de «coincidências»

Em 1986, um caso de espionagem deu a Ronald Reagan um pretexto para aceitar o convite de Mikhail Gorbachev que os levou, em Outubro, à chamada pré-cimeira de Reiquejavique. Menos de um ano depois, George Shultz encontra-se em Moscovo, ainda com o controle de armamentos na agenda, mas, ao que parece, fundamentalmente preocupado em conseguir contactar com Washington sem ser ouvido por terceiros.

Se em sete meses muitas coisas mudaram, a verdade é que a actual visita de George Shultz a Moscovo decorre num cenário idêntico ao registado quando da deslocação do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, a Washington, em Setembro de 1986. Coincidências pré-fabricadas ou mero acaso? Seja qual for a resposta, o certo, porém, é que a espionagem tem sido nestes últimos tempos o parasita fiel das negociações sobre desarmamento.

Ambas pecam, afinal, pela repetição e os ciclos em que decorrem parecem infinitamente circulares. As negociações sobre desarmamento continuam a desembocar na questão «guerra das estrelas»; os casos de espionagem esperam por encontros a alto nível para serem denunciados.

O «pecado» dos marines

Em Março, os Estados Unidos anunciam que o secretário de Estado George Shultz se deslocará a Moscovo para aí debater as propostas apresentadas, no mês anterior, por Mikhail Gorbachev. No mesmo mês rebenta um escândalo na Embaixada dos EUA na capital soviética que parece estar ainda longe do seu fim. Três «marines» norte-americanos, do serviço de segurança daquela missão diplomática, são acusados de espionagem por alegadamente terem permitido a entrada no edifício a agentes do KGB, após terem sido «seduzidos» por soviéticas que trabalhavam na Embaixada.

Os 28 fuzileiros do corpo de segurança da missão diplomática recebem ordem para regressar aos Estados Unidos, enquanto o senador Dan Mica se desloca, a 8 de Abril, a Moscovo para aí inspeccionar as instalações da nova embaixada norte-americana e averiguar se George Shultz poderá utilizar os serviços existentes. Os peritos norte-americanos chegam à conclusão que ambos os edifícios se encontram «minados» por mecanismos montados pelo KGB. Ronald Reagan dá ordens para que o pessoal diplomático não se mude para a nova Embaixada enquanto esta não oferecer condições de segurança e comunica a Shultz que o caso deve ser debatido com os lideres do Kremlin.

O secretário de Estado é portador de uma carta pessoal de Ronald Reagan para Mikhail Gorbachev, que deverá ser hoje entregue, e cujo teor não foi divulgado.

Nicholas Daniloff, quando do seu regresso aos Estados Unidos. A sua libertação, pela URSS, foi aparentemente a moeda de troca que levou à cimeira de Reiquejavique

A 9 de Abril, a União Soviética apresenta equipamento de espionagem que diz ter sido colocado por agentes dos EUA em cinco edifícios soviéticos nas Nações Unidas. Comentadores e funcionários soviéticos acusam Washington de «espiomania» e afirmam que o Kremlin rejeitará qualquer discussão sobre o assunto.

No meio das trocas de acusações, surge a afinidade: ambas as partes, referindo-se implicitamente ao passado, consideram que o acaso não entra no jogo. Em declarações à imprensa, George Shultz diz que o escândalo de «sexo e espionagem» na Embaixada do seu país em Moscovo lança uma «pesada sombra» sobre as conversações que deverá manter com Shevardnadze e acrescenta: «Infelizmente, como é frequente quando estamos no meio de discussões potencialmente prometedoras com os soviéticos, elas têm lugar num ambiente difícil gerado pelas suas acções».

Por seu lado, o vice-ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Vladimir Petrovsky, afirma: «Dificilmente pode ser considerado como uma mera coincidência o facto de ter sido escolhido para mais uma série de declarações anti-soviéticas um momento tão responsável, quando chegam ao fim os preparativos para a visita do secretário de Estado George Shultz a Moscovo».

O «caso Daniloff»

De certo modo, George Shultz representa agora o papel que, em Setembro de 1986, coube a Eduard Shevardnadze.

A crise de relacionamento entre as duas superpotências fora então provocada pelo chamado «caso Daniloff», uma armadilha que, segundo a versão pública dos acontecimentos, acabou por «degenerar» na pré-cimeira de Reiquejavique.

Aqui fica um resumo do que então se passou. A 23 de Agosto de 1986, o FBI prende, em Nova Iorque, sob a acusação de espionagem, o físico soviético Gennady Zakharov. Fontes norte-americanas revelam depois que Zakharov fora apanhado com documentos comprometedores que lhe foram fornecidos por um agente duplo.

Em Moscovo, o KGB não deixa o seu crédito por mãos alheias e monta uma armadilha idêntica a Nicholas Daniloff, correspondente na capital soviética da revista «US News & World Reports».

Passara-se um ano sobre a cimeira que reuniu, em Genebra, Reagan e Gorbachev e Washington e Moscovo preparavam um novo encontro, que deveria ter lugar nos Estados Unidos. A prisão de Daniloff «congela» momentaneamente as prespectivas de uma tal reunião. No entanto, a 19 de Setembro, Eduard Shevardnadze entrega a Ronald Reagan uma carta pessoal de Mikhail Gorbachev, onde este propõe um encontro preparatório da cimeira nos Estados Unidos. Reagan aceita, com uma condição: a libertação do jornalista norte-americano, concretizada a 29 de Setembro.

Para além do «timing» escolhido haverá ainda outras coincidências entre o caso Daniloff e o que envolve agora a Embaixada dos Estados Unidos em Moscovo? Os próximos dias o dirão. Funcionários soviéticos afirmaram já, no entanto, que se os norte-americanos os tentarem «empurrar para uma troca de acusações sobre quem espia mais quem, as conversações não irão muito longe». Por outro lado, Ronald Reagan está hoje em pior posição, do que há um ano, para fazer exigências. O «porta-voz» do Ocidente não recuperou ainda do escândalo Irangate, enquanto o lider soviético, nesse mesmo período, conseguiu implementar junto dos europeus ocidentais uma imagem que lhe é favorável.

C.V.

Novos dados sobre a morte de Samora Machel

Continuação da pág. 1

3) Porque é que o ILS e o DME se desligaram (1917:45) e os NDBs segundos depois (1917:57)? Avaria ou sabotagem?

4) Por que razão não se processou o reabastecimento de combustível em Mbala, não tendo o Tupolev, aquando do impacto, capacidade para um aeroporto alternativo? (2400 kg).

5) Por que razão, não vendo as luzes da pista à vista e já tendo soado o alarme de aproximação ao solo (1921:02), não aumenta o comandante a altitude e faz novo procedimento?

6) Como se explica que os radares das Forças de Defesa da África do Sul tenham registado a mudança de direcção do Tupolev presidencial e o radar da Defesa Militar de Moçambique não?

E muitas outras perguntas fará, por certo, o leitor.

Nós acabamos aqui o nosso modesto trabalho, para o qual muitas portas se abriram e não menos outras se fecharam. Investigações futuras poderão revelar novos factos ou clarificar plenamente alguns dos existentes.

Um homem do povo, bom, honesto e negro anti-racista, fica na História do seu país com estes predicados, realçados pelo seu mundialmente incontestado desejo de paz. Mais uma vez, um povo perde o seu líder e a História ganha um herói.

Qual a soma de pequenos erros que levaram à sua morte ou, quem o matou, deliberada e friamente?

Registo da «caixa negra»

Explicação dos termos

CAPT — Piloto do C9-CAA (Tupolev presidencial)
NAV — Navegador do C9-CAA.
COPILOT — Co-piloto do C9-CAA.
R/OP — Rádio-operador do C9-CAA.
ENG — Engenheiro de voo do C9--CAA.
AFIS — Serviço de Informação de Voo do aeroporto.
MOC 103 — Voo Moçambique TM 103, um Boeing 737 da Beira para Maputo.
COMENTÁRIO — Explanação da comissão para explicar aos leitores a terminologia ou a situação.
INTERJEIÇÃO — Quando um membro da tripulação fala ao mesmo tempo que outro, tal é indicado com uma interjeição.
. . . — Quando apenas se ouve o sinal do emissor, tal é indicado com uma série de pontos ou traços.
VOVA, VOLODYA — Primeiro nome do engenheiro de voo.
TOLIK — Primeiro nome do rádio--operador.
ATC — Registos magnéticos de Maputo.
CVR — Registos de voz do «cockpit».
? — Sinal de que se desconhece a identidade da pessoa que fala ou quando a palavra não se percebe bem.

O texto está organizado do seguinte modo: Hora, origem (ATC), transcrição. Ei-lo: 1846:19 — R/OP — Boa tarde Maputo, charlie nove alfa alfa. AFIS — ... 1847:55 — R/OP — Maputo charlie nove charlie alfa alfa (1) boa noite. 1848:03 — AFIS — Charlie nove alfa alfa, boa tarde, transmita. 1848:06 — R/OP — Charlie nove charlie alfa alfa, passando ponto Kurla nível três cinco zero estimando abeam Limpopo às zero cinco próxima hora, echo tango alfa Maputo um nove dois cinco, total a bordo quatro oito, autonomia à partida zero quatro zero zero. 1848:33 — AFIS — Entendido charlie nove charlie alfa alfa confirme posição Limpopo aos um nove, um nove zero cinco. 1848:41 — R/OP — Limpopo aos um nove zero cinco. 1848:46 — AFIS — Charlie nove charlie alfa alfa não há tráfego reportado nível de voo três cinco zero, não há demora prevista para aproximação ILS (2) à pista dois três. 1848:58 — R/OP — Entendido Charlie alfa alfa mantendo três cinco zero para Victor Mike alfa não há demora prevista ILS à pista correcção pista dois três. 1849:08 — AFIS — Afirmativo e registo o tempo, informação meteo Maputo um oito zero zero, vento à superfície zero nove zero, um zero nós visibilidade mais de dez quilómetros, três oitavos à uma, ... um oito zero zero pés, quatro oitavos (3) altitude não determinada, temperatura dois três, ponto de orvalho dois zero, QNH (4) um zero um seis. 1849:42 — R/OP — Ok copiado Ok Charlie alfa alfa QNH um zero um seis, obrigado. 1849:47 — AFIS — Afirmativo e reporte posição Limpopo ou abandonando nível de voo trê cinco zero. 1850:00 6 R/OP — Informação da Beira continua com Maputo. R/OP — Beira C9-CAA afirmativo. 1850:20 — Pergunta ao Oleg. 1851:12 — ... ... Sim. 1851:32 — NAV — 758.5, 759, 1016, +23, 90° 5-10 nós. (1) CAPT — Ah? NAV — 10 nós, aterragem pista 23 dentro de 10 minutos, 758.5 aterragem dentro de 20 minutos? Estará Ok? 1856:25 — ENG — Confirma o tempo... Ora cá está...? 1856:37 — Estará correcto? 1858:02 — *(referência à assistente de bordo)* 1849:53 — R/OP — Sim Charlie alfa alfa, próximo contacto abandonando três cinco zero, por favor transmita número um a bordo. 1849:59 — AFIS — Entendido. 1852:42 — AFIS — Charlie nove alfa alfa, informação de Maputo. 1852:46 — R/OP — Transmita. AFIS — ... 1852:51 — R/OP — Transmita Maputo. 1852:53 — AFIS — Ah confirme vosso ponto de partida Lusaka. 1852:57 — R/OP — Negativo. Ponto de partida é Mbala. Mike bravo alfa lima alfa. 1853:11 — AFIS — ...

(1) C9-CAA indicativo do Tupolev 134A.
(2) ILS — Instruments Land System (sistema de aterragem por instrumentos).
(3) Aqui deveria ser indicado o tipo de nuvens (nota da revisão técnica).
(4) QNH — Acerto altimétrico (medida da pressão em relação ao nível das águas do mar).

1859:32 — NAV — ((DME) não estará lá?) CAPT — Porquê? NAV — Ainda é cedo, ainda faltam mais 5 mnutos. NAV — 121 (7?) O que que é isto? 1900:39 — Ah? 1900:51 — CAP — Recentemente falei com os «angolianos» *(comentário: tripulação soviética tralhando em Angola)*, a 12 a nossa gente voou para Leninegrado e depois, diz ele, para Minsk. Eu disse «45 dias?» «Não», disse ele, «dois meses», isso mesmo — dois meses. 1901:49 — CAPT? Continue. 1901:07 — AFIS — Charlie nove Charlie alfa alfa, Maputo. 1901:09 — R/OP — Transmita. 1901:12 — AFIS... 1901:15 — R/OP — Transmita Maputo. 1901:17 — AFIS — Ah confirme ah pode soletrar o nome de ah aeroporto de partida Mbala e indicar ICAO? 1901:29 — R/OP — Ponto de partida Mbala. Partida é um seis três sete. 1901:38 — AFIS — Afirmativo e ah o vosso indicador ICAO é foxtrot lima qualquer coisa. 1901:50 — R/OP — Foxtrot lima bravo alfa. 1901:54 — AFIS — Entendido, obrigado. 1901:58 — R/OP — Charlie nove charlie alfa alfa, agora no início da descida. 1902:02 — AFIS — Charlie nove charlie alfa alfa não há tráfego reportado para descida, reporte luzes da pista à vista ou... ou atingindo três mil pés QNH um zero um sete. 1902:16 — R/OP — Entendido, charlie nove charlie alfa alfa agora abandonando três cinco zero para três mil pés, próximo repor-

te luzes da pista à vista. Abandonando três mil pés agora. 1902:28 —AFIS — Entendido. 1903:12 — NAV — Nível de voo cem. 1903:17 — Sim. 1903:32 — COPILOT — Corta aqui a bandagem (1). 1905:02 — ENG — Não. Não. Não me esquecerei. Colocarei... e prossigo em frente outra vez. 1905:26 — CAPT — Compreendes, não pude voar, porque fariam muitas queixas durante o voo, exactamente *(palavrão)* e haveria queixas mais tarde e ele faria o relatório para *(palavrão)*, então lembras-te quando voámos para (2)... ele... 1905:27 — COPILOT — E agora faz favor de assinar. Não é seu? 1906:08 — CAPT — Mas aquele nosso Salnikov era mesmo difícil de voar com ele *(palavrão)*, voámos de Milão com Nickolai Efimovich o comandante de serviço, 76 passageiros 11 combustível «O que é que você está a fazer?!!!» Nickolai Efimovich fica calado *(palavrão)*. No dia seguinte Nickolai Efimovich aproxima-se de mim no AP *(comentário: Aerodrome DISPATCH Point)*, eu tinha lá ido para a partida, e Kasbek recusou-se a assinar os nossos papéis, «Eu», diz ele, «não sou um criminoso», «Eu», diz ele, «não irei para a prisão por vossa causa», ele veio com o resto de alguns 2700. 2600. Diz «ele agora está na secção de plano de voo, vá lá, só que», diz ele «não lhe grite». Vou e digo-lhe: «Kasbek! Qual é o problema... qual é o problema!!». Ele começa, mas nas calmas, ele sabe que eu *(palavrão)* se ele viesse para mim eu ia direito a ele, mas ele etá calminho e eu digo «Kasbek! pára de dizer asneiras, ele é o comandante em serviço, é ou não é, não tens vergonha?» «Não, não, não, não, não! e deixar o Oresniyi assinar por ti». Eu digo «Ok! Não há problema». Dirigi-me a Sergeevich e digo: «O que! *(palavrão)!* Um maluco!» *(palavrão)!* Tive de pegar eu mesmo na pasta de voo na secção de plano de voo e assinar como ZNA *(comentário: Deputy Chief of Department)*.

(1)? (N. da T. e da R.T.).
(2) Incompreensível na fotocópia que nos foi cedida (N. do A.).

1907:28 — CAPT — Ele pensa que não é suficiente? 1907:36 — CAPT — E ficou todo o tempo chateado «e então... vamos ver quando chegarmos a Varsóvia! Se o que falta é menos que sete! Vai ser preciso aterrarmos em Varsóvia». Estamo-nos a aproximar de Varsóvia! Alguns 6400, e é mesmo preciso aterrar. Ele chateado de novo. Digo: «Então Kasbek! Acalma-te, pára com isso, ainda faltam uma hora e vinte de voo, e aqui vamos ficar ainda mais, exactamente uma hora e quarenta e cinco minutos.» Mas aquele Modestov também *(palavrão)*, quando, lembras--te, quando em Pemba *(palavrão)*, naquele *(palavrão)*, e a situação é tão... tu voas pelo seguro *(palavrão)*, o tempo, sabes como é, começou a ficar *(palavrão)* aqui, somos criminosos ou quê? Ou somos uns bêbados *(palavrão)* ou quê?! 1909:12 — CAPT — Olha! Não acende para a descida. *(Comentário: referência à luz de aviso de baixo nível de combustível que se acciona durante a descida) (palavrão)*, que é isto? 1909:16 — NAV — Distância 120. 1909:38 — Isto (?) pode ser vendido, transmitido também *(palavrão)*. 1910:48 — NAV — 100 km. ENG — ... *(exclamação)*. 1911:03 — CAPT — Vou reduzir o da direita *(referência ao motor do lado direito)*. 1911:28 — CAPT — *(Palavrão) (palavrão)* dando tantas voltas *(comentário: referência à viragem do avião)* não pode ir a direito? 1911:32 — NAV — ... VOR indica esta direcção. 1911:39 — CAPT — Guardaste-me a caneta, Tolik? R/OP — Guardaste-me? 1912:08 — CAPT — Vova, tens uma caneta à mão? Eu tirei tudo. 1912:23 — CAPT — Obrigado *(em português)*. 1912:25 — ENG — Ok. *NOTA: uma frase provavelmente perdeu-se durante a rebobinagem da fita*. NAV — Até à aproximação eles devem estar a trabalhar. ? — A pessoa à direita está a conduzir. 1912:48 — ENG — Três cervejas e uma Cola, aqui. CAPT — Três cervejas, sim, Vova? ENG — Sim e uma Cola para cada. CAPT — Está bem. 1912:51 — COPILOT — E porque é que aquelas duas estão acesas e estas duas não *(comentário: referência às luzes do VOR no painel do centro). 1912:58 — NAV — Distância é 80. COPILOT — Deviam estar acesas, não é assim? 1913:05 — CAPT — Temos sempre isto assim?... a razão... (?). 1914:08 — CAPT — Toma-lo ou não?* (1). 1914:16 — Basicamente nos pés. 1914:57 — NAV — 60 km. 1915:01 — CAPT — O quê? Não vamos aterrar aos 20? Talvez (?). 1915:05 — CAPT — S-I-M!! (2). 1915:10 — ENG — Antes estávamos cerca de um minuto adiantados (?). 1915:12 — CAPT — Sim, agora são 1443. 1915:21 — NAV — No meu é agora 14... (?). 1915:24 — CAPT — 1445, bem, 15 minutos, deixa lá... (?). CAPT — Quanto é que falta? 1915:30 — NAV — 60 km. CAPT — 5 minutos. CAPT — Tomas conta dele, não Vova, mais tarde? ENG — Duas para cada, ou quê?

(1) Também poderá ser «Tomas conta disto ou não?». A partir de «temos sempre isto assim?», as duas frases seguintes são desconexas. (N. da T.).
(2) Um *sim* arrastado, segundo a AIM (N. do A.).

CAPT — Não, três cervejas e uma cola para cada, eles trouxeram igual para todos (?) 1916:37 — ENG — Três cervejas e uma cola para cada. 1916:43 — CAPT — Bem. 1916:58 — CAPT — Volodya, é preciso falar-lhes acerca do RV *(comentário: referência à inoperatividade do rádio altímetro)*. 1917:02 —R/OP — Diz-lhes, diz-lhes, já não é a primeira vez. CAPT — Lá porque eles escrevem *(palavrão)*, qualquer *(palavrão) (palavrão)*. 1917:21 — CAPT — *(Palavrão)*, não há Maputo? COPILOT — O quê? 1917:27 — CAPT — Não há Maputo? 1917:31 — CAPT — A luz eléctrica foi-se abaixo, camaradas! 1917:36 — COPILOT — Ali à direita, está ligada (?). 1917:42 — NAV — Há qualquer coisa que eu não percebo ahh... 1917:45 — CAPT — Não há qualquer coisa... (?). 1917:49 — NAV — O ILS desligou-se e o DME! 1917:51 — CAPT — Tudo se desligou, vejam, camaradas! 1917-57 — NAV — E os NDRs não funcionam! CAPT — Camaradas! 1918:04 — NAV — Sim, sim, tudo se desligou — o ILS, o DME. 1918:09 — COPILOT — E eles não têm electricidade. NAV — NDBs? COPILOT — E ali à esquerda... o que é aquela luz ali. CAPT — Exacto... algo estranho? CAPT — Bem, faz contacto. 1918:11 — COPILOT — 3000 pés! CAPT — Tolya, 3000 pés! R/OP — O quê? CAPT — 3000 pés. CAPT — *(palavrão)*. CAPT — ... *(interjeição do capitão) (palavrão)* mantenham-se calados, camaradas. 1918:36 — CAPT — Não! 1918:44 — CAPT — *(interjeição)* Negativo! 1918:46 — CAPT — *(interjeição)* ILS negativo. 1918:54 — CAPT — *(interjeição)* Não funciona. 1919:06 — CAPT — E o MDE. 1919:30 — COPILOT — E quanto aproximadamente? 1919:32 — NAV — 25-30 km. COPILOT — 25-30? CAPT — Sim.

CAPT — Algo está errado, camaradas. R/OP — Aqui eles deram um tecto de nuvens a 1800 pés, portanto toma isso em consideração. CAPT — É esta altitude, não é? NAV — Oito oitavos (10/10). 1919:38 — R/OP — Não, dois oitavos (3/10). NAV — E assim isto é... CAPT — Devia estar acesa... 1919:40 — CAPT — Avistam-se luzes ali à direita. COPILOT — A pista não está acesa... (?). NAV — A pista não está acesa? CAPT — ... há um problema... (?). 1920:01 — CAPT — Já percebi! (interfeição). 1920: CAPT — Que direita? Espera! Rumo... 24 ... o alarme parou... 1920:22 — CAPT — Não percebi nada. R/OP — Ainda não vês a pista? 1920:28 — CAPT — E que pista? De que é que estás a falar? 1920:32 — NAV — Vamos fazer uma aproximação directa? 1920:35 — CAPT — Estamos a fazer uma aproximação directa. 1920:38 — R/OP — Não, bem, conseguem ver a pista? COPILOT — Não, não há nada, nem cidade, nem pista. R/OP — Assim ele está a dizer que... CAPT — ... ele diz... COPILOT — O que é que ele diz? CAPT — Não percebo o que ele está a dizer...? CAPT — Não se consegue ver nada, camaradas... COPILOT — Diz-lhe mais uma vez para verificar as luzes. CAPT — Assim não, realmente nuvens para descer. 1920:54 — NAV — Alguns 18 a 20 quilómetros. 1921:02 — *(Comentário: durante as transmissões do rádio operador, um sistema de alarme soou: signado por SSOS — Sistema de Aviso de Aproximação ao Solo)*. 1921:12 — CAPT — Diabos! 1921:17 — CAPT — Não, só há nuvens, nuvens, nuvens. CAPT — *(Interjeição)* Não! Normal! 1921:32 — O alarme pára. 1921:36 — NAV — Não, Não, não há para onde ir, não há NDBs, não há nada. CAPT — Nem NDBs nem ILS. 1921:39 — **O impacto verifica-se após meio segundo de silêncio.**

NOTA: As transmissões do AFIS continuaram consecutivamente até o voo Moçambique 103, um Boeing 737, entrar em contacto.

Retratos no Teatro

Paulo Brandão

Por Manuel Cintra

Tem uns olhos reguilas de criança inquieta, que a barba não serve para esconder. Fala depressa, com pequenas paragens bem marcadas, como se fosse atravessado por uma corrente compassada por interrupções. Musicais, decerto. Mas os olhos afinal não são tão de criança como pareciam. Estão de um cansaço intenso, a pedir mais cansaço com uma espécie de alegria infernal. Um bicho carpinteiro. A construir música em todos os cantos.

Foto José Tavares

TENHO o Paulo Brandão sentado à minha frente, a uma mesa confusa que daí a pouco vai parecer não existir, quando ele estiver absorvido pela conversa. Mostra-me, pousado sobre a mesa, um pequeno piano eléctrico portátil. Liga, toca duas notas, desliga. «É o meu brinquedo. É assim que eu componho». E fala-me da infância, da sua paixão pela música, da dificuldade de ser músico e compositor em Portugal. Pega distraidamente num compasso que o filho ali esqueceu, e enquanto vai falando, move o compasso em todos os sentidos, como se fosse também um instrumento para exprimir o que está a dizer. No fundo, para este homem que está embebido de música, de ritmos e de silêncios, qualquer objecto poderia ser um instrumento. Só por isso reparo no compasso com que ele se pica quase sem dar por isso, continuando energicamente a falar.

Conta-me que a música já predominava na casa dos seus pais. A mãe fazia música, o pai era compositor e músico, violencelista na orquestra da então Emissora Nacional. Acha que o pai decididamente o marcou muito, o encaminhou muito para o universo da música. Embora tenha sido o próprio pai que a dado momento o tentou convencer a viver de outra coisa, achando que era muito difícil ser músico em Portugal. Mas não houve nada a fazer. Fala ainda do pai com muito entusiasmo, sublinha com reconhecimento a importância que ainda hoje tem para ele. Mais tarde, quando começou a compor, seria no início muito influenciado pela música do pai.

Começou a estudar música com quatro anos, na Fundação Musical Os Amigos das Crianças.

— É uma instituição pela qual eu tenho uma veneração muito grande.

Naquela altura era o grande conservatório. Formou muitas pessoas hoje importantes na música portuguesa. A Anabela Chaves, por exemplo, estudou lá, assim com o Jorge Moiano, o António Anjos, que é músico na Fundação Gulbenkian, toda uma série de músicos importantes passaram por lá.

Além de estudar música nessa escola, começou a estudar piano com a professora Amélia de Berderode, por quem sente ainda uma grande amizade. Ainda conserva programas de concertos dados a quatro mãos com Jorge Moiano, na Estufa Fria, teria uns sete anos...

Mas foi com 15-16 anos que optou definitivamente pela música, indo estudar para a Academia dos Amadores de Música durante cerca de um ano, de onde passaria para o Conservatório Nacional. Aí, chegou a altura de optar por um instrumento. Lembra-se que na origem dessa decisão tiveram muita importância uns serões que o pai organizava em casa, aos sábados, nos quais participavam muitos melómanos, se discutia e ouvia música, particularmente de Wagner... Como instrumento, viria a escolher a trompa, que ainda hoje é o seu instrumento.

Tratou-se também de poder ser músico, de exercer a profissão. Estava-se em 68 e na altura era extremamente difícil conseguir um lugar de músico em Portugal. Foi então que surgiu a hipótese de entrar para a Banda da Marinha, onde Paulo Brandão toca desde então. São 19 anos de prática a pertencer àquela banda e que constituem uma parte importante da sua vida.

— É importante. A Banda da Marinha é uma banda que faz repertório sinfónico. Em termos de reportório, fazem-se obras importantes. E eu tinha 18 anos. Foi muito importante começar a praticar. E na Banda, vive-se uma actividade muito intensa. Lembro-me que no primeiro dia, a Banda parou e eu fiquei a tocar sozinho... Foi realmente o meu segundo Conservatório... Foionde eu ganhei calo...

Entretanto, começou a surgir, no Conservatório, onde Paulo Brandão continuava como aluno, um grande interesse pela prática de música Coral, através de pessoas como Francisco d'Orey e Fernando Eldoro, que ainda hoje lá é professor e colega, pois o Paulo viria a ser precisamente professor de Coro no Conservatório.

Paralelamente, foi compondo obras, tendo sido muito importante nesse campo a sua actividade ligada ao Grupo de Música Contemporânea e a Jorge Peixinho, seu impulsionador, grupo onde tocou e onde foram interpretadas quase todas as suas obras. Refere-se também ao apoio importante de Constança Capdeville, que chegou a ser sua professora, e que tal como Jorge Peixinho o encorajou.

Surge, em 1976, um desafio novo, difícil e decisivo, quando foi convidado pelo Teatro da Cornucópia para compor música no espectáculo que então preparavam, «Ah Quiu». É afinal essa a razão desta entrevista, a actividade intensa que Paulo Brandão tem tido desde então como compositor de música para teatro e cinema, ingrediente importantssimo em qualquer espectáculo. E entenda-se como música qualquer efeito musical estudado para alimentar dado momento de um espectáculo. Seja ou não executado por instrumentos tradicionalmente musicais. É fácil entender que a música, neste campo, pode tanto servir um espectáculo como destruí-lo, contrariando ou absorvendo as pectos em vez de os realçar, pelo que é um ingrediente rico e cheio de subtilezas, perigoso e envolvente, capaz de ter acções decisivas para um espectáculo, por vezes até sem que o espectador se dê conta disso. Pense-se que quando há música, dela passa também a fazer parte a ausência de música, os silêncios, que podem ser tão fortes e importantes como os sons, quando bem estudados. Cabe portanto ao compositor musical uma responsabilidade muito grande, que se vai reflectir em tudo, começando pelos actores, em constante diálogo com essa música e sujeitos à sua acção fasta ou nefasta. E devo dizer, porque vi várias peças e filmes com música do Paulo Brandão, que ele tem uma imaginação prodigiosa, indo de experiência para experiência com cargas novas, sempre procurando outros sons, outros instrumentos, outro tipo de música, a que melhor possa servir o texto e o ambiente pretendido. Mas quando isso começou, precisamente com o convite feito pela Cornucópia, foi um desafio muito grande, uma nova dificuldade, muito difícil de concretizar.

— Senti-me com uma carga de responsabilidade muito grande, mas ao mesmo tempo muito feliz. A partir daí começou um relacionamento fundamental para a minha actividade criadora com a Cornucópia, que nunca mais parou, e esse relacionamento é uma escola para mim. Num país onde não há formação de músicos para teatro nem para cinema, a minha formação foi feita ali, na prática.

Conta que se sentiu muito comovido pelo cenário da Cristina Reis, que tentou sentir o ambiente e interpretá-lo, que isso não foi fácil, pois, para começar, a peça era difícil. Mas um ingrediente que muito o ajudou foi o facto de Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo, que então dirigiam a companhia, lhe darem indicações muito precisas, não lhe dizerem mais ou menos o que queriam, como acha que acontece muitas vezes, mas com grande precisão «quero isto», ou «isto». Acabou por entrar no comprimento de onda pretendido e saber com clareza o que lhe era pedido fazer. Aprendeu,om as experiências sucessivas, que em música para teatro não se deve partir para um trabalho com ideias preconcebidas, mas sempre para uma aventura nova, sem preconceitos. Das poucas vezes que assim não fez veio a arrepender-se, a ter que recomeçar tudo de novo. Cada texto é diferente, cada música é diferente.

Quando teve que compor para cinema, onde a sua primeira experiência foi no filme de Solveig Nordlund, «Nem pássaro nem peixe», novo desafio surgiu. Aí, ao contrário do que acontece em teatro, não se assiste a ensaios, ao nascer gradual de um trabalho. É preciso partir do filme projectado e de conversas com o realizador. Tudo se torna mais abstracto. Nesse campo, uma experiência que muito o marcou foi o seu trabalho para «A Ilha dos Amores» de Paulo Rocha.

- O Paulo Rocha disse-me assim: «Olhe, eu mudo a planificação toda se gostar da música». Foi o fim. Para o Paulo Rocha, cheguei a fazer música sem ver imagens. Com base em conversas e em textos. Sem saber a duração dos tempos. Mas houve várias situações em que eu fazia música e ela encaixava, tipo «puzzle». Quando vim de Tóquio, e fiz música para certas partes, chegou-se a um ponto em que era quase transcendental. Eu fazia a música e o Paulo Rocha dizia-me: «Era mesmo isto que eu queria».

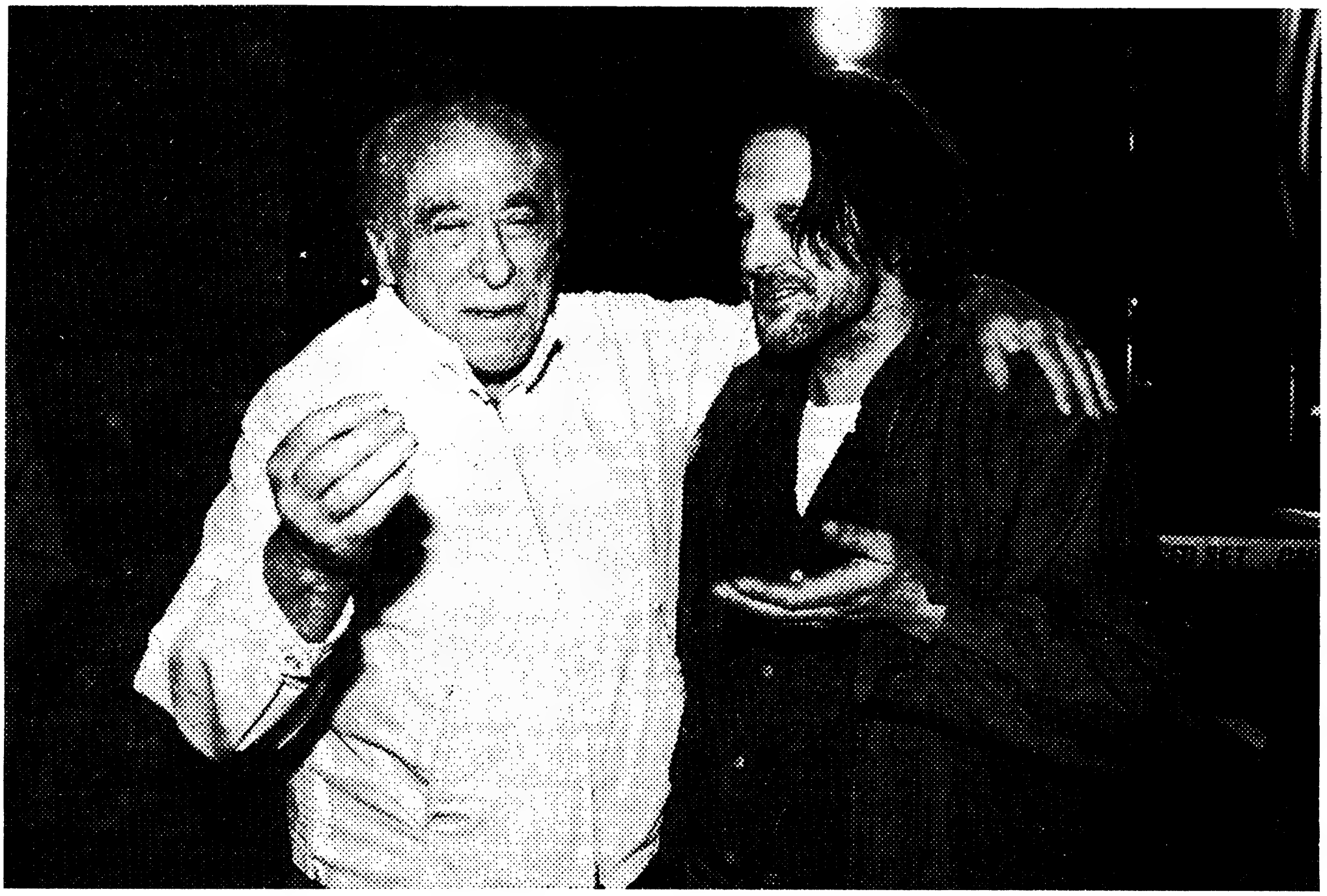
No acto criativo surgem por vezes coisas difíceis de explicar. Descobrem-se as soluções, elas nascem sem entender muito bem como, e são aquelas, sem dúvida são as melhores porque não poderia haver outras. Sente-se que para Paulo Brandão a vida tem estado cheia destes mistérios. E a um ritmo alucinante.

Neste momento, além de estar a compor uma ópera, em trabalho conjunto com Jorge Listopad (baseada no trabalho que ambos fizeram para «O Fim» de António Patrício), acaba de ser gravada em disco, pela primeira vez, uma obra sua, interpretada por Lopes e Silva, está a trabalhar numa obra sua que será estreada na Gulbenkian no mês que vem; tem um projecto de compor uma obra para o grupo Oficial Musical, de Álvaro Salazar; está muito interessado em concorrer a concursos internacionais de composição. Sente-se muito congratulado por duas obras suas já terem sido seleccionadas em certames internacionais: em 78 no festival de Helsínquia, e no ano passado, em Budapeste, a obra agora gravada em disco na colecção da S.E.C., foi interpretada por um guitarrista russo, não tendo, infelizmente, podido assistir.

Paulo Brandão compôs música igualmente para o grupo Marionetes de Lisboa, outra experiência diferente e interessante, e tem dirigido, de há vários anos para cá, o grupo coral Publia Hortensia.

Voltando à composição, queixa-se de muitas vezes um compositor compor músicas e não ter músicos à altura para as interpretar, nunca ouvindo aquilo que compôs corresponder ao modo como o concebeu. Problemas deste tipo são muitos, surgem repetidamente, geram uma luta constante. Também para espectáculo, quando a música é ao vivo e é muito difícil arranjar músicos que não sejam falíveis, que vão mesmo lá tocar todos os dias.

E depois cala-se. Reparo então no silêncio. Como o silêncio é forte neste homem. De vez em quando desliga, já não está ali, parece que por instantes começou a sonhar. Depois volta. Tira de um estojo um pequeno metrónomo electrónico, liga-o, parece absorvido pelos compassos que aquela máquina emite. Torna a fechar o estojo. Está vivo, a música é uma ebulição enquanto não foi escrita. Foi um parêntesis. Vai já ali a correr. O tempo não pára nunca. Já está a continuar a trabalhar. É uma melodia imperceptível. Nas têmporas, nos olhos, nas mãos.



Bukowsky e Rourke durante as filmagens de «Barfly» (foto Andrew Cooper, exclusivo «Le Monde»/«DL»)

«Barfly» em Los Angeles

■ Na senda dos «Contos da Loucura Normal», um novo filme sobre um escritor bêbado e uma deusa estragada associa Mickey Rourke e Faye Dunaway. Bukowsky, aliás Henry Chinaski, escreveu o guião e espiou de perto as filmagens.

LOS Angeles, *downtown*. À procura do *scotch* perdido. Uma subcultura, uma cultura. Um código específico e um outro universo, o de *Barfly* (pilar, coluna de bar) cuja filmagem terminou na semana passada da cidadela dos anjos, e o de Bukowsky: o autor escreveu o guião, Barbet Schroeder realizou, Robbie Muller recolheu as imagens.

Na folha diária de trabalhos pôs-se sempre em epígrafe a máxima ou frase do dia. Sempre de Bukowsky, nunca extraída do guião, sempre atribuída a «Henry Chinaski», nome do personagem representado por Mickey Rourke, escritor falido que Wanda, mulher esplendidamente perdida (Faye Dunaway) persegue.

Fim de dia na esquina de Washington Boulevard e da Main Street, quase diante dos estúdios da MGM: *roulottes* para os actores, um camião-cantina para a pausa-café, circulação «tipo anos 80». Entra-se num bar de bairro à beira do sórdido, e somos invadidos por essa estranha sensação de que o tempo parou: sabe-se que já nos anos 40 aquele bar tinha a mesma atmosfera, e os clientes a mesma cara. Há um pormenor ou outro que destoa levemente — a *juke box*, moderna de mais — e que dá conta de que, efectivamente, o tempo foi passando.

Rourke está ao balcão e apresenta cicatrizes, crostas, chagas mal fechadas: há dois dias, filmou-se uma cena de pancadaria e o actor meteu-se nela a fundo. De longe, lança-nos um sorriso contrafeito. Sequelas da cena de pancada?

— Não, é porque parti um dente da frente para representar este papel.

Cabeça de vagabundo, cor de papel de embrulho marinado em aguardente, mal barbeado, *tee-shirt* super-usada (fornecida por Milena Canonero, oscarizada pelo guarda-roupa de Barry Lyndon de Stanley Kubrick), cabelos gordurosos (sosseguem os fãs: é trabalho de cabeleireiro), voz arrastada à Bukowsky — eis o «novo» Rourke.

Eis que ele começa a andar, com o corpo em S, pnas abertas, queixo atirado para a frente.

— É asim que ele anda, que queres tu que eu faça — diz ele. — Ele bebe que nem um buraco, está sempre em equilíbrio instável e passa a a vida de pernas abertas. E como vive em bairros impossíveis, tem sempre o queixo adiantado como um *bulldog* feroz, para que não venham chateá-lo.

— Os tipos com quem eu vivia e que encontrava nos bares não eram do género de nos contarem a vida deles — segreda Bukowsky. — Ninguém dizia, por exemplo: «Quando estive nos *marines*...», nem «A minha mãe nunca gostou de mim». Podíamos estar sentados num bar durante vinte minutos ouvindo as moscas, tal era o silêncio.

Depois, subitamente, alguém levanta a cabeça e dir-se-ia que é o pássaro azul que voa em nossa direcção. Isto não quer dizer nada mas dá-nos um bom *feeling*. Então começávamos com graçolas. Era estranho. Diziam-se coisas muitos simples, mas que queriam dizer: «Que se pode fazer?» A vida é lixada, está tudo numa má, mas é assim que temos de viver.

Há dez anos que Bukowsky e Schroeder se conheciam, e há mais que Schroeder o lia. Sonhava fazer uma fita «no espírito de Bukowsky». Diz o escritor:

— Uma noite o meu telefone tocou, a minha mulher estava em casa, bebíamos muito, eu atendi. Está? E diz-me uma voz com uma pronúncia francesa: «Fala Barbet Schroeder e queria que você me escrevesse um guião». Respondi-lhe «Fuck you» e desliguei. Re-telefonema, a mesma pronúncia: «Não desligue». Era a sério: ele era realizador e produtor, tinha lido todos os meus livros, queria mesmo um guião. Eu disse-lhe: «Não gosto de cinema, nem escrevo guiões». Ia desligar e ouço: «20 mil dólares. Em quanto tempo consegue escrevê-lo?»

Se calhar acabou por gostar de escrever o guião.

— Prefiro sentar-me para escrever uma coisa que saia de mim, e não uma coisa que me disseram para escrever, mas, se comecei, aquilo anda e não tenho problemas. Não direi que ficou excelente, mas que é *quase* excelente.

Isso foi há oito anos. Desde então, Schroeder tentou fazer o filme. Em vão. Fez os *Batoteiros* com Bulle Ogier, depois voltou a Los Angeles. Nada. Persistiu e consagrou-se ao projecto nos três últimos anos.

— Ninguém o queria. «It's a downer», uma coisa deprimente, diziam. A condenação à morte. Eu bem explicava que era uma fita cómica, que o público ia rir do princípio ao fim, mas ninguém acreditava. Só quando vieram ver as filmagens é que começaram a perceber.

Rourke encontra Barbet em Los Angeles. O projecto e o realizador agradam-lhe. *Scotch* e simpatia, nasce a estima recíproca. Através de Barbet, ele conhece Bukowsky, identifica nele um irmão na demência, deixa-se embalar, na mesma noite diz que está de acordo. No dia seguinte, logo pela manhã, a *Cannon* aceit financiar o projecto. Rourke parte para Londres por causa de outro filme, encontra o seu amigo fotógrafo Terry O'Neill e a mulher... Faye Dunaway. Explosão luminosa: ela daria uma soberba Wanda. Já terá lido Bukowsky? Não. Ele dá-lhe livros, alerta Barbet por telefone. Barbet consulta Bukowsky, que quase tem um ataque e apanha o avião no dia seguinte. Faye aceita.

Rourke está todo ensanguentado, Faye acaba de lhe dar uma terrível pancada na cabeça. A discussão habitual. Estamos no Bryson, um desgraçado hotel do centro. O quarto é tão estreito que o engenheiro de som tem de trabalhar no corredor. Das janelas vêem-se anúncios, entre os quais um cavalo alado em «néon» vermelho mandado fazer pela produção, e também as palmeiras do Parque Lafayette. Igualmente aqui, a miséria, ao Sol, parece menos penosa. Nos corredores

■ «levantei-me esta manhã com uma das minhas mais belas ressacas» é uma das frases preferidas de Bukowsky/Chinaski. Ele conta que os vizinhos não estranhavam as discussões com Wanda, mas sim que ambos se pusessem a cantar. Rourke partiu um dente da frente para poder interpretar o personagem

do hotel, residentes passam indiferentes. A vida continua. Chinaski levou pancada de Wanda, que partiu, e acorda num mar de sangue. Não páram de bater à porta: detective, ambulância. Um *laid back* burlesco e *relax* que Barbet organiza com precisão.

Faye chega, despe-se, veste uma coisa cor-de-rosa com os olhos no chão. O quarto fica a parecer ainda mais pequeno e nós temos vontade de desaparecer no cenário: ela tem um soberbo talento para ignorr tudo e todos menos a pessoa com quem está a falar.

Barbet, Rourke, Robbie Muller, Faye, instalam a cena: Wanda e Henry falam um com o outro em voz baixa; sob o efeito o álcool, ela adormece. Ele levanta-se devagar, vai para a mesa e começa a escrever.

Voltamos ao princípio: estão todos prontos e vai-se filmar.

Wanda está nos quarenta, escreve Bukowsky no preâmbulo do guião. A inteligência nascida da desilusão. Mais alcoólica ainda que Chinaski. Mas, ao contrário dele, que bebe por não ter mais nada que fazer, ela bebe porque é a única coisa que vale a pena fazer. Passou pelo hospital psiquiátrico, foi casada, o marido morreu num acidente na East Coast: conduzia em estado de embriaguez. Wanda foi bela antes de o álcool começar a desfigurá-la: a cara começa a empastelar-se, o corpo a arredondar-se, e ela «deixa andar». Também lhe nasceram bolsas debaixo dos olhos. Passou a ser *sexy* de outra maneira, mais discreta. A sua bebedeira e a loucura no seu olhar fariam pensar que ela é um caso sério na cama — e é-o. Não procura os homens nem o sexo, e sim o álcool. Ainda veste a roupa do seu tempo de esplendor, que, naturalmente, está um pouco fora de moda. Os sapatos, especialmente, que são de luxo. Faye tem estilo mesmo ébria.

A verdadeira Wanda chamava-se Jane.

— Mas quando o nome é Wanda, beber torna-se obrigatório — diz Bukowsky. — É um nome perfeito para uma deusa estragada.

Como trabalhar um personagem que é uma *deusa estragada?* Faye sorri:

— Essa caracterização não chega para arrancar. Isso é o que Henry diz dela, a percepção que ele dela tem. De resto, Wanda é abordável... como todos os outros papéis. Pergunta-se, pergunta-se, procura-se e encontra-se. Fui aos bares da 9.ª Avenida em Nova Iorque — e é exactamente o filme. Até lá encontrei uma mulher que é exactamente Wanda, embora mais velha: a mesma fragilidade, as mesmas feridas interiores... Vinda de família rica, a tal espécie de *deusa estragada*.

O primeiro encontro de Wanda e Henry passa-se no Kenmore, outro bar de má-fama no fundo de Wilshire Boulevard. Ambiente tenso: é um novo lugar de filmagens... o outro bar já se tinha tornado em «home».

De costas em primeiro plano, totalmente fora de campo para os outros, Faye representa como se estivesse de frente. O olhar, *os olhares*, os dois cigarros, os dois golos rápidos de *scotch*.

— É essencial — diz ela - e é a primeira coisa que se aprende: trabalha-se tão a sério fora de campo como diante da câmara. É a regra do jogo.

Outros dizem adeus quando não estão enquadrados.

— Pois, mas eu não consigo. Assim ajudo aquele que está debaixo de fogo. Eu também preciso de que os outros estejam ali e me ajudem quando sou eu que estou em causa. Mickey está sempre presente, dá-me deixas que me provocam. Todos os verdadeiros actores com quem trabalhei fazem o mesmo. É muito importante — e é fácil: sabemos que não estamos a ser filmados. Fica-se ali pelo prazer da viagem... e porque um filme se faz em conjunto.

A equipa foi almoçar, o apartamento do Hotel Bryson está deserto. Paredes esforçadamente peladas, desordem nas gavetas e no armário. Um bricabraque de objectos, livros, revistas — e tudo, até aos fascos de comprimidos, tem a etiqueta «Wanda Wilcox». Parece que Faye acrescentou alguns objectos pessoais a tudo aquilo...

Diz ela:

— Tudo depende: se penso que coisas minhas convêm ao personagem, e se o realizador me convida a fazê-lo... Uma vez eu e Barbet falámos disso, juntamente com o aderecista. Perguntaram-me que livros, em meu entender, leria Wanda. Pensei no que Bukowsky me dissera sobre ela, e lembrei-me de clássicos. Barbet sugeriu Dostoiewski, e eu Jane Austen, além de alguns romances populares, porque Jane — ou Wanda — lia muitíssimos policiais e histórias de mistério. Além disso era uma fervorosa católica e dormia sempre com um terço debaixo da almofada. Eu trouxe o meu e pu-lo debaixo da almofada. São toques pessoais, pormenores que nascem da colaboração e de uma certa liberdade, de uma certa segurança e à-vontade. Talvez seja isso que faz um bom filme: estamos sempre ao serviço de um autor e de um realizador. Depois a coisa torna-se viva e evolui com o andar do trabalho.

Conta ela, depois de acabado o filme, oferecer-se uma bebedeira de quatro dias para se libertar do personagem? Ela ri:

— Uma bebedeira não sei, mas ficarei de cama certamente quatro dias ou mais.

La Fayette Park, junto ao hotel. Há muito sol e a equipa almoça na relva. Num banco, uma vagabunda faz o seu *taichi*. Bukowsky observa atentamente a fachada do Bryson. É a primeira vez que vem a este lugar das filmagens.

— Parece mesmo o sítio em que vivi com Jane-Wanda... Ou já não sei. Seria estranho... Não: devia ser outro hotel mais abaixo, do outro lado do MacArthur Park. Jane e eu estendia-mo-nos nestes relvados mais as nossas ressacas, a ver se decidíamos qual o sítio onde iríamos beber o próximo copo...

Bukowsky entra pela primeira vez no *hall* do Bryson, pára, pede para ver o elevador principal. Reconhece-o:

— Foi mesmo aqui.

No segundo andar, descobre que o pequeno quarto do fundo — o das filmagens — tem o número 3599 e fica paralisado: era o número do quarto que ele partilhou com Jane. Uma vez, da janela, viu um homem que tinha acabado de se atirar do nono andar:

— Ele tinha posto o melhor fato e os sapatos de verniz. Não me viu. Tinha os olhos vazios, à espera que algo passasse...

Henry Béhar

Monstros XVII

Chaké Matossian

Imaginação: poder monstruoso e monstruosidade do poder

A imaginação é fonte de erro e de terror, mas também pode, pelo medo que provoca, abrir, num filósofo, a via ao pensamento científico verdadeiro e à ideia de Deus. A imaginação dá a ver abismos aterrorizadores, «mises en abîme» que pertencem à ordem dos infinitos onde o homem, de gigante que era, se transforma em ínfimo animálculo, sempre perdido quer num caso quer no outro, porque infinitamente pequeno e infinitamente grande se encontram, formando um círculo.

A filosofia pascaliana funda-se neste pesadelo, que constitui ponto de partida de toda a reflexão. Como Georges Poulet notava a propósito do tempo pascaliano:

«O tempo, primeira construção externa e espaçosa do pensamento, encolheu até não passar de um quarto estreito e obscuro, no próprio centro do ser; ali passa, de um respiradouro a outro, a corrente de uma água invisível que em vão desejaríamos travar. Ou, como noutra espécie de sonho: quando sonhamos que queremos apanhar alguém que se afasta, e corremos com todas as nossas forças sem conseguirmos avançar um passo que seja» (1).

Só o trabalho a partir do pesadelo dá lugar à compreensão da essência do homem, «monstro incompreensível». Pelo contrário, o divertimento visa recalcar o pesadelo e projectar — ou transferir — o carácter monstruoso da imaginação no mundo da imanência, para maior benefício deste último.

Com efeito, todas as formas de poder se mantêm graças à imaginação, manifestam a sua força enquanto agem sobre a imaginação. O homem de poder joga com a imaginação, ao contrário do filósofo que a pensa para escapar quanto pode aos seus efeitos perturbadores e perigosos.

Por isso mesmo, o filósofo aparece assim como único capaz de desmontar os mecanismos do poder, o que de resto faz Pascal no que respeita aos nobres, ao exército, aos médicos, aos juristas... «Se os médicos não usassem sotainas e não montassem mulas, e se os doutores não tivessem bonés quadrados e roupa demasiado ampla e em quatro partes, nunca teriam conseguido enganar o mundo, que não consegue resistir a tão autêntica mostra... não possuindo senão ciência imaginária, eles precisam de adoptar esses vãos instrumentos que aturdem a imaginação com que estão a lidar» (2).

Assim, todo o jogo do poder funciona, visto que ele se dirige à imaginação das pessoas e não à sua faculdade de julgar. Os efeitos do poder consistem portanto em fazer-nos «empalidecer» e «suar» — metaforicamente —, quer dizer, consiste em nos inocular alguns elementos mórbidos que provocarão a nossa reacção sintomal (medo, respeito, etc., análogos à palidez e ao suor).

Pascal sublinha, entretanto, o papel fundamental das pequenas doenças na alteração do nosso juízo: «temos um outro princípio de erro, as doenças. Elas alteram o nosso juízo e os sentidos; e se as grandes os alteram sensivelmente, não tenho dúvidas de que as pequenas também produzem efeitos nas devidas proporções» (2).

Ao procurar dominar a imaginação, o filósofo opera simultaneamente uma profilaxia das pequenas doenças. Trata-se, em suma, de pensar as imagens que a imaginação oferece, evitando os sintomas.

Daí, o filósofo, por sobre o abismo, deve *abstrair* o seu Ego da *imagem* que a ele se apresenta — e é nesse sentido também que o Ego é odioso — para não pensar senão o abismo e elaborar uma teoria do vazio.

Toda a obra de Pascal se baseia, não apenas em objectos num *estilo l vertiginoso, numa «mise en abîme», num reenvio permanente, na frase, para o infinito, de um infinito para o outro, de um fragmento para o outro, para que ali nos percamos.*

Mal refeitos da vertigem do infinitamente grande, que consiste, aqui, em verdadeira vertigem com desmaio, como prova a frase «o homem, voltado a si...» (2), Pascal mergulha-nos no «novo abismo» do infinitamente pequeno.

Só a instrução nos permite escapar ao temor (e portanto aos sintomas): «quando se é instruído, compreendemos que, tendo a natureza gravado a sua imagem e a do seu autor em todas as coisas, elas apresentam quase todas a sua dupla infinidade» (2).

Graças à instrução, entendemos igualmente que a infinidade é a marca do poder infinito de Deus, e podemos assim escapar aos jogos de poder dos homens que se baseiam no poder da imaginação. Aproveitando a imaginação, fraqueza do homem, os mecanismos do poder imanente apropriam-se do poder divino, transcendente.

Em Pascal, a vertigem dos infinitos, dos abismos, do vazio, aparece assim como vertigem necessária, primeiro passo em direcção ao pensamento que permite ao homem escapar ao poder dos homens.

Notas

(1) Georges Poulet, **Études sur le temps humain,** ed. Du Rocher.
(2) Pascal, **Pensées.**

Cavaleiro perfeito (desenho alemão)

A sociedade sem «centro»: instituições e governabilidade em Niklas Luhmann

Saiu o n.º 5 da revista *Risco,* datado da Primavera de 1987. É o último editado por Fernando Jorge de Azevedo. A partir do próximo número, a revista dirigida por João Carlos Espada será publicada pela Editorial *Fragmentos,* entretanto constituída. Com a devida vénia, o *Sete Ponto Sete* divulga aqui o estudo que José Lamego dedica, neste número, a Niklas Luhmann, figura de primeira importância da cultura sociológica, política e jurídica alemã. Isto significa que, mais uma vez, este suplemento se associa à polémica sobre a *política contemporânea* que, em Portugal, é animada pelo grupo da Esquerda Liberal.

1. A evolução do sistema: complexidade e indeterminação

1.1. Luhmann e a revisão crítica da teoria sociológica

Autor de uma obra excepcionalmente vasta, Niklas Luhmann é hoje uma figura cimeira da cultura sociológica, jurídica e política alemã. O seu contributo para a sociologia do direito (1) é considerado como o mais significativo e original desde o aparecimento, em 1947, da obra clássica de Theodor Geiger, *Vorstudien zu einer Zoziologie des Rechts*. Mas, a par das contribuições sectoriais, nomeadamente para a teoria e sociologia (2) do direito, Luhmann pretende formular uma teoria geral de análise sociológica, cuja expressão mais acabada se encontra em *Soziale Systeme, Grundiss einer allgemeinen Theorie,* Frankfurt, Suhrkamp, 1984. Luhmann, tomando como referência a obra de Parsons, mas desenvoldendo-a criticamente, procede a uma revisão radical da teoria sociológica tradicional, nomeadamente das propostas weberianas. Rejeita as posições de base da «sociologia compreensiva» (3), nomeadamente a ideia de um agir social intencional dos sujeitos enquanto actores racionalmente motivados (paradigma de explanações motivacionais intencionais), adequando meios a fins (Zweckrationalitat: Weber), e a possibilidade da análise do fenómeno «poder» em termos de um paradigma de relações de autoridade-obediência. A abordagem «sistémica» que propõe concebe o sistema social como sistema «auto-referencial», um sistema que se autoprocessa e se auto-adapta, nos termos de uma lógica de contingência e indeterminação. No ensaio (Soziale Aufkärung» (4), Luhmann observa que se se quiser sintetizar a evolução da teoria sociológica do século XIX até hoje, poder-se-á falar da passagem de teorias dos «factores» (Fktortheorien) a teorias «sistemáticas» (Systemtheorien). As terorias dos factores são «tentativas de reconduzir o surgimento e as características próprias de dadas formações sociais a determinadas causas particulares, sejam necessidades económicas e os modos de produção que as satisfaçam, sejam impulsos psicológicos... ou diferenças raciais, condições climáticas ou mecanismos de selecção biológica» (cf. ob. ult. cit., p. 70). A análise sistémica vê a realidade social como um anexo de relações sistema-/ambiente, aberto a possibilidades infinitas; o sistema, como sistema de comunicação entre papéis — a sociedade é «comunicação; a evolução do sistema — a sua crescente complexidade — é concebida em termos «auto-referenciais» (5), conexionando-se, assim, a questão das condições de constituição do sistema com a sua «autonomia». A lógica do sistema é continuamente referida à complexidade que se autoconstitui entropicamente no próprio sistema. O sistema social não assenta em acções referidas ao indivíduo e às suas intenções-motivações — como no individualismo metodológico de Weber —, mas distribui-se em vários subsistemas (económico, político, jurídico, etc.), cifra-se num nexo de relações sistema/ambiente, governado por uma lei de «variedade necessária» (6), ou seja, de que o sistema tem tantas mais aptidões para se estabilizar, realizando o objectivo da sua própria sobrevivência, quanto mais puder reagir ao acréscimo da complexidade do ambiente com respostas diferenciadas.

As propostas metodológicas de Luhmann rejeitam a praticabilidade de explanações causalísticas dos fenómnos sociais. No ensaio «Funktion und Kausalitat», no início do primeiro volume de *Soziologische Aufklärung,* faz eco das críticas que ao nível da epistemologia Carl Hempel e Ernest Nagel moveram ao funcionalismo causalístico de Malinowski a Radcliffe-Brown, Merton e mesmo Parsons.

Luhmann resume nestes termos a mudança de perspectiva operada pela abordagem sistémica: «A teoria funcional dos sistemas, que está fazendo luz não só nas ciências sociais, mas também na moderna biologia, na técnica dos sistemas de regulação automática e na teoria psicológica da personalidade, não é já susceptível de ser entendida com base em pressupostos ontológicos. E assim, a estabilidade não é mais a verdadeira essência de um sistema que exclui outras possibilidades, mas, pelo contrário, a estabilização do sistema é concebida como um problema a resolver em vista a um ambiente mutável, independente do sistema... assim, a estabilidade não pode mais ser entendida como uma substância imutável, mas como uma relação entre sistema e ambiente, como invarição relativa da estrutura do sistema em relação a um ambiente mutável».(7)

Neste quadro, verifica-se a impossibilidade de reter noções como «ontologia» ou «ser», rejeitam-se as pretensões humanistas e inviabiliza-se pela base qualquer tipo de filosofia da história de carácter organicístico ou finalístico. Uma organização de tipo «autopoético» (8) socava as possiblidades de uma ideia ingénua de planificação optimística da sociedade: o grau de complexidade estrutural da sociedade moderna, em que se não podem controlar os nexos entre um elemento e todos os outros excede as possibilidades da previsibilidade organizativa. A lógica de contingência e indeterminação que preside à evolução do sistema social implica que uma sociedade complexa tende autonomamente a preservar-se, não através do controlo exercido através de métodos planificadores, mas antes na recusa da «des-diferenciação» entre os vários subsistemas: a produção do poder no sistema político, a criação de normas através de normas, no sistema jurídico (8), etc., permitindo a estabilização do «sistema» face ao «ambiente». A melhor planificação cifrar-se-ia na preservação de «cenários estratégicos».

1.2 O «iluminismo sociológico»

O desafio radical ao humanismo e ao historicismo representado pelo pensamento de Luhmann não pode deixar de implicar a rejeição da pretensão de renovar radicalmente a sociedade, com base em princípios racionais universais ou apontar-lhe um estádio terminal ideal.

A análise sistémica de Luhmann implica a rejeição dos pontos de prtida da cultura europeia tradicional, nomeadamente os elementos de base de uma filosofia social organicística e finalística, que se refere ao indivíduo como «elemento» do organismo social e vê na intersubjectividade o paradigma da racionaldade dos valores morais. A tradição milenária do direito natural reproduz-se, segundo Luhmann, nas várias propostas da tradição filosófica do humanismo ocidental, do iluminismo ao marxismo e mesmo à socilogia weberiana, caracterizados por «orientações normativas», de inspiração humanística e moralista. Trata-se de abordagens que utilizam esquemas conceituais excessivamente concretos e insuficientes (v. g. parte / todo, fim / meio), que perderam o seu potencial explicativo nos quadros de uma sociedade altamente complexa e funcionalmente diferenciada, como o é a sociedade moderna.

Contestando, como já antes fizera Popper face a Adorno (9), as pretensões normativas da teoria, a função crítica, «negativa», que à teoria social apontam os partidários da Escola de Francoforte, Luhmann considera que tais propostas não só limitam o acesso aos factos, como também, ordenando-se à tradição da «reabilitação da filosofia prática» e àquela outra, a tradição que poderemos chamar de «humanista» — onde se reconhecia a autonomia da *praxis* e se misturavam elementos descritivos e normativos (10) —, se inserem no quadro cultural da velha tradição europeia, o «que, ironicamente, leva a que os que pretendem criticar a sociedade e a minha teoria sejam em termos de pensamento mais conservadores».

Luhmann desafia as pretensões do iluminismo originário ou «racionalista», e o «mito da razão», incompatível com uma sociedade funcionalmente diferenciada e altamente complexa. A ideia (contrafactual) de um consenso racional ou de uma opinião pública racionante (Offentlichkeit) como norma crítica das instituições é um «tópico» fundamental das tradições humanistas do iluminismo originário ou «racionalista», como critério aferidor do máximo de razão a incorporar na História. Mas estas pretensões, coenvolvidas por uma ética filosófica concebida como teoria da argumentação, tendo largos pergaminhos na tradição filosófica (de Kant a Rawls, Habermas, Tugendhat ou Apel), passam por alto as questões institucionais e não atentam em que a ideia de «consenso» só é adequada em grupos de baixa diferenciação funcional e complexidade escassa (os grupos *face to face*), sendo que a institucionalização de sistemas de decisão (v.g. o direito) se destina precisamente a «economizar» sistematicamente o consenso.

Hoje, as ideologias «participativistas» da «nova esquerda» — e as suas legitimações intelectuais, de Macpherson e Jurgen Habermas ou Claus Offe — coenvolvem pretensões «disfuncionais» de repolitização global do sistema social e «sobreaquecimento» e paralisação do processo decisório (cf. infra 2.2).

1.3. As «semânticas» da modernidade

A sociedade moderna é um sistema sem «centro», funcionalmente diferenciada ede complexidade crescente e que «delaga» as suas funções básicas em subsistemas diferenciados, «auto-referenciais», que se autoprocessam e auto adaptam. O sistema social diferencia-se internamente, de tal modo que os distúrbios provenientes do «ambiente» sejam localizáveis e isoláveis em partes específicas do sistema, ou seja, em subsistemas autónomos. Soluções «desdiferenciantes», que não respeitem a auto-referencialidade dos subsistemas, são assim, disfuncionais. Nestes termos, a solução de conflitos jurídicos com base em critérios políticos ou morais bloquearia as possibilidades de diluição e absorção de conflitos pelo subsistema jurídico e o seu modo específico de mediatizar esses mesmos conflitos: são as perspectivas por *slogans* tais como «Estado de Justiça» ou por aqueles que reclamam uma solução «materialmente» justa dos conflitos jurídicos. A sociedade moderna é um sistema sem «centro», ao invés do que a velha teoria política pressupunha, ao atribuir ao subsistema político o carácter funcional de centro e vértice da sociedade e ao suporlhe possibilidades de «pilotagem» do sistema social global. E, portanto, as ideias de plano e planificação, enquanto instrumento do governo da *res publica,* têm limitações manifestas.

Para Luhmann a sociedade consiste

em comunicação — comunicação entre «papéis», não entre indivíduos — e repruduz-se por meio de comunicação. A «direcção da evolução» é concebida como uma «crescente improbabilidade de estados» e uma «cada vez mais problemática tomada de decisões», nos termos de uma lógica probabilística de indeterminação, que é característica dos sistemas «autopoéticos»: este modo de existência implica auto-organização e auto-regulação, o que tem de ser realizado não só ao nível da estrutura, mas, muito principalmente, ao nível dos elementos do sistema (11).

A «semântica» da modernidade proposta por Luhmann parte da constatação, evidenciada nos anos 60, de que a teoria da diferenciação não é suficientemente abrangente para abarcar todos os aspectos da modernidade e que assim, no dizer de Luhmann, Parson se tornara obsoleto ao insistir unicamente na diferenciação.

A descrição, nos termos acima referidos, dos padrões estruturais da modernidade é a proposta de Luhmann para a «leitura» das sociedades modernas. Contrapõe-a a outras duas, diferentes, «semânticas»: a «semântica» assente na ideia de «progresso», e que atribuiu o «progresso» sobretudo ao sistema económico — era esse o quadro intelectual da sociologia nascente; e a «semântica» que toma a noção de «diferenciação» como termo central e substitutivo — é a «semântica» que se afirma a partir de Durkheim, Simmel e Weber, até Talcott Parsons. Esta «semântica» assenta na noção central de *«diferenciação» e concebia a sociedade moderna como funcionalmente diferenciada* (e de complexidade crescente), em contraposição às sociedades pré-modernas, basicamente *estratificas*. E afirmava a correlação entre (diferenciação funcional: e «generalização dos sistemas simbólicos»: *o acréscimo de complexidade* implica o *acréscimo de abstracção* na organização dos processos sociais de comunicação em que as singularidades individuais ou grupais apareçam. Igualmente perante a lei, independetemente da raça, credo ou religião, sufrágio universal (*citoyen=homme*), personalidade jurídica, livre concorrência e liberdade de comércio são núcleos de ideias funcionais ao estabelecimento de processos sociais de comunicação dotados de elevado grau de abstracção, quer ao nível do subsistema político, como do jurídico ou do económico. O imperativo categórico Kantiano — e o critério de universabilidade como critério de racionalidade de normas e valores — tem idêntico alcance ao nível da ética, bem como a ideia de contrato social ao nível do pensamento político.

O mundo «desencantado» é um mundo amputado de uma ordem objectiva de valores. A articulação de sistemas axiológicos a partir de princípios universalísticos é uma nota peculiar da modernidade. Assim, *universalismo, contratualismo e criticismo* tornam-se perspectivas fundamentais nos diversos discursos sobre os valores, passando as tradições legitimatórias do poder e orientadoras da acção, especialmente as perspectivas mitológicas e religiosas, a perder a sua vinculatividade.

A modernidade retira legitimidade às perspectivas cognitivistas em matéria de valores: numa sociedade desagregada, altamente complexa e funcionalmente diferenciada, a ideia de «bem» torna-se relativa às perspectivas distintas de cada indivíduo. «Moderno» seria, assim, equivalente a «liberal» *hoc sensu* e «laico».

A «semântica» assente na noção central de «diferenciação» ofereceu uma série de pistas de «leitura» das mudanças religiosas, filosóficas e institucionais ocorridas com a modernidade, sobretudo ao afirmar a correlação entre *«diferenciação funcional» e «generalização dos sistemas simbólicos»*.

2. Complexidade e poder

2.1. O poder como «meio de comunicação»

Numa sociedade complexa e funcionalmente diferenciada, a política não é expressão geral da vida social. O subsistema político é um «subsistema», autonomizado, diferenciado e funcionalmente especificado, que tem como escopo geral a transmissão de poder, ou seja, de decisões vinculantes. O subsistema político codifica e generaliza simbolicamente o poder, na forma de um «meio de comunicação» particular, tal como outros subsistemas sociais codificam e generalizam outros «meios de comunicação» como o dinheiro, o amor, a verdade ([12]). Numa sociedade complexa, o poder não será tanto identificável com a coercibilidade física ([13]), com os instrumentos directos de repressão, mas, ao invés, como consistindo na possibilidade de que um sujeito ou uma pluralidade de sujeitos dispõem de traçar, mediante as suas próprias decisões, alternativas para outros sujeitos. É uma faculdade de «reduzir complexidade» para outros.

A teoria tradicional do «poder», de Maquiavel a Parsons, tende, na opinião de Luhmann, a conceber o poder como uma espécie de «bem» físico que pode ser adquirido, transmitido ou perdido, ou seja, como um atributo de que dispõe um indivíduo, um grupo ou uma classe social. As ideias de «tomada de poder» ou a caricatura do «assalto ao Palácio de Inverno» são manifestações à *outrance* desta visão tradicional do «poder». Luhmann sustenta que os pressupostos teóricos da doutrina clássica do «poder» não permitem explicar a abstracção, mobilidade e reflexividade dos fenómenos de poder na moderna sociedade industrial. A concepção de poder como «meio de comunicação generalizado simbolicamente» introduz aspectos importantes de inovação teórica para análise dos fenómenos de poder e legitimação nas sociedades industriais modernas ([14]).

Entendido nestes termos, o sistema político é caracterizado pela sua função de produzir poder, de emitir, em formas codificadas e generalizadas simbolicamente, decisões vinculantes. A função do sistema político traduz-se, nestes termos, em produção de «legitimidade».

Luhmann distingue no âmbito do sistema político dois «subsistemas»: o subsistema partidário, ou sistema político em sentido estrito, e o sistema da administração pública, englobando o legislativo, o executivo e o judiciário, unificados pela sua função de emitir, mediante procedimentos burocráticos, decisões vinculantes (15).

A relação entre administração e público é uma relação constantemente sujeita às pressões resultantes das expectativas do público, e, mais precisamente, encontra-se ameaçada — o escopo do sistema administrativo é a própria estabilização — pela excessiva heterogeneidade e complexidade das pretensões do público, resultante, por via da diferenciação funcional, de uma multiplicidade de expectativas particulares, correlativas aos diversos papéis e subsistemas.

2.2. A inflação de expectativas e a governabilidade

O sistema político-administrativo dispõe de meios de integração e de controlo que legitimam os processos de decisão. A legitimação assegurada por procedimentos (16) supõe uma situação de difusa disponibilidadores». Esta disponibilidade imotivada para a aceitação decorre da participação dos sujeitos em procedimentos institucionalizados, e e mediante esta participação que o sistema político garante a si próprio a obediência disciplinada dos cidadãos.

Nos procedimentos — o procedimento legislativo, o processo judicial, o procedimento eleitoral — os participantes assumem papéis particulares — deputado, autor ou réu, eleitor — em que a liberdade de actuação é canalizada através de procedimentos que supõem a neutralização dos seus papéis sociais quotidianos (17).

Assim, por exemplo, o eleitor insere-se num procedimento autovinculativo que habilita a administração a supor um apoio político às suas decisões vinculantes, enquanto mantém a maior independência possível face aos confrontos de interesses específicos do eleitorado (18). De um ponto de vista funcional, exclui-se do processo político a conflitualidade social radical.

A lógica «sistémica» das sociedades complexas coenvolve o objectivo funcional de «economia de consenso», ficcionando ou substituindo o consenso, e prescindindo de um consenso efectivo, assente em «convicções comuns» dos cidadãos. As ideologias «participativas» não só concentrariam no «político» um excesso de atenção disponível para outros temas — e provocando o esgotamento dessa atenção: o desencanto que surge nos períodos da «ressaca» de processos políticos conturbados —, como «sobrecarregariam» as instituições com pretensões excessivas, fazendo explodir a dimensão temporal dos processos decisórios.

A democracia não deve conduzir a uma sobrecarga de complexidade paralisante, não pode equivaler a que, em cada momento, cada cidadão tome conta e se pronuncie sobre tudo. O que a democracia deve comportar é a garantia estrutural da amplitude do âmbito da selecção política. A democracia é uma matriz de tomada de decisão ao nível político «estruturalmente indiferente» — o que decorre do elevado grau de abstração do sistema de intracção — aos particulares sistemas de valores e opções conflituantes (19).

EM)A conquista evolutiva que representa a diferenciação do «político» tende a assumir, face ao *stress* decisório provocado pelas crescentes expectativas do público, manifestações de paralisia selectiva, de um */ non/decision making/* que se vai avolumando no seio de instituições investidas de responsabilidades gerais (20), implicando esta */revolution of rising expectations* uma crise de governabilidade das democracias (21).

2.3. Complexidade e contingência

A abordagem sistémica de Luhmann representa um desafio radical ao optimismo historicista e ao pensamento humanista-progres-sista, que ele reconduz à velha tradição do pensamento europeu.

A evolução concebida como uma «crescente improbabilidade de estados» coenvolv uma perda de fé nos processos de intervenção e planificação sociais, a rejeição de perspectivas causalistas implica o abandono de crenças em processos de *social engineering* em que certos resultados pudessem ser obtidos, manipulando certas causas.

A evolução é contingência e indeterminação. Numa sociedade em que a reflexibilidade, complexidade e diferenciação funcional são as características marcates, os projectos de ordenação e racionalização globais têm de ser abandonados em favor daquilo que Popper denominava de *piecemal social engineering*. Os providencialismos de uma *hidden hand* do pensamento liberal tradicional ou da «marcha da história» marxista terão de ser rejeitados em favor de perspectivas em que a evolução seja vista como contingente, gradual e difícil — como «risco».

E aqui há que ter em conta a lição de Luhmann, mesmo que não se aceitem alguns dos seus pontos de chgada.

José Lamego

Notas

(1) Cf., nomeadamente, *Ausdifferenzierung des Rechts: Beitrage zur Rechtssoziologie und Rechtstheorie*, Frankfurt, Suhrkamp, 1981; *Rechtssystem und Rechts dogmatik, Stuttgart, 1974 (existe tradução italiana, Milão, Il Mulino, 1978, com uma introdução de Alberto Febbrajo). sobre o impacte da obra de Luhmann na teoria do directo, por todos, Hans-Martin Pawlowski, Methodenlehre für Juristen*, Heidelberg, C.F. Muller, 1981, maxime pp. 111ss; Alfred Bullesbach, «Systemtheoretische Ansatze und ihre Kritik», in: A. Kaufmann/W. Hassemer, *Einfuhrung in die Rechtsphilosophie und Rechtstheorie der Gegenwart*, Heidelberg, C.F. Muller, 1977, pp. 235 ss.

(2) Sobretudo, *Rechtssoziologie*, 2 vols., Reinbek bei Hamburg, Rowohlt, 1972, (existe tradução em língua portuguesa, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983 (1.º vol.), 1985 (2.º vol.); *Legitimation durch Verfahren*. Neuwied-Berlim, Luchterhand, 1969, 2.ª ed., 1975 (existe tradução, na minha opinião bastante deficiente, em língua portuguesa: *Legitimação pelo Procedimento*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1980). Para uma visão geral, a cuidada monografia de Alberto Febbrajo, *Funzionalismo Strutturale e Sociologia del Diritto nell'Opera di Niklas Luhmann*, Milão, Giuffrè, 1975.

(3) Para um panorama geral, Zygmunt Bauman, *Hermeneutics and Social Science: approaches to understanding*, Londres, Hutchinson, 1978.

(4) N. Luhmann, «Soziale Aufklarung», in: Luhmann, *Soziologische Aufklarung*, vol. I, Westdeutscher Verlag, Opladen, 1972, pp. 66-91.

(5) Luhmann recorre ao conceito, recebido da recente investigação biológica , de *autopoïesis* — com referência, sobretudo, aos trabalhos de Humberto Maturana e Francisco Varela —, relativo à aptidão de autoprocessamento dos organismos vivos. Cf., a este propósito, Peter Hejl, *Sozialwissenschaft als Theorie selbstreferenzielle Systeme*, Frankfurt, 1982, maxime pp. 21 ss. *Autopoïesis* (de *poïesis:* produção) é o conceito proposto pela teoria dos sistemas para designar o fenómeno de criação de elementos constitutivos através de elementos constitutivos; de sistemas iguais, mas dotados de variabilidade estrutural *(the same is different:* Glenville). Um sistema «autopoético» autoprocessa-se, ao invés dos fenómenos de *allopoïesis*, em que os elementos de um sistema são produto de outro sistema; a fenomenologia de um sistema «autopoético» vai ligada à sua autonomia e esta à questão das condições de constituição do sistema.

(6) O teorema cibernético da «variedade necessária» (*requisite variety*), formulado por W. R. Ashby, *Introduction to Cybernetics, cap. 11, Willey, 1956, pp. 202-18, reproduzido in* F. E. Emery (ed.), *Systems Thinking*. Penguin Books, vol. 1, pp. 100-120. Trata-se de manter a «complexidade adequada» do sistema.

(7) Cf. «Funktionale Methode und Systemtheorie» *in* Luhmann, *Soziologische Aufklarung* (4), pp. 31-50, p. 39.

(8) Um dos méritos, e decerto não0 o menor, de Herbert Hart foi o ter dado conta, em termos analíticos, do carácter «auto-referencial» do sistema jurídico, como sistema complexo de normas, consistindo numa união de *regras primárias e regras secundárias* (regras sobre regras: de reconhecimento, de alteração, de julgamento). O estatuto destas regras secundárias não é, todavia, inequívoco em Hart: ora se tratará de uma metanorma — ou de uma «regra constitutiva» —, como no caso da regra de reconhecimento; ora se poderá tratar de uma norma que confere poderes (*power-confering rules;* normas de competência; normas qualificatórias na acepção da teoria jurídica escandinava), como, por exemplo, nas regras secundárias de alteração Cf. Herbert Hart, *O Conceito de Direito* (1961), trad. port., Lisboa, 1986, maxime pp. 181 ss.

(9) Na «querela sobre o positivismo», ou seja, o modo como a Escola de Frankfurt crismou a discussão havida por ocasião da sessão da Sociedade Alemã de Sociologia, em Tübingen, 1961 (os textos que documentam esta discussão haveriam precisamente de ser editados sob o título *Der Positivismusstreit in der deutschen Soziologie*, Darmstat, Hermann Luchterhand, 1969). Este debate foi um fenómeno cultural marcante no panorama alemão das ideias do pós-guerra, assumindo evidentes ressonâncias ideológicas.

(10) Cf. o meu artigo «Racionalização Social e Acção Comunicativa: O Balanço da Modernidade na Teoria Crítica», *in Risco* n.º 4, Outono 1986, pp. 17-36. As teorias de Habermas sobre a questão da «legitimação» (enquanto problema normativo) supõem o ideal (contrafactual) de uma «comunicação intersubjectiva isenta de dominação» e ordenam-se mais a uma filosofia da história que à teoria social. A «teoria da sociedade concebida com intuito prático» de Habermas procura conexionar-se com a tradição aristotélica (pré-moderna) da unidade da «Política» e põe em causa a transformação da «Política», outrora disciplina «prática», em «Ciência Política» ou «Politologia» — Cf. Habermas, «Die Klassiche Lehre von der Politik in ihrem Verhaltnis zur Sozialphilosophie», *in* Habermas, *Theorie und Praxis*, 3.ª ed., Frankfurt, Suhrkamp, 1974, pp. 48-88; e, no mesmo sentido, em geral, os partidários da «reabilitação da razão prática» — cf. Hennis, *Politik und praktische Philosophie. Schriften zur politischen Theorie*, Stuttgart, Klett-Cotta, 1977; Ludwig Landgrebe, «Uber einige Grundfragen der Politik» *in* Riedel (ed.), *Rehabilitierung der praktischen Philosophie*, Freiburg, Rombach, vol. I, 1972, vol II, 1974, pp. 173-210; Gadamer, «Itineraire de Hegel», *in Critique — Vingt ans de pensée Alemande*, Paris, Editions du Minuit, Outubro 1981, n.º 413, pp. 881-894, maxime p. 889.

(11) Luhmann considera que »...the most important paradigm change in general systems theory brought about during the last decade, consists in extending the concept of self-reference from the level of structure to the level of the elements of the system. This requires a redifinition of the conceptual apparatus of systems theory and shifts its focus design and control to autonomy, from planing to evolution, from the distinction of statics and dynamis of the system». Luhmann, «The Self-Reprodution of Law ans its Limits» *in* Miranda Rosa (ed.), *Direito e Mudança Social*, Rio de Janeiro, 1984, pp. 104 ss. p. 109, n.º 4. Esta redefinição tem como noção central a ideia de *autopoïesis*.

(12) Niklas Luhmann, «Soziologie des politischen Systems», *in Soziologische Aufklarung* (4) I, pp. 154-77, maxime pp. 158-60: cf., igualmente. Luhmann, *Macht*, Sttutgart. Enke Verlag, 1975 (existe tradução italiana, *Potere e Complessità Sociale*, Milão, il Sagiatore, 1979). Luhmann inspira-se de modo muito directo em Talcott Parsons, Maxime, Parsins, «On the Concept of Political Power», in *Proceedings of the American Philosophical Society, 1963. vol. 107, n.º 3*.

(13) Luhmann não nega as conexões entre o poder (Macht) e a coacção física *(physische Gewalt)*, mas considera que, para além da sua função simbólica essencial, o uso concreto da coacção física é uma alternativa normalmente evitada nos quadros de uma sociedade evoluída. A coacção directa evidencia não o êxito do poder mas o seu fracasso, representando uma «alternativa a evitar», não só pelo decisor subordinado como pelo que exerce o «poder»: o «poder» é tanto mais eficaz quanto obtém dos subordinados uma obediência «espontânea» e uma renúncia pacífica a alternativas de confrontação. Nenhum sistema social moderno estaria em condições de se estabilizar se o exercício da força não fosse senão um recurso marginal e último, face ao complexo das relações de poder.

(14) Com arrimo à cultura política anglo-americana e, em particular, às análises de Parsons, D. Easton, Robert Dahl, Kaplan, etc...

(15) Cf. Luhmann, *Politische Planung. Aufsätze zur Sociologie von PolitiK und Verwaltung, Köln* — Opladen, Westdeutscher Verlag, 1971, maxime pp. 42 ss.; Rechtssoziologie (2), maxime, cap. IV, 7, sobre a questão da «legitimidade».

(16) Cf., em geral, Luhmann, *Legitimation durch Verfahren* (2).

(17) Cf. *Legitimation durch Verfahren* (2), maxime pp. 116-117: «A função de procedimento é, nestes termos, a diluição da insatisfação e a fragmentação e absorção de protestos. O motor do procedimento é, contudo, a incerteza sobre o resultado» (p.116).

(18) Cf. ob. ult. cit., maxime pp. 155 ss.

(19) Cf. o meu escrito *Sociedade Aberta e Liberdade de Consciência*, Lisboa, 1985, maxime p.47. Nestes termos, a funcionalidade do princípio maioritário seria a de assegurar uma «regra de preferência», estruturalmente neutra, entre núcleos de valores em competição.

(20) Cf. *Macht* (2).

(21) Contraditando Luhmann, v. Claus Offe, «Unregierbarkeit. Zur Renaissance Konservativer Krisentheorien», in: Habermas (ed.), *Stichworte zur «Geistingen Situation der Zeit»*, Frankfurt, Suhrkamp, 1979, 1.º vol., pp. 294 ss.

Mulheres do meu tempo

«O meu pai não me legou bens materiais: mas deixou–me uma grande vontade de percorrer a vida de espinha direita», disse–me a jornalista de televisão Manuela Melo, do centro de produção do Porto, quando a desafiei a expor–se nesta série de retratos das mulheres do meu tempo. Sub–chefe de redacção na prateleira, também apresentadora de programas de Informação, nomeadamente os telediários emitidos do Norte, Manuela Melo revelar–se–ia, a meus olhos, tal como a desejava o velho republicano seu pai e tal como dela dizem os que a conhecem melhor, de facto uma mulher de cara lavada e espinha direita. Atendendo à empresa onde trabalha e às perfídias do meio, este traço fundamental da sua personalidade não pode deixar de ser sublinhado.

Manuela Melo

Por DANIEL REIS

Foto Bruno Neves

Viver é mudar todos os dias

Não obstante isso, Manuela Melo é um espírito aberto à mudança e às transformações sociais e insiste, com alguma veemência, que viver, para ela, «é mudar todos os dias».

«Certas pessoas pensam que ser coerente é nunca mudar», disse. «Para mim é ao contrário: a coerência também se alimenta da mudança e eu estou agora disposta a fazer algumas coisas que deixei inacabadas há 20 anos atrás».

Foi deste anseio de mudança da minha geração, do modo como Manuela Melo o acompanhou e participou nele, que se alimentou, basicamente, o encontro com esta mulher de 42 anos de idade, divorciada, um filho quase a entrar na Faculdade, professora na Escola Superior de Jornalismo do Porto e uns olhos vivissimos, abertos para a vida.

Hoje, por hoje, o País conhece-a da televisão e respeita-a como profissional competente no seu meio, uma voz serena e portadora de ideias, que não raro estabelece o contraste nesse deserto em que progressivamente se tornou a RTP. Mas as notícias da participação dela na agitação dos nossos anos sessenta vêm muito de trás.

«A minha família era da pequena burguesia», conta ela. O meu pai era contabilista numa fábrica de lanifícios e a minha mãe doméstica. Só que o meu pai, apesar de 51 anos mais velho que eu, era de uma abertura de espírito incrível. Isso marcou–me muito, tal como a sua dignidade perante as situacões políticas da época. E eu, embora tenha crescido numa aldeia—naquela altura, Vale de Cambra era, praticamente, uma aldeia—nunca me senti discriminada como mulher, talvez por uma questão de convívio familiar, também por feitio pessoal, mas sobretudo porque tive hipóteses de ganhar a minha própria vida».

De Vale de Cambra, completado o curso liceal num colégio misto, Manuela Melo transferiu–se para o Porto com o objectivo de tirar o curso de Biologia. Perguntei–lhe se ao chegar à Universidade, em tempos de contestação, com o Maio de 68 ainda bem vivo e a crise académica de 69 em gestação acelerada, não alinhou também no assalto às paredes que a juventude desse tempo decidira derrubar, em confrontação aberta com o poder.

«Comecei a meter–me no teatro universitário, no desporto e em tudo o que permitisse exprimir a minha curiosidade perante a vida», respondeu. «Mas não pensava, então, que fosse necessário mudar muita coisa. Ao contrário, pensava que as pessoas eram todas como eu e que a vida devia ser vivida assim. Havia, no entanto, realidades a que eu já não era alheia, porque assistira em Vale de Cambra, verdadeiramente, à exploração de uma classe por outra. Eu vi casos de exploração de pessoas que me revoltaram e ganhei aí a consciência de que era preciso mudar. Mas o modo como se devia mudar é que eu não percebia muito bem. Fiz sempre as coisas por prazer e porque gostava de as fazer. As mudancas têm muito a ver com isso: o nosso papel nas transformações sociais acontece, em primeiro lugar, porque nos empenhamos nelas de uma forma viva e participante».

O curso de Biologia ficara, entretanto, incompleto e preso por uma cadeira, tal como ficara para trás o Teatro Experimental do Porto e o movimento dos dissidentes do TEP, que desembocou na criação do Grupo de Teatro Independente António Pedro (ainda apresentou duas peças de Mrozek num espectáculo único, «Pela boca morre o peixe») e esteve na origem da Seiva Trupe.

Em 1972, Manuela Melo entrou para a televisão, percorrendo a hierarquia, primeiro como colaboradora, na apresentação do TV Sete, depois, por concurso, para a Informação dos estúdios do Porto, até entrar no quadro da RTP, em 74.

Mulher madura e profissional experimentada, sente–se ao ouvi–la falar que tem tanta coisa para dizer mas não há tempo de antena disponível para ela dizer tudo. Coloca, aliás, o interlocutor perante o dilema terrível que é o de lhe aprisionar o discurso em cem linhas de prosa.

Fala de discriminações, nomeadamente políticas. Manuela Melo tem, também, ideias muito próprias sobre as vantagens que muitas mulheres, discriminadas pelo facto de serem mulheres, tiram dessa situação. Não resisto, a transcrever o que me disse sobre essa espada de dois gumes que é a relação homem—mulher, no quadro mais geral da luta contra todas as formas de dominação que motivou, anos a fio, a nossa geração:

«Os homens do meu tempo—Deus me perdõe e todos aqueles que evoluiram—não corresponderam a tanto que prometiam. Encontro hoje, passados que estão 40 anos, o tempo das nossas vidas, homens que francamente me desapontam. Eram tão prometedores em relação aos esquemas de igualdade que defendiam...»

Ela acrescentou algo mais sobre as mudanças que neste domínio específico, como noutros mais gerais, sentimos enquanto crescíamos, e atravessávamos os anos de brasa dos nossos vinte e trinta anos:

«A nossa geração é um bocado utópica. Viveu coisas tão importantes que se deixou embalar um pouco por isso e perdeu o sentido do prático, a nível político e a nível social. Para mim, a mudança tem de ser para melhor e utilizando, sobretudo, melhores métodos. Não sei se é isso que tem acontecido sempre e não desculpo quem diz e procede como se os fins justificassem os meios. Se temos de utilizar os mesmos métodos que outros utilizaram, então não sei que fins os possam justificar. A minha geração deu um pulo nisso e talvez por isso ela ficou um bocado inoperante. Para se fazer alguma coisa, nos tempos de hoje, ainda é preciso usar métodos com os quais eu e a minha geração não concordamos. Estamos, assim, um bocado atados».

De «abertura grande» fala Manuela Melo quando refere o 25 de Abril. Mas acrescenta que «foi tudo muito rápido e revelámos pouca capacidade de intervenção para aproveitar essa abertura e a mudança que não soubemos organizar»:

«Criámos muitas expectativas, a nós próprios e aos outros que vieram depois, e talvez não tenhamos realizado muito. Resta–nos a certeza de que as mudanças qualitativas, essas vão ficar».

Dúvidas, alimenta–as Manuela Melo como todos nós. Por exemplo se a pedagogia implícita no trabalho de televisão, mormente por uma mulher com responsabilidades públicas como ela é, não seria mais eficazmente exercida como professora que já foi. Certezas, também vivem muitas na sua cabeca, resultantes da experiência, como a de que, nos nossos tempo e lugar, predomina o paleio político em detrimento do trabalho técnico que falta realizar.

E foi com a anotação última duma dessas certezas, aliás já referida neste texto (viver é mudar todos os dias) que a deixei entregue ao seu dia a dia no Monte da Virgem, regressado eu ao lado de cá do écran, para a rever um dia qualquer, lendo–nos as notícias do mundo:

«Em Outubro, se houver lugar para mim, vou regressar à Faculdade de Ciências para acabar a cadeira que me falta da licenciatura em Biologia. Com ela poderei frequentar um curso de pós–graduação, que me permita concorrer à Escola Superior de Jornalismo do Porto, onde já colaboro, quando a escola criar o seu próprio quadro docente. Mas não é só por isso que quero regressar à Faculdade: é que sinto também a necessidade de mudanças a nível pessoal. A ideia entusiasma–me, porque gosto de aprender e sei que vou encontrar malta muito mais nova do que eu, com outra forma completamente diferente de estar na vida».

«E, depois, não tem uma certa piada voltar à Faculdade, quase ao mesmo tempo que o meu filho?», interrogou–se Manuela Melo, despedindo–se com o sorriso discreto de quem está na perspectiva de provar, uma vez mais a si própria, que viver é mudar todos os dias, sem que isso signifique quebra da coerência, que reclama como linha orientadora da sua vida.

Mensagens Pessoais

Maquetistas

Equipa de maquetistas, diplomados pelo IADE encarrega-se da execução de maquetas de topografia, urbanização, edifícios, interiores, objectos.
Telefones: 312688 ou 663763

Apartamento — Algarve

Alugo. Albufeira (junto Aldeia das Açoteias), com 2 quartos, sala e kitchnette. Junho, Julho e Setembro. Tel. 9210515 (depois 20 h).

Professor

Professor, tradutor e revisor executa, redige e corrige trabalhos, teses ou relatórios em língua portuguesa. Aceita trabalho tempo parcial. T. 785493, noite.

Tabularum

«Tabularum Geographicarum Lusitanorum Specimen» Encadernado, bom estado, ende-se melhor oferta. Tel. 437 30 97 das 18 às 21h.

Selos

Vendo colecções nacionais, estrangeiras, pagelas, colecções repetidas e Ultramar (1934-1986). Vendo tudo em conjunto (particular). Contactar pelo Tel. 664508. Das 14 às 19 h

Móveis

Vendo guarda-fatos grande (3 portas) e cómoda igual, madeira clara com as «almofadas» castanho dourado, e uma cama (de pessoa só) também clara, muito forte e boa, em madeira de castanho. Tem colchão moderno. Seis cadeiras, claras, fortes, em madeira de castanho do mesmo estilo dos móveis. Está tudo como novo. Dezoito meses de uso. À tarde telefonar 898336

Benfica-Superstar

Um livro polémico de Júlio Vieira sobre o futebol nacional. Palas Editores — Telefone 574903. Rua Quirino da Fonseca 4-cave-Dt.º 1000 Lisboa

Oferece-se

Senhora com apresentação, para loja de móveis, estilo e modernos, com 18 anos de prática.
Escrever para: Marliée Simões Travessa da Palmeira n.º 9 r/chão 1200 — Lisboa

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.